

WIGVAN PEREIRA DOS SANTOS

I'VE GOT A BLANK SPACE, BABY

**ESCREVA JÁ SEU
PROJETO DE PESQUISA
E VENÇA A TELA EM BRANCO**

REALIZAÇÃO:

SECULT
Secretaria de Estado
da Cultura



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este projeto foi contemplado pelo EDITAL DE SELEÇÃO DE PROJETOS nº 14/2024 –

Fomento Goiás Mundo Afora – PNAB – Goiás

© Todos os direitos reservados a Wigvan J. P. Santos. Proibido cópia integral e parcial.

Proibido publicação de trechos em sites, blogs e redes sociais sem o consentimento expresso do autor.

Sumário

“It's a new soundtrack”	6
"Are you ready for it?"	8
“long story short”	11
10 pontos fundamentais sobre a estrutura de um projeto de pesquisa:.....	11
Os maiores erros na elaboração de projetos de pesquisa e como evitá-los	14
Aula 1: “Everything you lose is a step you take”	18
Aula 2: “Cut me into pieces”	24
Atividades da Aula 2	28
1. Fatiando um único parágrafo introdutório	29
2. O esqueleto de uma dissertação curta (3 parágrafos)	31
3. Escrevendo um pequeno texto	33
Aula 3: "I'm looking for a place to start"	37
Atividades da Aula 3	41
Aula 4: “Paper cut stings from our paper thin plans”	49
A escolha do tema	59
Atividades da Aula 4	65
1. Identificar tópicos delimitados e viáveis a partir de um tema amplo.....	66
2. transformando uma repetição (obstáculo) em uma ponte (projeto viável)	67
3. Elaborar a delimitação completa do próprio tema.....	69
Aula 5: “It's me, hi, I'm the problem, it's me”	71
Atividades da Aula 5	85
1. Identificar as <i>red flags</i>	85
2. Transformar o caos em ciência	87
3. elaborando o seu próprio problema.....	88
Aula 6: Because these things will change.....	91
Atividades da aula 6.....	101
1. O teste do polígrafo: o que entra e o que sai.....	101
2. Dissecando a relevância (o cérebro vs. a rua).....	103
3. O diário da Princesa	104
4. Construindo a sua armadura.....	106
Aula 7: “I check the list and I check it twice”	108
Atividades da aula 7:.....	123
1. Consertando um projeto.....	123
2. Criando objetivos e hipóteses.....	125
Aula 8: "And I remember it all too well"	127
Aula 9: “What if I told you none of it was accidental?”	136
FAQ: o guia de sobrevivência da metodologia.....	147
1. O que é, afinal, a Metodologia Científica?	147
2. Qual é a diferença entre pesquisa Básica e pesquisa Aplicada? (Natureza)	148
3. Qual a diferença entre os métodos Dedutivo e Indutivo? (Abordagem)	148

4. Exploratória, Descritiva ou Explicativa: qual escolher? (Objetivos)	148
5. Qual a diferença entre pesquisa Bibliográfica e Documental? (Procedimentos)	149
6. Como escolho entre Questionário, Formulário e Entrevista? (Técnicas de Coleta)	149
7. Qual a diferença entre abordagem Qualitativa e Quantitativa?.....	150
8. O que é um Estudo de Caso?	150
Atividades da Aula 09	150
1. Ordenando o Caos	150
2. Defina o método	151
Aula 10: “August slipped away into a moment in time”	155
Atividades da aula 10:	162
“Dear Reader”	167
Referências Bibliográficas	173

“It's a new soundtrack”

Escrever é um ato de exposição. E, para muitos de nós, a folha em branco da academia não é um campo de possibilidades, mas um tribunal silencioso. O que Wigvan entrega neste livro não é apenas mais um manual de metodologia. O que você tem em mãos é, na verdade, um kit de sobrevivência — um mapa para quem ainda busca o passo firme nesse terreno.

Conheço o autor e sua trajetória há tempo suficiente para saber que este livro nasceu de uma observação atenta e empática da vivência do ensino e da orientação; nasceu de sua sensibilidade em perceber o brilho nos olhos dos alunos se apagar diante do peso de quererem ser "perfeitos" antes mesmo de serem "feitos".

O grande trunfo desta obra é a coragem de dizer o óbvio que quase ninguém na universidade ousa dizer: você não é a Beyoncé. E isso, acredite, é libertador.

Ao longo destas aulas, você será convidado a abandonar os delírios da escrita perfeita para abraçar o pragmatismo do fatiamento. Aqui, Wigvan nos ensina que um projeto de pesquisa não é uma epifania mística, mas uma construção de LEGO. Ele troca a agonia pela técnica, o desespero pelo cronômetro e a paralisia por uma tabela de palavras-chave.

A genialidade aqui não está apenas em descomplicar, mas em tornar real o que nos parece impossível. Usando uma linguagem contextual e viva, o texto nos conduz por uma jornada em que o "joelho ralado" da escrita é parte do aprendizado, e cada "fatia" de tempo e espaço nos aproxima do único objetivo que realmente importa: terminar.

Se você sente que a tela em branco está ganhando a luta, respire fundo. Este livro é o seu "Diário de Dificuldades e Soluções". Siga o método, respeite o fatiamento e, como o autor bem provoca, levante a cabeça para a coroa não cair.

O seu projeto não precisa ser a obra da sua vida. Ele precisa ser o próximo passo dela. E, com este guia, o caminho será muito menos solitário (e bem mais divertido).

Boa jornada. E, como Wigvan nos diria em uma conversa boa: Você vai conseguir.

Wilmar Filho

"Are you ready for it?"

Eu não conheço você, mas eu sei duas coisas: a primeira, é que precisa fazer um projeto de pesquisa ou não estaria aqui; a segunda é que é muito responsável e quer fazer isso da melhor maneira e até sabe por onde começar, mas não sabe COMO.

Você já deve ter visto muitas pessoas oferecendo soluções mágicas.

Talvez já tenha até experimentado alguma delas e tenha se frustrado por receber apenas palavras que não orientam com clareza, que não dizem **o que** você precisa fazer, **como** você pode fazer e **por que** fazer de tal modo e não de outro. Por isso, eu elaborei este curso.

Sim, este não é um livro puramente de teoria. Não é para você aprender conceitos e ideias de como se deve fazer um bom projeto de pesquisa. Nas Referências Bibliográficas, eu listo os melhores livros teóricos sobre o tema, caso queira se aprofundar. Embora escritos há bastante tempo, continuam sendo pertinentes. Alguns deles guiam minha prática docente e de pesquisador há, pelo menos, vinte anos.

O que tentei fazer neste livro é deixar de uma forma mais leve, com uma linguagem mais próxima da oralidade, com referências pop e um toque ácido, de vez em quando, como é do meu temperamento.

Se fosse para escolher um gênero literário, acho que o livro se enquadraria no gênero “tutorial de dança” – afinal, a escrita também é uma forma de dançar. Você precisa seguir alguns passos, mas pode (e talvez até deva, mas eu não gosto de dizer que ninguém deve fazer coisa alguma porque cada um sabe de si e eu custo saber de mim mesmo) colocar seu estilo, investir seu corpo, entrelaçar suas memórias, mobilizar sua sensibilidade e seus conhecimentos. Nenhum dançarino dança igual ao outro, mesmo

que seja uma peça extremamente técnica como O quebra-nozes. Nenhum escritor escreve igual ao outro – nem se usar o mesmo prompt de IA.

Não me entenda mal. Eu amo teoria, dedico boa parte do meu tempo estudando e escrevendo teoria, amo mais teoria que romance e poesia (que eu amo mais do que amo muitas pessoas). Neste momento, no entanto, você não precisa saber definições e nomes de teóricos. Você quer escrever seu projeto de pesquisa e esse tipo de coisa seria apenas para aumentar o tempo de estudo, a quantidade de páginas, o famoso “encher-linguiça”, para fazer este material parecer mais valioso. Eu acredito tanto, tanto!, neste passo a passo (me recuso a chamar de método) que eu não preciso gastar horas e horas dizendo coisas que não interessam. Além disso, meu objetivo com este curso é ajudar você a começar e a terminar seu projeto de pesquisa.

Você não precisa de teoria de “como fazer” neste momento, você precisa do famoso “colocar as mãos na massa”. E, em relação à escrita, a prática é tão importante quanto a teoria.

Eu acredito muito que o trabalho intelectual pode mudar o mundo em que a gente vive. Muitas vezes, as pessoas não fazem pesquisa, não são aprovadas em seleções de mestrado, não por falta de capacidade, mas por falta de alguém dizer “Siga este caminho, Não vá por ali”. Orientações simples e claras. E é por isso que eu fico muito feliz de poder ajudar pessoas a desenvolverem suas pesquisas da melhor forma possível. Tive muitos alunos desde 2010, em que dei pela primeira vez a matéria “Metodologia de Pesquisa”, que conseguiram resultados excelentes. Infelizmente, como meu tempo não é infinito e eu tenho muitas outras prioridades, eu não consigo ajudar todas as pessoas que me procuram. Por isso, resolvi escrever este livro-curso, e disponibilizá-lo de forma gratuita.

Não há mágicas, não há atalhos, não há um caminho fácil a menos que você esteja em cima dos ombros de alguém. E isso não é lá muito digno. Não há mágica mais eficiente do que o trabalho sério, responsável e com empenho. Por isso, recomendo que você separe um momento do seu dia apenas para o seu projeto. Sei que isso não é fácil – a vida, o universo e tudo mais – mas é importante a gente encontrar esse tempo e marcá-lo na agenda ou as pequenas demandas do dia a dia nos sugam para um espiral que nunca tem fim. Cada aula/capítulo terá uma atividade correspondente. Realize as atividades, por mais bobas que elas pareçam. As atividades são pensadas para que qualquer pessoa possa ir reunindo, aos poucos, as condições necessárias para fazer um excelente projeto de pesquisa. Não deixe para fazer depois porque talvez esse depois fique soterrado entre as muitas obrigações que você terá durante o dia. Acredite, eu sei bem o que é isso e também sei todos os sentimentos negativos que são ativados quando a gente se deixa arrastar para longe dos nossos objetivos.

Você pode selecionar o capítulo que quiser, a depender do estágio da escrita em que você se encontra. Por exemplo, se você já tem um tema, não precisa perder tempo com isso. Mas, pelo caráter progressivo, se você nunca escreveu um projeto antes ou não tem certeza se o que fez está certo, então talvez seja mais interessante seguir do começo ao fim, mas é só uma sugestão.

Espero que façamos um excelente trabalho juntos.

Até breve!

Wigvan

“long story short”

Para realizar um projeto de pesquisa, TCC, dissertação ou tese de alta qualidade, o conteúdo deve ser organizado de forma lógica e sistemática, para atender ao rigor científico exigido pela academia. Mesmo que eu tenha tido que não vou aprofundar em teorias, é importante a gente ter algumas noções fundamentais. Talvez você já saiba, mas talvez não de uma forma conceitualmente precisa.

Este glossário é para servir de guia de consulta ou de revisão, sempre que precisar, por isso está bastante resumido, como é da natureza dos glossários.

10 pontos fundamentais sobre a estrutura de um projeto de pesquisa:

1. **Escolha e Delimitação do Tema:** O tema é o assunto amplo que se deseja desenvolver, mas ele deve ser **delimitado a um tópico específico** para tornar a pesquisa viável. A escolha deve considerar a **afinidade do pesquisador**, a relevância do assunto e a existência de bibliografia disponível.

2. **Formulação do Problema:** O problema é a mola propulsora do trabalho e consiste em definir uma **pergunta clara, precisa e objetiva** que a pesquisa pretende responder. Um bom problema deve ser passível de uma resposta no tempo determinado para a sua pesquisa (2 a 3 anos para Mestrado, 4 anos para Doutorado) e ter uma solução viável dentro das condições do pesquisador.

3. **Justificativa:** Este item responde ao "porquê" da pesquisa, destacando sua **importância teórica, prática e social**. O objetivo é convencer o leitor ou a instituição sobre a relevância do estudo e sua contribuição para o avanço do conhecimento.

4. **Definição dos Objetivos:** Os objetivos indicam "para quê" se estuda o fenômeno. O **objetivo geral** é a visão global do que se pretende alcançar, enquanto os **objetivos específicos** desdobram as etapas necessárias para atingir a meta principal, sempre utilizando verbos no infinitivo (ex: analisar, verificar, identificar).

5. **Construção de Hipóteses:** São suposições ou **respostas provisórias ao problema** levantado, que serão confirmadas ou refutadas ao longo do estudo. Devem ser afirmações testáveis que relacionam duas ou mais variáveis.

6. **Revisão de Literatura (Embasamento Teórico):** É a fase de situar o trabalho dentro do "estado da arte", reportando o que já foi publicado sobre o assunto. Não deve ser uma "colcha de retalhos" de citações, mas um **diálogo crítico entre autores** que sustente a interpretação dos dados.

7. **Metodologia (Delineamento da Pesquisa):** Descreve "como" a pesquisa será feita, classificando-a quanto à sua natureza, objetivos e procedimentos técnicos (ex: pesquisa bibliográfica, experimental, estudo de caso). Deve especificar a **população, a amostra e as técnicas de coleta** (entrevistas, questionários, observação).

8. **Coleta e Análise de Dados:** Envolve a obtenção das informações e sua posterior organização e interpretação à luz do referencial teórico. A análise pode ser **quantitativa** (uso de estatística) ou **qualitativa** (atribuição de significados e interpretação de fenômenos).

9. **Cronograma e Orçamento:** O cronograma define o tempo necessário para cada etapa, garantindo que o trabalho seja concluído no prazo. O orçamento prevê os gastos com pessoal e material, sendo essencial para a viabilidade do projeto. O orçamento não é um item comum em projetos de pesquisa para ingresso na pós-graduação, mas é bastante importante para outros níveis de pesquisa, quando se submete à avaliação de alguma instituição ou órgão de financiamento.

10. **Redação e Formatação (Normas da ABNT, APA ou alguma norma específica da Universidade):** É desejável que o texto seja redigido de forma impessoal, mas em algumas universidades é aceitável a utilização da primeira pessoa do plural. É melhor evitar a primeira pessoa do singular, para que a avaliação não seja negativa por esse critério. A linguagem deve ser clara e objetiva, seguindo rigorosamente as **normas de padronização (ABNT, APA ou qualquer outra norma indicada pela Universidade)** para citações e referências. A estrutura final de uma monografia, dissertação ou tese deve conter obrigatoriamente elementos pré-textuais, textuais (introdução, desenvolvimento, conclusão) e pós-textuais.

Fazer um projeto de pesquisa é como **preparar uma turnê mundial**: você define o conceito geral da turnê, depois precisa escolher o repertório, ensaiar muito, cuidar da logística, lidar com os imprevistos e, no final, entregar uma performance que o público

jamais esquecerá – mas claro que, mesmo sabendo que entregou um ótimo resultado, sempre terá quem te chame de básica – desde que não seja nenhum avaliador ou membro da banca, está tudo bem, faz parte do show.

Os maiores erros na elaboração de projetos de pesquisa e como evitá-los

1. Escolha de Temas Panorâmicos e Excessivamente Amplos:

O pesquisador frequentemente tenta abraçar períodos históricos ou áreas do conhecimento vastas demais, o que resulta em superficialidade ou omissões graves.

Como evitar: Deve-se restringir o campo ao máximo, optar por temas monográficos específicos que permitam uma análise vertical e segura, garantindo que o pesquisador se torne uma autoridade sobre aquele recorte delimitado.

2. Dependência de Fontes de Segunda Mão:

Utilizar informações obtidas em orelhas de livros, resenhas jornalísticas ou citações feitas por outros autores sem consultar o original.

Como evitar: O pesquisador deve buscar fontes de primeira mão, como edições críticas ou documentos originais. Citar uma citação só é aceitável em casos de extrema inacessibilidade, devendo-se declarar explicitamente a fonte intermediária – de preferência com uma ressalva em nota de rodapé que explique que não se teve acesso à fonte original e que sua conclusão é a partir do que a fonte secundária transmitiu.

3. **Formulação Vaga ou Imprecisa do Problema:**

Propor perguntas que não podem ser respondidas cientificamente. **Como evitar:**
O problema deve ser formulado como uma pergunta clara, precisa, de natureza empírica e que relacione variáveis testáveis.

4. **Plágio e Falta de Integridade Intelectual:**

A apropriação indevida de obras de terceiros, seja por cópia direta ou paráfrase imprópria sem crédito.

Como evitar: Deve-se garantir autonomia autoral e fidelidade rigorosa às fontes, utilizando aspas para transcrições literais e referenciando todas as ideias alheias conforme as normas da ABNT, APA ou qualquer outra norma indicada pela Universidade.

5. **Gestão Inadequada do Tempo:**

Tentar concluir o trabalho em prazos irreais (menos de seis meses) ou estendê-lo indefinidamente por falta de foco (mais de cinco anos).

Como evitar: Estabelecer um cronograma realista que considere todas as fases, desde a escolha do tema até a redação final, respeitando a maturidade intelectual necessária para a pesquisa original.

6. **Uso de terminologia ambígua sem definição:**

Empregar categorias-chave sem precisar seus significados, o que compromete a clareza e a intersubjetividade do discurso.

Como evitar: O pesquisador deve realizar a conceitualização e a definição operacional de todos os termos técnicos e conceitos utilizados, tornando-os compreensíveis e unívocos para a comunidade científica. Não é preciso gastar muito tempo e muitas páginas na conceitualização, a menos que seu trabalho utilize um conceito como chave de interpretação. Por exemplo, se o tema for “A angústia em Grande Sertão: Veredas”, é importante que você defina bem a noção de angústia, se vai trabalhar a partir de um filósofo específico ou de vários ou até mesmo se vai apenas usar a definição do senso comum, conforme dicionarizada. Se seu trabalho depende de um conceito, você precisa separar algumas páginas para tratar dele. Caso contrário, uma nota de rodapé já é o suficiente.

7. Negligência com aspectos éticos:

Realizar pesquisas envolvendo seres humanos ou o manejo de suas informações sem os devidos cuidados morais e legais.

Como evitar: É imperativo submeter o projeto à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e garantir o Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes.

7. Subjetivismo e contaminação por preconceitos:

Permitir que ideologias, opiniões pessoais ou valores do pesquisador distorçam a interpretação da realidade observada.

Como evitar: Buscar a "objetivação", tratando os fatos sociais como "coisas" e garantindo que o estudo forneça elementos que permitam a verificação e a contestação pública dos resultados.

8. Falta de coerência e sistematicidade no plano de trabalho:

Elaborar capítulos que não se comunicam ou que se afastam da hipótese central. Se seus capítulos não seguirem uma linha de raciocínio geral, se não forem conectados em prol do objetivo do trabalho, por mais bem escritos que sejam, não formarão um todo e sim uma coletânea de artigos independentes.

Como evitar: Criar um "índice como hipótese de trabalho" logo no início, para definir a estrutura lógica, e utilizar referências internas constantes para manter a coesão de todo o texto.

Aula 1: “Everything you lose is a step you take”

A escolha do tema para o projeto de pesquisa é o primeiro grande passo.

Não se trata apenas da importância de se escolher algo para guiar seus estudos e sim da importância de se escolher algo ao qual você se dedicará por um longo período.

Além de tudo, isso é algo do qual depende sua aprovação em uma seleção de pós-graduação ou para a obtenção de diploma.

Por isso, por saber que é algo tão importante, você quer que seja perfeito.

Precisa ser perfeito. Mais que perfeito, precisa ser incrível. Mais que incrível, precisa ser impressionante. Algo que a banca de avaliação dirá “Essa pessoa nem precisa fazer uma seleção, com um projeto de tanta qualidade ela já está apta para receber um título de doutorado. Quiçá, um prêmio Nobel.”

Só de escrever essa frase eu senti um calafrio.

Calma. Respira. Nos próximos capítulos vamos trabalhar juntos & shallow now, como disse a grande filósofa Paula Fernandes, não para que você faça algo perfeito, mas que para que você faça um trabalho que atenda a níveis de exigência práticos e objetivos. “Perfeito” é um conceito muito amplo e nada objetivo. É um conceito também muito ambicioso.

Nada contra ambição, inclusive amo. Mas ambição sem método, sem conhecer as próprias limitações, sem reconhecer os passos necessários não vai levar você a lugar nenhum. Pelo contrário, pode causar uma paralisia imensa. E você só vai querer tomar vinte litros de sorvete, chorando e cantando All BY MYSELF sem querer se levantar da cama.

Você é uma pessoa. E uma pessoa não tem a obrigação de ser perfeita. Seu valor não está na perfeição que é capaz de alcançar. E um texto, por melhor que seja, nunca será perfeito. Isso não é uma desculpa para você se contentar com algo ruim. Você não deve se contentar em dizer “foi o melhor que consegui”, você tem que sempre se empurrar um degrau acima, por mais árduo que seja. Ou sempre ficará no mesmo lugar dando desculpas que não servem nem para consolar, pois no fundo você sabe que isso é apenas um autoengano momentâneo.

Então, mantenha a calma. Não se desespere com essa tarefa. Mas também não se acomode. “Levanta a cabeça, princesa, senão a coroa cai!”

O projeto de pesquisa é um passo importante na sua trajetória acadêmica, mas não será a obra da sua vida. Não será com ele que você ganhará o Nobel. Se for um projeto de Iniciação Científica, ele resultará apenas em um artigo de umas trinta páginas, talvez menos. Se for um projeto para o TCC, resultará em uma monografia de umas cinquenta páginas. Se for um projeto de Mestrado, em uma dissertação de cento e poucas páginas.

Você escreverá vários outros trabalhos. Sua trajetória acadêmica está só começando.

Esta primeira aula é quase um desmotivacional porque é fundamental que nós exercitemos esse reajuste de expectativas. Nós devemos nos cobrar, não estou dizendo o contrário. Mas temos que nos cobrar de forma sensata e realista. Nenhum atleta começa a treinar em um dia e no outro já ganha uma medalha olímpica. Ninguém entra na escola em um dia e no outro já está alfabetizado. A vida é assim. Uma sucessão de pequenos passos.

Precisamos de tempo. Precisamos, inclusive, das falhas – já dizia a grande filósofa Taylor Swift na música da qual eu retirei o verso que intitula esta aula.

O que não precisamos é internalizar um juiz implacável que nos condena a cada erro e que nunca está satisfeito com nosso rendimento, por melhor que seja. O que não precisamos é ter medo de errar porque o erro faz parte do processo de conhecimento. Tenho certeza de que você ralou os joelhos ao aprender andar de bicicleta. Tenho certeza de que você tomou uns goles de água ao aprender a nadar. E foi assim com tudo o que você aprendeu.

O que quero dizer é: você vai sofrer ao escrever o projeto de pesquisa. Sinto muito ao dizer isso, mas nada na vida é absolutamente fácil. Você precisará pensar, estudar, escrever, revisar, reescrever, estudar um pouco mais: nada disso é fácil. Você passará por uma curva de aprendizado e isso exige dedicação.

Essa dificuldade não será o fim do mundo. Será um joelho ralado. E, a cada dia, você conseguirá se equilibrar melhor sobre as duas rodas da bicicleta. Não se desespere. O desespero só é de alguma serventia se você quiser escrever um tratado de existencialismo, como nosso amigo Kierkegaard.

Lembre-se, no entanto, de que ser paciente com as próprias dificuldades e não se exigir além do razoável são coisas diferentes de ser autocondescendente. É importante o equilíbrio entre não se julgar de forma feroz e não fazer nada para se aprimorar um pouco por dia. Aceitar nossas limitações presentes não é o mesmo que aceitar estar limitado para sempre.

Juro que este será o único capítulo com esse teor mais autoajudístico. Mas é que, em mais de dez anos orientando pessoas em seus projetos, vi tanto pessoas desesperadas quanto pessoas dizendo que não podiam fazer nada melhor mesmo, que

eram burras, que não serviam para a vida acadêmica. E eu tenho cá para mim que ninguém precisa querer a vida acadêmica, que isso não diz nada sobre a capacidade intelectual de ninguém, mas também acredito – e tenho visto em todos esses anos nesta indústria vital que é a docência – que qualquer pessoa é capaz de fazer um bom projeto e de seguir a vida acadêmica, se assim o desejar.

Se isso não se aplica a você, uau, você já está em um ponto mais tranquilo da caminhada. Mas, se aplica, vou pedir para você fazer um exercício bem bobo, mas que eu faço sempre antes de iniciar qualquer coisa. Escreva as suas expectativas mais grandiosas e delirantes a respeito do seu projeto de pesquisa. Pode, inclusive, colocar “ganhar o Nobel”, se for realmente o caso, “escrever um projeto tão bom que o avaliador vai ler e me recomendar para ser Professor Adjunto”, “ser tão bom quanto fulano de tal”. Não se envergonhe e, principalmente, não minta para si. Ninguém vai ler. Ao transcrever essas expectativas ambiciosas, você perceberá que a sua sensação de temor está muito relacionada a esses desejos de grandeza que todo mundo tem, em grau variados. Quando a gente coloca essas expectativas por escrito, a gente percebe que a maior parte delas é inatingível, ou melhor, que elas dependem de diversas circunstâncias sobre as quais não temos nenhum controle, de uma grande sorte ou até mesmo de um milagre.

Depois dessa lista, sugiro que você faça uma lista com **expectativas realizáveis**, isto é, de forma objetiva e concreta, e que dependam exclusivamente de você. Eu penso que o maior objetivo ao começar o projeto de pesquisa deve ser “Terminar o projeto de pesquisa” – eu sou a pessoa mais lenta que eu conheço, meu maior desejo ao começar qualquer coisa é sempre TERMINAR porque se eu me deixar livre, arrasto uma tarefa por vinte anos (este curso mesmo eu comecei no início da pandemia e veja só em que

ano estou lançando rs). Esse é um exemplo. Outro exemplo, melhor: Terminar meu projeto de pesquisa em 60 dias. Daí você pode partir para tarefas menores: estudar uma hora por dia, escrever uma página por semana... Você perceberá ao fazer isso que “terminar meu projeto de pesquisa em 60 dias” é muito menos assustador do que “escrever o melhor projeto já escrito no universo que me fará aparecer no Guinness Book, dar entrevista para o The New York Times e pedir três músicas no Fantástico”.

Uma coisa que me ajuda muito, também, é escrever algumas frases *desmotivacionais*. Como “Eu não sou obrigado a fazer o melhor projeto do mundo”, “Se eu estiver fazendo tudo errado, depois eu corrijo”, “Este projeto não é a obra da minha vida, é só um trabalho”. Uma, que eu adoro falar para mim mesmo: “Eu não sou a Beyoncé!”, ou ainda, em outra versão “Calm Down, Beyoncé” – Se você sabe de onde eu tirei a frase, levante a mão e diga “Party”. Se não, tudo bem, você também não tem a obrigação de entender referências de Rupaul’s Drag Race. =P

Além disso, eu gosto de fazer um “Diário de Dificuldades & Soluções”. Eu tenho um arquivo de quase mil páginas em que anotei as dificuldades que apareceram e as soluções que encontrei durante a escrita de algum projeto. O anterior eu perdi ao trocar de computador e, antes dele, tive um caderno físico como os neandertais. É muito bom ter esse arquivo para poder recorrer a ele sempre que me sinto incapaz de resolver algo, frustrado com as minhas limitações, de sair de um determinado ponto. É um registro do percurso. Um diário de viagem. E, hoje em dia, até me sirvo dele para ajudar pessoas que passam por dificuldades semelhantes às que já enfrentei. Para minha atuação como orientador é algo muito útil.

É um bom exercício, pelo menos. Acredito que esse minuto de autorreflexão sobre nosso trabalho é, além de tudo, prazeroso. E, se você não ganhar nada, também não irá perder, né? O que que custa escrever duas frases? Acho que não custa tentar.

Agora, sim, vamos começar.

Aula 2: “Cut me into pieces”

Eu sei. A tela em branco assusta.

Passo por isso sempre que vou começar a escrever. Todo início é angustiante.

Há algumas coisas que nós podemos fazer para diminuir esse medo.

Em primeiro lugar: saber o que fazer. Se você vai para um lugar que nunca foi, é natural que fique com medo de se perder. E o que você faz para não se perder? (Para a metáfora funcionar, vamos fingir que smartphones não foram inventados, que internet móvel é uma utopia e que Google Maps é coisa de Star Trek, ok? Ok.) Isso mesmo, você desenha um mapa, a partir de orientações.

Um projeto de pesquisa tem uma estrutura básica. Há variações, mas os elementos fundamentais são os mesmos sempre. Essa estrutura consiste em Tema e Delimitação do Tema, Problema, Justificativa, Objetivos, Hipóteses, Metodologia, Pressupostos Teóricos, Cronograma e Referências Bibliográficas.

Então, em vez de pensar “Preciso escrever o Projeto de Pesquisa e não sei o que fazer da minha vida a partir de agora”, você deve pensar “Preciso fazer o tópico sobre o Tema e a Delimitação do Tema”.

Mas você não vai parar por aí. Você fatiará ainda mais. Você fatiará cada uma de suas ideias para esse tópico. Faça como Hannibal Lecter ou o psicopata ficcional de sua preferência (acho melhor não tratar de psicopatas reais, vamos manter a coisa lúdica) e não tenha medo de usar essa faca imaginária. A tela em branco é que tem que ter medo de você agora: afinal, você tem uma faca e não tem problemas em usá-la para satisfazer seus planos.

Se você é uma pessoa que fica travada por exigir de si muita perfeição, a primeira coisa que você fará será escrever a palavra RASCUNHO bem grande no topo da página. Todo texto é um rascunho porque nenhum texto fica pronto de primeira. Esperar escrever algo perfeito logo de cara só fará você ficar de frente para a tela em branco por mais tempo. Parece idiota, mas funciona ter isso mente.

Depois de escrever “Rascunho”, o que você fará a seguir é resumir o que você irá desenvolver no texto em uma frase.

Se fosse um capítulo de uma tese sobre a Literatura de Cuba, por exemplo, você poderia escrever: “Neste capítulo, escreverei cinco páginas sobre a escritora Gertrudis Gómez de Avellaneda.”

Pronto: já disse o que precisa fazer. E a tela já não está mais em branco.

Sinta esse alívio entrando pelas suas vértebras. Quase uma aula de yoga mental.

E o espaço já não está mais infinito porque a quantidade de páginas que irá gastar está determinada. Essa delimitação do espaço em branco torna a coisa mais concreta.

Se você sabe a quantidade de páginas, pode até determinar a quantidade de tempo que gastará para escrever. Vamos supor que você reservou vinte horas para essa tarefa dividida em quatro dias: você terá quatro horas para desenvolver cada página.

Fatiar o tempo também é importante.

Deixar o tempo correr solto prejudica a nossa concentração porque dá a sensação de que temos todo o tempo do mundo e isso não é verdade. Prazos existem e precisam ser cumpridos. Se não temos a consciência do tempo do qual dispomos para cumprir determinada tarefa, temos a sensação de que trabalhamos muito mais do que, de fato, trabalhamos.

Muitos alunos me dizem “Gastei uma semana para fazer esse texto de duas páginas” e eu sei que eles estão realmente cansados como se tivessem trabalhado por todas as horas livres dos seus dias, mas também sei que isso não aconteceu. Essa sensação de cansaço também ocorre pelo stress causado ao perceberem o prazo se esgotando e as páginas continuando em branco.

Pronto, você já fatiou o espaço (cinco páginas) e o tempo (vinte horas).

Agora você precisa fatiar o conteúdo: o que você precisa escrever em cinco páginas sobre a escritora Avellaneda? (Para seguir com nosso exemplo)

- Uma página introdutória;
- Uma página sobre a Autobiografia;
- Uma página sobre a obra poética;
- Uma página sobre os romances;
- Uma página sobre as peças de teatro.

Pronto, houve um novo fatiamento do espaço. Agora você não tem mais cinco páginas em branco: você tem uma frase de resumo e cinco tópicos a serem desenvolvidos.

Agora, você fatiará de novo porque cinco tópicos é algo melhor do que cinco páginas em branco, as coisas estão mais concretas, mas são apenas pontos de referência, você ainda não sabe a rua, a quadra, o lote, o número do prédio e o número do apartamento. É como se alguém falasse para você: “Eu moro perto da Torre Eiffel”. Ok, meu anjo, e eu faço o quê quando chegar lá? Fico gritando até você me ouvir? Ou faço uma faixa imensa com um “JÁ CHEGUEI” até você conseguir me avistar? Preciso de mais informações.

O tópico da introdução, por exemplo, você poderia fatiar assim:

- Seis linhas sobre o contexto histórico de Cuba;
- Seis linhas sobre a condição feminina em Cuba
- Seis linhas sobre a importância que ela teve para as letras cubanas;
- Seis linhas com alguns fatos marcantes de sua biografia;
- Seis linhas falando de forma geral de suas obras;
- Seis linhas relacionando-a a influências que sofreu e que exerceu sobre outros

escritores.

Agora, você pode fatiar de novo o tempo.

Você tem quatro horas para desenvolver seis parágrafos de seis linhas.

Isso significa que você tem quarenta minutos para cada parágrafo, que é um tempo bastante confortável. (Considerando que você escreverá sobre algo que já estudou antes, que já selecionou a bibliografia e que agora só precisará fazer estudos complementares e pontuais)

Você ainda pode fatiar o conteúdo um pouco mais: Para não se perder, pode resumir o parágrafo em palavras-chave. Sobre o contexto histórico de Cuba, por exemplo, você poderia colocar: 1) Relação com a Espanha, 2) Sistema Político; 3) Condições Econômicas.

Depois de fazer essa divisão a cada parágrafo, você não terá mais cinco páginas em branco: você terá praticamente uma tabela a ser preenchida com os campos já determinados. Ao estabelecer limites físicos (páginas) e temporais (horas), você se força a interromper a busca infinita por novas fontes e iniciar o processo de síntese.

É natural que não se cumpra exatamente a quantidade de linhas e de páginas. Às vezes, algo exige uma elaboração maior do que se supunha ou se percebe que algum tópico não era relevante, mas é importante não extrapolar muito ou de nada adiantará

esse trabalho de planejamento. Tente respeitar ao máximo os parâmetros que você colocou. Se você se permitir expandir, acabará escrevendo o Livro de Areia, do Borges, ou vai ficar travado em uma bobagem. Um plano é para ser seguido ou então é mais uma perda de tempo do que algo para ajudar. Ouço muitos alunos dizerem “ah, mas eu sou criativo, quando vejo já estou indo para outro caminho e outro e outro”. Isso não é criatividade, isso não é espírito livre, isso é não saber obedecer a um plano que você mesmo estabeleceu. Você pode ser livre e exercer sua criatividade em muitos momentos, na escolha do tema, na escolha do método, na escolha da bibliografia... Mas a escrita de um projeto não é a hora de querer voar. Sem disciplina e rigor, não é possível desenvolver uma pesquisa. O lado bom é que você não é mais uma criança e já aprendeu que a vida não é só fazer aquilo que dá prazer, não é?

Outro lado bom é que, ao planejar o que vai fazer, seus esforços intelectuais já são mobilizados para a escrita em vez de serem mobilizados para um encarar indefinido de uma tela em branco.

Mas não acabou o que você precisa fazer. Você não quer encarar a tela em branco de novo amanhã. Então, a melhor forma de terminar uma jornada de trabalho é preparar o mapa para o trabalho do dia seguinte. Você verá que ficará até com mais ânimo para começar a tarefa ao se lembrar de que já tem definidos os seus próximos passos.

Atividades da Aula 2

Antes de você tentar compor uma obra-prima de dez minutos como *"All Too Well"*, você precisa aprender a tocar os acordes básicos. Na escrita acadêmica, ninguém

começa despejando palavras na tela torcendo para que elas façam sentido juntas (isso costuma gerar um texto que parece o roteiro da última temporada de *Game of Thrones*: confuso e decepcionante).

Um texto dissertativo não nasce texto. Ele nasce como um **mapa**. Se você tem uma página em branco e precisa escrever uma redação simples, o segredo é não escrever o texto de cara. Primeiro, você constrói a "tabela de fatiamento" – você define a função de cada pedaço de texto, estipula o tamanho e obriga o seu cérebro a usar palavras-chave. Isso elimina a ansiedade. É como montar a *setlist* de um show: você sabe exatamente o que vem no início, no meio e no fim.

Nos exercícios a seguir, vamos treinar os movimentos básicos de fatiar o espaço e o conteúdo antes de redigir seu projeto.

Vamos dar um passo atrás e praticar a estruturação do pensamento antes de jogar o peso de um "projeto de pesquisa" nas suas costas. É o exato equivalente a treinar as ondinhas no caderno de caligrafia antes de escrever as primeiras letras. Escrever não é inspiração, é encaixar peças, como jogar tetris.

Vamos focar exclusivamente no **fatiamento de um texto dissertativo simples**, um artigo de opinião. Vamos usar um "esqueleto guiado" que você curtiu, recheado de referências pop e com o tom de uma apostila para quem está tentando sobreviver à faculdade à base de café e desespero.

1. Fatiando um único parágrafo introdutório

O terror de toda pessoa ao escrever é o primeiro parágrafo. Para não ficar olhando para a tela piscando, vamos fatiá-lo. Todo parágrafo introdutório de uma

dissertação tem três missões básicas: **(A) Abertura** (uma frase para fisgar o leitor, a sua *Sentença de Abertura*), **(B) Contexto** (explicar do que estamos falando) e **(C) Tese** (a sua opinião central ou o foco do texto, a sua *Sentença-tese*).

Sua tarefa abaixo é planejar a introdução de um texto simples cujo tema é: "**O impacto do excesso de séries e filmes na procrastinação dos universitários**". Preencha as lacunas criando o *esqueleto* do parágrafo. Não escreva o texto final ainda!

Tópico: Introdução do texto (Apenas 1 parágrafo)

- **Missão A: Abertura (A "isca" do leitor)**
 - Linhas estimadas: de 1 a 2 linhas.
 - Palavras-chave que vou usar para chamar atenção:

- **Missão B: Contexto (Apresentar o problema atual)**
 - Linhas estimadas: _____ linhas.
 - Palavras-chave obrigatórias: (ex: *streaming, madrugadas, insônia*)

- **Missão C: A Tese (A sua ideia central sobre o assunto)**
 - Linhas estimadas: _____ linhas.
 - Palavras-chave que vão fechar o parágrafo mostrando minha opinião:
(ex: *saúde mental, notas*)

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

REVISÃO E AVALIAÇÃO: Não existe resposta única, mas veja se o seu esqueleto ficou prático. Você pode ter estipulado 3 linhas para o Contexto e 2 linhas para a Tese. Como palavras-chave, pode ter usado "Netflix" na Abertura e "esgotamento" na Tese. Se você fez isso, parabéns! Você não tem mais uma tela em branco. Agora, para escrever o parágrafo, você só precisaria ligar os pontos: criar uma frase com as palavras da Missão A, conectar com as da Missão B e finalizar com as da Missão C.

2. O esqueleto de uma dissertação curta (3 parágrafos)

Agora vamos aumentar o nível. Você precisa escrever um texto argumentativo curto (uma página) com Início, Meio e Fim. O tema é: **"A cultura do cancelamento nas redes sociais: tribunal justo ou linchamento virtual?"**.

Mais uma vez, proíba-se de redigir o texto. Você vai apenas montar a "tabela de produção". Imagine que você é o arquiteto desenhando a planta antes de subir o prédio. Preencha o planejamento abaixo.

Tema: A cultura do cancelamento Tamanho total: 3 parágrafos.

1. PARÁGRAFO 1 (Introdução)

- **Função:** Apresentar o que é o cancelamento e declarar de que lado eu estou (minha tese).

- **Linhas estimadas:** _____
- **Palavras-chave** **ou** **conceitos** **que** **não** **podem** **faltar:**

2. PARÁGRAFO 2 (Desenvolvimento / O Argumento principal)

- **Função:** Dar o principal motivo que sustenta a minha tese (ex: mostrar os danos psicológicos ou a falta de direito de defesa).
- **Linhas estimadas:** _____ (Lembre-se: o recheio sempre é maior que a introdução).
- **Palavras-chave** **ou** **exemplos** **que** **vou** **usar:**

3. PARÁGRAFO 3 (Conclusão)

- **Função:** Sintetizar o que eu disse e deixar uma reflexão final (sem o clichê do "conclui-se que...").
- **Linhas estimadas:** _____
- **Palavras-chave de fechamento:**

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

REVISÃO E AVALIAÇÃO Se o seu planejamento ficou parecido com algo como:

- *Parágrafo 1: Função (Explicar a venda do catálogo antigo e a decisão de regravar). Linhas (6). Palavras-chave (Scooter Braun, mestres originais, indústria musical).*
- *Parágrafo 2: Função (Refletir sobre como isso inspira outras pessoas a lutarem pelo que criaram). Linhas (7). Palavras-chave (autonomia, donos da própria arte, The Man).*

...então o texto já existe na sua cabeça, trancado em blocos lógicos. A angústia sumiu. Escrever, a partir de agora, é apenas o trabalho mecânico e tranquilo de costurar essas palavras-chave. Bem-vindo à sua nova Era acadêmica!

Mas agora vamos dar mais um passo.

3. Escrevendo um pequeno texto

Agora que você já treinou como escreveria um texto, está na hora de escrever, de fato, um texto. Você pode escolher o tema que quiser, mas acho melhor ainda não estar relacionado ao seu projeto de pesquisa – ainda é um caderno de caligrafia, lembre-se.

Algo que pode ser interessante é pegar um texto que você já escreveu para alguma disciplina, por exemplo, e reescrevê-lo de acordo com os passos que vimos aqui. Quanto mais você conhecer o tema, mais será fácil para você escrever sobre ele.

Além disso, reescrever um texto antigo é uma estratégia pedagógica interessante, pois retira a "ansiedade do conteúdo" (já que você conhece o assunto) e foca 100% na "ansiedade da forma".

Então: *back to basics*:

Planeje um texto de duas a três páginas sobre um tema que você domine.

Use a tabela abaixo como guia.

TEXTO DE X PÁGINAS		
FRASE-RESUMO	Escreva sua frase-resumo aqui.	
PÁGINA 1 Escreva o nome do seu subcapítulo. Ex: “Introdução sobre a vida e a obra de Avellaneda”	- PARÁGRAFO 1 (diga o assunto do seu parágrafo. Por exemplo: 6 linhas sobre o contexto histórico de Cuba).	- Palavras-chave do PARÁGRAFO 1 (Ex: 1) Relação com a Espanha, 2) Sistema Político; 3) Condições Econômicas)
	- PARÁGRAFO 2	- Palavras-chave do PARÁGRAFO 2
	- PARÁGRAFO 3	- Palavras-chave do PARÁGRAFO 3
	- PARÁGRAFO 4	- Palavras-chave do PARÁGRAFO 4
	- PARÁGRAFO 5	- Palavras-chave do PARÁGRAFO 5
	- PARÁGRAFO 6	- Palavras-chave do PARÁGRAFO 6

Faça o mesmo com todas as páginas e todos os parágrafos. Determine um prazo, não muito generoso, para que você exercite a distribuição do tempo entre as atividades. Acho que três horas pode ser um bom tempo. Depois de planejar, desenvolva as duas ou três páginas seguindo os parâmetros que você definiu.

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

REVISÃO E AVALIAÇÃO

E aí? Sobreviveu? Coloque a sua Tabela de Planejamento lado a lado com o seu Texto Final. Agora, seja brutalmente honesto consigo mesmo e responda às seguintes perguntas:

1. **Você obedeceu ao plano?** Ou no meio do Parágrafo 3 você teve um "surto de inspiração", ignorou as palavras-chave, esqueceu o limite de linhas e começou a escrever o que vinha à cabeça?
2. **Você respeitou o tempo?** As três horas foram suficientes porque você já sabia o trajeto, ou você passou uma hora e meia olhando para o teto e rolou o feed do TikTok "só para dar uma respirada"?

Se você cedeu à tentação de abandonar o esquema no meio do caminho porque se sentiu "preso", cuidado: você está flertando com o Lado Sombrio da Força acadêmica. O método de fatiamento não é uma prisão.

Se o seu texto final é um espelho exato do seu planejamento, parabéns! Percebeu como a mágica acontece? Você não precisou "escrever três páginas". Você apenas precisou escrever *um parágrafo de 6 linhas* que usava *três palavras* específicas. E depois outro. E mais outro. Quando você juntou esses pequenos blocos, boom: as três páginas estavam prontas. A angústia da tela em branco desapareceu porque ela nunca esteve em branco; ela já estava preenchida pelo seu mapa.

“Juliette, sua tela nunca esteve em branco e quem diz isso não sou eu, mas os sete mil caracteres das suas laudas iniciais.”

Vamos em frente?

Aula 3: "I'm looking for a place to start"

Quando vamos escolher um tema, a tendência é querermos fazer algo muito profundo e complexo para nos destacarmos dos outros ou fazer algo muito superficial e simples para gastarmos o menor tempo possível.

Se eu perguntasse, de pronto, qual seria sua escolha, pareceria que a primeira opção é a mais adequada. Mas, nesse caso – como em quase todos os outros – o caminho do meio é o mais seguro. Escolher um tema tão abrangente que seria necessário mais tempo do que você tem disponível para a redação guarda tanto risco de reprovação quanto escolher um tema qualquer com o qual você não precisará gastar muito tempo.

Um tema abrangente também exige mais leituras e um conhecimento mais acurado a respeito do objeto, para se posicionar em relação à bibliografia escolhida e essa aquisição de conhecimento não é rápida. Quanto maior a quantidade de conceitos mobilizados no interior do seu estudo, maiores as chances de você cometer erros – afinal, não dá para dominar muitos conceitos em pouco tempo.

Encontrar um tema para se dedicar a escrever um TCC ou um projeto de mestrado é a maior dificuldade que as pessoas enfrentam. As razões dessas dificuldades são muitas, mas podemos dividi-las em dois grandes grupos: a) não encontrar algo que motive o bastante; b) não conseguir escolher uma entre tantas possibilidades que você deseja.

Se você está no Grupo 2, liste os dez temas pelos quais mais se interessa.

Se você está no Grupo 1, tente se lembrar de algo que gostou de estudar, algum autor, algum assunto.

Se não conseguiu se lembrar de nada que tenha despertado vontade nenhuma, consulte o site da sua faculdade e de outras faculdades e veja os programas de disciplinas ou ementas. Leia os objetivos, os tópicos, a bibliografia. Veja, por exemplo, o programa da matéria Literaturas Africanas de Língua Portuguesa I, ministrada pelo professor Mário César Lugarinho na FFLCH – DLCV, USP, no ano de 2019:

1. Angola: aspectos da história e da cultura
2. A literatura colonial no séc. XIX – Maia Ferreira, Cordeiro da Mata
3. A formação da literatura nacional – “Vamos descobrir Angola”
4. Agostinho Neto – A sagrada esperança
5. Arnaldo Santos - “A menina Vitória”

Observe que cada tópico desses já daria um tema de projeto de pesquisa, caso se interessasse por literatura angolana, os dois primeiros mais amplos e os últimos mais específicos. Nesse caso, você já teria também uma bibliografia básica da qual partir e até um possível orientador (O Lugarinho é incrível, aliás). Esse é um bom recurso também porque, como muitas vezes os professores ministram cursos de acordo com pesquisas que eles já realizaram ou estão realizando, os tópicos do curso podem ser capítulos de uma pesquisa e, assim, você já tem um indicativo de que é um tema pesquisável.

Aqui convém ressaltar outro erro que alunos cometem na escolha do tema: a busca por algo muito original. Bem, o ser humano produz conhecimento desde quando começou a desenhar em paredes de grutas. Há milhares de universidades no mundo que produzem um grande volume de conhecimento. Há uma grande chance de você se

interessar por algo sobre o qual muita gente já escreveu. E tudo bem. No desejo de produzir algo muito original, muitas vezes os alunos propõem um tema e uma pesquisa irrealizável, pela abrangência da questão, e se comprometem a responder algo para o qual não têm o conhecimento necessário e nem tempo disponível para adquiri-lo.

O fato de haver alguém que escreveu sobre o mesmo assunto que você quer escrever o seu projeto não é um obstáculo, é uma ponte. Você poderá se basear no que já foi escrito para, inclusive, preencher lacunas que percebeu, pois, nenhuma tese, por melhor que seja, abarca todo o conhecimento que se pode produzir sobre o mesmo assunto. Imagina se a cada vez que alguém fosse levantar uma casa precisasse inventar de novo os tijolos, as telhas e o cimento? Se há algo feito, podemos avançar a partir dele sem precisar repetir seus passos. Isso não significa, obviamente, que você desenvolverá uma pesquisa exatamente igual a de outra pessoa porque isso seria, no mínimo, uma perda de tempo, uma perda de recursos (afinal, a energia que você gasta para usar o computador é um recurso) e até um desperdício de papel. Salve árvores: não repita pesquisas.

Pensando dessa forma e, seguindo um dos dois passos anteriores – isto é, baseando-se em seus interesses prévios ou em ementas e programas de curso da sua área –, selecione pelo menos dez assuntos gerais. Dez não é um número cabalístico ou místico, nem apenas para você ter uma tarefa desnecessária. Sugiro esse número por duas razões: quanto mais você se esforça a procurar temas, mais vai pensando em algo menos óbvio, o que é importante para se escrever algo que motive você e desperte a atenção do seu possível orientador ou orientadora.

Vamos lá:

Pense num álbum de 10 faixas.

Se a "Track 1" não for um hit para o seu orientador, a "Track 5" pode ser.

Nas linhas abaixo, liste **DEZ assuntos gerais** que você suportaria investigar sem querer jogar o notebook pela janela:

Olhe para a sua "tracklist" acadêmica. Faça a si mesmo três perguntas:

Eu apenas escrevi a mesma coisa com dez palavras diferentes? (Se sim, apague.

Force sua mente a buscar disciplinas diferentes do seu currículo).

Se o orientador escolher o item 8, eu realmente vou gostar de passar meses

lendo sobre isso, ou eu só escrevi para preencher a linha?

Eu tenho tempo para ler sobre o item 4, ou ela exigiria que eu aprendesse

alemão arcaico e mudasse para a Europa?

Se a sua lista for honesta e viável, parabéns! Você acaba de superar a "angústia da tela em branco" e a "síndrome da originalidade". Você tem dez iscas prontas para

jogar no lago do departamento da sua faculdade. Respire fundo, escolha a sua favorita para começar e vá à luta.

Lembre-se: orientadores possuem vagas limitadas. É uma disputa digna de *The Walking Dead*. Você precisa concorrer pela atenção deles, e o seu instrumento de sedução é o seu projeto. Além disso, se você apostar todas as suas fichas em uma única ideia, pode quebrar a cara se ela se mostrar inviável ou se nenhum professor a comprar.

Para evitar o choro no banho, pelo menos por esse motivo, é bom ser flexível. Não é raro alunos optarem por um tema que não estava entre suas primeiras opções por se surpreenderem com o quanto sabiam/queriam saber sobre algo.

Digamos que você conseguiu fazer uma lista de 12 assuntos gerais sobre os quais escreveria. (Vamos ser otimistas, ok? Ok.) Então, a primeira coisa é já riscar dois porque eu falei que eram dez assuntos e não doze. Se você não trabalha com um limite definido, vai sempre se sentir tentado a expandi-lo. *“Ah, doze é praticamente dez, não tem problema, quatorze é praticamente doze, vinte é quase igual quatorze, já que eu fiz vinte, por que não fazer cinquenta...?”* e quando você perceber estará com uma montanha gigantesca de possibilidades e só sentirá vontade de chorar.

Atividades da Aula 3

As pessoas costumam oscilar entre dois extremos trágicos ao escolherem o que vão pesquisar: ou querem ganhar o Prêmio Nobel descobrindo algo que ninguém nunca viu na face da Terra (o que exige um tempo que ele não tem e gera ansiedade extrema), ou ele escolhe fazer o mínimo esforço, repetindo uma pesquisa que já foi feita um milhão de vezes (desperdiçando árvores e a paciência da banca).

O segredo, como para quase tudo na vida, é o famoso "caminho do meio": usar o conhecimento que já foi produzido por outras pessoas como uma *ponte* (uma base) para você dar um passo além, preenchendo uma pequena lacuna.

Nós não vamos recortar o tempo, o espaço ou o público-alvo ainda. Antes de lapidar a pedra, você precisa *encontrar* a pedra. O objetivo aqui é puramente conceitual: entender o que diabos é um "Tema" e o que você precisa fazer, na prática, para chegar a um tema geral que não transforme sua vida em um roteiro de *Jogos Vorazes*. Mão na massa!

1. Dissecando o conceito de "tema" (o mito vs. a realidade)

A metodologia científica tem definições muito claras sobre o que é um tema e quem está apto a escolhê-lo. Muitos universitários travam na tela em branco porque acreditam em mitos acadêmicos (como a ideia de que a inspiração cairá do céu como em um filme da Disney).

Avalie as afirmações abaixo. Escreva **(V)** para Verdadeiro e **(F)** para Falso.

() a. O tema é simplesmente o assunto geral que se deseja provar ou desenvolver em uma pesquisa, ou seja, a dificuldade ainda sem solução que você pretende avaliar e explicar.

() b. Para escolher um bom tema geral, a melhor tática é olhar para uma área sobre a qual você *nunca* leu ou estudou nada na vida, pois assim a sua pesquisa será muito mais original e inovadora.

() c. A escolha do tema é um processo puramente criativo e aleatório; você não precisa levar em conta a quantidade de livros publicados sobre o assunto ou o tempo que você tem até o fim do semestre.

() d. Não espere, para o seu próprio bem, que o seu orientador determine o tema para você. A tarefa de realizar a pesquisa é árdua, e investigar algo pelo qual você tem zero interesse será altamente frustrante.

() e. Escolher um tema geral significa, obrigatoriamente, analisar aquilo pelo qual você se interessa ou já tem conhecimentos prévios, ainda que básicos, o tempo que você tem e as fontes que existem no mundo).

Resposta:

■■■■■ SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO ■■■■■

AVALIAÇÃO E REVISÃO

A sequência correta é: **1(V), 2(F), 3(F), 4(V), 5(V)**.

Se você marcou (V) na questão 2 ou 3, precisamos ter uma conversa séria. A regra de ouro da metodologia é implacável: o aluno **só poderá escolher um tema a respeito do qual já leu ou estudou**. Quem conhece pouco dificilmente faz escolhas adequadas. O tema nasce da sua bagagem, e não do vácuo.

2. O tribunal das péssimas escolhas

Uma ideia genial na sua cabeça não significa um projeto viável na vida real. A escolha do tema exige que o pesquisador respeite quatro regras básicas de sobrevivência: **Afetividade/Interesse** (gostar do assunto), **Capacidade Prévia** (ter bagagem para falar sobre aquilo), **Acessibilidade de Fontes** (o material existir e estar ao seu alcance) e **Tempo Disponível** (o prazo institucional). Ignorar isso é o equivalente acadêmico a entrar no Mundo Invertido de *Stranger Things* usando apenas uma lanterna sem pilha e sem um namorado atencioso tocando *Running Up That Hill* para tentar guiar você de volta para casa.

Abaixo, temos três estudantes fictícios que escolheram seus temas, mas estão prestes a arruinar seus semestres. Assuma o papel de um membro da banca avaliadora. Para cada caso, identifique o **erro metodológico fatal** e escreva um breve **veredito** aconselhando o aluno.

Caso 1: O Fã de Ficção Científica Marcos, aluno de Letras, decidiu que seu tema geral será "A neurofisiologia do cérebro durante a leitura". O problema é que Marcos fugiu das aulas de biologia no colégio, não sabe a diferença entre um neurônio e um glóbulo branco, e odeia a área de saúde. Mas ele acha que o tema vai impressionar a banca.

Caso 2: A Caçadora de Relíquias Elena escolheu como tema "As cartas originais não publicadas de Ana Bolena na corte inglesa do século XVI". Ela adora o tema e é fluente em inglês arcaico. O problema é que o TCC tem que ser entregue em 3 meses, as cartas originais estão trancadas em um museu em Londres, o museu não tem cópias digitais, e Elena não tem dinheiro para a passagem.

Caso 3: O Fantoche do Orientador Tiago estuda Cinema e queria fazer seu TCC sobre roteiros de filmes de terror. No entanto, seu orientador é fanático por faroeste italiano da década de 1960 e sugeriu que Tiago pesquisasse "O retrato do anti-herói nos filmes de Sergio Leone". Tiago não gosta do gênero, acaba dormindo no meio dos filmes, mas aceitou para agradar o professor.

Resposta:

[REDACTED] **SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FEITO O EXERCÍCIO** [REDACTED]

AVALIAÇÃO E REVISÃO

Vamos ver se você é capaz de salvar esses universitários da reprovação:

- **Caso 1 (Marcos):** O erro fatal foi ignorar o limite das suas **capacidades e conhecimentos prévios**. Achar que vai aprender neurociência do zero a tempo de escrever um bom projeto de pesquisa é a receita do desastre. O seu veredito deveria lembrá-lo de que a banca não se impressiona com arrogância acadêmica, mas sim com o domínio do tema.

- **Caso 2 (Elena):** O erro fatal é a falta de **acessibilidade de fontes e tempo**. Na ciência, não basta ser brilhante e ter mil habilidades e caixas de ferramentas; se o objeto empírico exige um prazo maior que o institucional, ou impões desafios logísticos, o tema é inviável. Ela precisa abandonar a Inglaterra e escolher um documento mais acessível.
- **Caso 3 (Tiago):** O erro fatal é a ausência de **afetividade/interesse**. A regra de ouro diz que investigar um assunto pelo qual você não tem interesse torna-se uma tarefa altamente frustrante. Fazer o TCC apenas para ser um *people-pleaser* do orientador transformará a vida de Tiago em uma tortura digna de *O Homem Que Matou o Facínora* (dir. John Ford, 1962).

3. Agênese do *seu* tema (o método do espelho)

Agora que você já sabe que o tema não é uma epifania mágica, mas sim o cruzamento entre o que você **gosta**, o que você **já leu** e o que é **possível**, chegou a hora de extrair o *seu* tema geral de dentro da sua própria cabeça.

Passo 1: O Inventário do Interesse

De todas as disciplinas ou grandes áreas que você estudou até agora no seu curso universitário, cite as **TRÊS** que você mais gostou (aquelas em que você não dormiu na aula ou não ficou rodando o feed do Instagram).

Passo 2: O Inventário do Background (Fator Capacidade) Olhando para as três áreas que você listou acima, qual foi o conceito, livro, filme, teoria ou fenômeno social específico dentro delas que fez você pensar: "*Nossa, eu leria mais sobre isso no meu*

tempo livre"? (Ex: Dentro da disciplina de Marketing, eu adorei ler sobre 'Comportamento do Consumidor'). Escreva **DUAS** ideias amplas.

Ideia A:

Ideia B:

Passo 3: O Teste de Colisão (Chegando ao Tema Geral)

Pegue as ideias A e B. Elas são assuntos. O tema é quando você define que quer focar em uma relação ou em um aspecto de estudo (Nós vamos falar mais sobre isso depois, não se preocupe).

Complete as frases abaixo para transformar seus interesses em esboços de **Temas Gerais** (ainda sem se preocupar com recortes e delimitações muito precisas):

Esboço de Tema 1 (Usando a Ideia A): Eu gostaria de investigar/desenvolver estudos sobre (insira a Ideia A) e como isso afeta/se relaciona com _____.

Esboço de Tema 2 (Usando a Ideia B): Eu tenho interesse em aprofundar meus conhecimentos teóricos sobre (insira a Ideia B) aplicado ao universo de _____.

Resposta:

[REDACTED] **SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO** [REDACTED]

REVISÃO E AVALIAÇÃO FINAL

Olhe para os dois Esboços de Temas Gerais que você acabou de criar. Perceba o que você fez: você não foi caçar tendências malucas na internet e não tentou abraçar o universo. Você usou a sua própria história acadêmica, os seus interesses afetivos e a bagagem que você já possui para definir um caminho.

Se os dois temas que surgiram ali fazem o seu coração bater um pouco mais forte (importante diferenciar emoção de excesso de cafeína), parabéns. Você acabou de conceituar e encontrar o seu Tema Geral. Você tem o "tijolo" principal nas mãos. Nos próximos passos metodológicos, nós pegaremos esse tijolo, cortaremos as arestas, limitaremos no tempo e no espaço e o transformaremos em um problema de pesquisa.

Antes, vamos deixar esse tema um pouco mais preciso.

A fundação está quase pronta!

Aula 4: “Paper cut stings from our paper thin plans”

Conheçam a Ana Konda. Ana Konda é uma jovem faminta por conhecimento, aluna do curso de Artes Visuais, apaixonada por teorias complexas e com uma ambição que faria o próprio Thanos parecer alguém sem grandes planos para o universo. Quando chegou a hora de apresentar seu projeto de pesquisa, Ana decidiu que seria a voz definitiva de sua geração, a própria reencarnação da Frida Kahlo, a neta de Hipátia de Alexandria que não conseguiram queimar.

Ela entregou à banca um projeto com o seguinte título: “*A Evolução da Representação Feminina na História da Arte*”. Na cabeça dela, o trabalho seria um épico como O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei (versão estendida).

O resultado? O orientador olhou para o projeto com a mesma expressão de desprezo que a Miranda Priestly, de *O Diabo Veste Prada*, reserva para suéteres de liquidação. Foi uma verdadeira “*Death by a thousand cuts*” no ego acadêmico dela, pobrezinha. O argumento letal do professor foi um só: **falta de delimitação do tema**.

Para entendermos por que Ana saiu da sala se sentindo a Andy Sachs depois do primeiro dia de trabalho (e por que você não quer passar por isso), precisamos recorrer à teoria da Metodologia Científica.

A tragédia de Ana começou porque ela confundiu *Assunto* com *Tema*. Na metodologia, um assunto de pesquisa é a escolha de uma área geral de interesse, sendo muito mais abrangente do que um tema. A Arte e a Representação Feminina são assuntos. O tema, por sua vez, exige um afunilamento: ele é a especificação do assunto sobre o qual o estudo irá se desenvolver, definindo sobre quem, em que contexto e sob qual perspectiva a pesquisa ocorrerá.

Se Ana tentasse falar desde as Vênus pré-históricas até a arte contemporânea da Marina Abramović, o projeto levaria trinta anos para ficar pronto. E, infelizmente, não estamos mais nos tempos em que um doutorado durava dez anos. O limite de tempo disponível para a conclusão do trabalho é um fator externo vital na escolha e recorte da pesquisa.

Para não ser massacrado, o pesquisador precisa abandonar a ilusão de fazer as novas *Ilíada* e *Odisseia* em um trabalho que deve ser realizado em pouco tempo.

A regra de ouro é: quanto mais bem delimitado é um tema, mais fácil é o seu trabalho, mesmo que seja um recorte difícil. Não adianta fazer algo do tamanho de uma enciclopédia, com mil assuntos interessantes e 1) eles não formarem um todo coeso, 2) você ficar na superficialidade de todos eles. Nós não estamos mais na era das grandes enciclopédias, dos grandes sistemas filosóficos, dos romances de duas mil páginas (David Foster Wallace não sabe disso, mas quem somos nós para julgar???).

A delimitação do tema exige que o pesquisador saia do plano das ideias gerais e desça para a realidade concreta. Para tornar um assunto pesquisável, devemos reduzi-lo, fixando sua extensão e compreensão, além de localizá-lo no espaço e no tempo. A delimitação também exige distinguir o sujeito e o objeto da questão, transformando o assunto em algo que se deseja saber ou realizar de forma focalizada.

Como poderíamos, então, salvar Ana da reprovação?

Se Ana Konda me procurasse, eu diria para ela pegar aquele delírio espacial e temporal ("A História da Arte") e aplicar **adjetivos restritivos e complementos nominais de especificação**, além de determinar as **circunstâncias de tempo e espaço**.

Em vez de estudar a mulher na arte desde o início da hominização, a Ana deveria delimitar o tema para algo como: "*A representação da mulher com deficiência*

(especificação do objeto) *nas pinturas de Frida Kahlo* (foco no sujeito/autor) da década de 1940” – o que já pressupõe um recorte espacial, México.

Percebeu a diferença? Agora a banca não pode perguntar à Ana por que ela não citou Artemisia Gentileschi ou Tamara de Lempicka. Mas se alguém perguntar – a gente nem sempre pode contar com o bom senso da banca – Ana pode responder educadamente que essas artistas fogem ao recorte delimitado pelo projeto.

Delimitar o tema é, no fim das contas, o que transforma uma ideia genial, porém caótica e irrealizável, em uma pesquisa segura, exequível e protegida de ataques graves.

Vamos fazer passo a passo.

Pegue o seu bisturi e vamos lá:

Separe o Sujeito do Objeto (Quem é quem na fila do pão?)

O primeiro passo da delimitação é distinguir claramente o **sujeito** e o **objeto** da sua questão. O sujeito é a realidade sobre a qual você deseja saber algo; o objeto é exatamente *o que* você quer saber sobre ele. Se você não define isso, sua pesquisa vira um monstro sem cabeça.

- **A ideia ruim (O Assunto):** "Vou pesquisar a Netflix."
- **Aplicando a regra:** O seu *sujeito* é a Netflix. O seu *objeto* (o foco da análise) será o "algoritmo de recomendação".

O Estalar de Dedos do Thanos: Adjetivos e Complementos

Não basta ter o sujeito e o objeto; você precisa restringi-los usando a gramática a seu favor. **Adjetivos restritivos** e **complementos nominais de especificação** são seus melhores amigos agora.

Adjetivos Restritivos

Eles indicam qualidades ou estados acidentais, limitando o universo. Em vez de pesquisar a "organização do trabalho", você pesquisa a "organização *atual* do trabalho". Em vez de estudar "Séries adolescentes", você estuda "Séries adolescentes *sul-coreanas*". Você acabou de eliminar 90% do catálogo do universo.

Complementos Nominais:

São acréscimos que especificam a ação ou sentimento. Em vez de ficar no "trabalho atual", você afunila para "trabalho atual *de produção artesanal*".

A Regra *The Eras Tour*: Delimitação de Tempo e Espaço

Essa é a etapa em que a banca mais reprova alunos desavisados. Todo tema precisa estar localizado no **tempo** e no **espaço**. Às vezes, é estritamente necessário determinar essas circunstâncias para limitar ainda mais a extensão do assunto. Você não tem dinheiro nem tempo para fazer uma turnê mundial cobrindo todas as Eras da humanidade.

A Delimitação Espacial:

Onde o seu fenômeno acontece? É no mundo todo? Não. É no Brasil? Amplo demais. É no estado de São Paulo? Melhor. É no bairro Butantã? Melhor ainda. É sobre uma pessoa que mora no Butantã? Estamos perto. É sobre algo que uma pessoa que mora no Butantã fez? Agora, sim, você tem mais chances de fazer um bom trabalho.

Sabe aqueles filmes biográficos sobre uma personalidade – como os filmes sobre a Whitney Houston ou Amy Winehouse, por exemplo – que tentam abarcar a vida toda de uma pessoa em menos de duas horas? Muito difícil ficar bom. Acho que bons exemplos de filmes biográficos são *I'm Not There* (dir. Todd Haynes, 2007), sobre Bod Dylan, e *La Môme* (dir. Olivier Dahan, 2009), sobre Édith Piaf. Os diretores usaram muito bem a linguagem cinematográfica, com uma montagem muito interessante e recursos que só a liberdade do cinema pode permitir (como a mesma personagem ser interpretada por diversos atores, de diferentes idades, perfis físicos, cor de pele e até gênero). Haynes fez outros filmes biográficos muito bons, como o curta-metragem sobre Karen Carpenter, que lhe rendeu um Oscar em 1991, e um filme sobre a banda Velvet Underground. Mas Dahan não conseguiu repetir o feito do filme anterior em 2014, com o filme *Grace of Monaco*. Cansativo, sem emoção, superficial, uma construção da personagem principal que faz ela parecer uma pessoa irritante, quando, a pessoa real era conhecida pelo fascínio que causava em todos à sua volta.

Na melhor das hipóteses, ao tentar abarcar um período muito grande, as maiores chances são de o seu trabalho ficar assim também, cansativo, sem emoção, superficial.

A Delimitação Temporal

Agora, um filme que retrata um episódio da vida da pessoa, uma década, um momento. *My Week with Marilyn* (dir. Simon Curtis, 2011) é bem mais feliz nesse aspecto (mesmo que seja um filme “ficcional”, todos os biopics são um tipo de ficção, mesmo os documentais, mas se você quiser saber mais sobre isso, pode ler um outro livro meu, *Palavras em Movimento*, em que tenho um artigo sobre isso. Voltemos à programação normal). Mas nem esse recorte é uma garantia de que o resultado será bom, como atestam os dois últimos filmes sobre Sílvia Santos, um focado no sequestro da filha e o outro em sua breve carreira política. Os atores não fizeram um bom trabalho, mas nos dois casos, os diretores e roteiristas não respeitaram tão bem o recorte que haviam proposto e inseriram umas informações extras que, em vez de acrescentar, pesa.

Isso é sempre importante refletir: essa informação que quero acrescentar é REALMENTE necessária, vai acrescentar ao meu argumento, ou é apenas um apêndice que vai estourar e eu vou precisar chamar o Samu?

Lembre-se também de que você precisa oferecer algum contexto antes de ir ao seu objeto. Se você abarcar um período muito grande, você precisará de muito mais esforço para fazer esse contexto de uma forma objetiva e que não rivalize em páginas e densidade com o seu objeto.

Em vez de fazer uma pesquisa sobre a juventude na literatura desde a Mesopotâmia (nós temos um texto na Mesopotâmia sobre rebeldia juvenil, *Os tempos da Escola*, redigido c. 2.000 a.C.) e passar por vários romances de formação, o seu recorte poderia ser “nos romances do século XIX”, mas ainda seria longo. Algo mais factível seria, por exemplo, precisar o autor e a obra, como “A juventude em *Grandes Esperanças*, de Charles Dickens”.

"Ah, mas não tem recorte temporal nesse exemplo". Tem sim, mas ele está subentendido. Aliás, temos até dois recortes temporais possíveis: o da publicação da obra, em 1861, e o tempo interno do livro, que se passa entre 1812 e 1840. Esse período histórico foi marcado pela fundação da colônia penal na Austrália pela Inglaterra e por seu projeto imperialista. Dá para discutir bastante coisa. (Já dei um curso sobre isso, fiquei com vontade de escrever um artigo sobre ele agora, pois é um dos meus livros do coração e nunca escrevi sobre por **falta de tempo**).

Resumindo:

Quando você junta todos esses passos, a mágica acontece. Uma ideia genérica como *"A representação feminina no mercado de trabalho"* (que renderia uma enciclopédia interminável) transforma-se, através da delimitação, em algo como:

"As barreiras sociais (objeto) enfrentadas por mulheres (sujeito) para ascender a funções gerenciais (adjetivo/complemento restritivo) no setor bancário do Estado de São Paulo (espaço) na segunda metade do século XX (tempo)."

Parece chato? Bem, você está escrevendo um projeto de pesquisa, não o roteiro do novo filme da Marvel, né? Tudo bem parecer chato à primeira vista. Importante é que o resultado não seja um filme de quatro horas sobre tudo e sobre nada.

Pronto. Quando a banca vier questionar por que você não incluiu o que acontecia no Rio de Janeiro ou por que ignorou as operárias de fábrica, você vai ajeitar a postura, olhar nos olhos deles e responder: *"Sinto muito, professor, mas essas variáveis fogem*

ao recorte espacial, temporal e de amostragem delimitado e justificado no meu projeto. Mas certamente é algo que posso considerar em uma pesquisa futura, muito obrigado pela sugestão". E ninguém poderá tirar ponto seu por isso! (Acabei de perceber que também posso dar um curso de "como responder a perguntas inconvenientes sem ser grosso")

Pegar um assunto amplo e transformá-lo em um tema delimitado é um processo de triagem implacável. Você precisa de uma tesoura e de frieza.

Para delimitar bem o tema, você deve:

1) Selecionar uma única perspectiva de análise (O foco da câmera)

Um mesmo assunto pode ser estudado por dezoito ângulos diferentes (psicológico, econômico, jurídico, histórico). Você não é o diretor de *Everything Everywhere All at Once* para mostrar todos os universos paralelos. Escolha apenas *uma* perspectiva.

- *Exemplo na Engenharia Civil:* O assunto genérico é "Transporte Público". A sua perspectiva será "O desgaste estrutural dos terminais de ônibus" (e não o estresse dos passageiros ou o custo da passagem).
- *Exemplo na Educação:* O assunto é "Uso de telas na infância". A perspectiva será "O impacto no desenvolvimento da coordenação motora fina".

2) Isolar o seu universo de observação:

Não existe pesquisa sobre "os animais", "as empresas", "a história da literatura", "as pessoas". Você precisa restringir a sua amostra populacional para um grupo minúsculo e muito bem identificado. É como a Área VIP de um show: a maioria fica de fora (com a diferença que a sua área VIP vai ser bem selecionada e não composta de influencers chamados sem critério apenas porque têm milhões de seguidores).

Em vez de uma pesquisa sobre "a gravidez", você poderia recortar, por exemplo, para "gestantes com diagnóstico de hipertensão".

3) Cravar um alfinete no mapa (A delimitação espacial)

A sua pesquisa obrigatoriamente tem que ter um endereço fixo. Onde esse fenômeno que você está estudando acontece? Se você não define o espaço geográfico ou institucional, a banca pode perguntar dados desde o Japão até a esquina da sua casa. Quer dizer, ela ainda poderá fazer isso, mesmo com um bom recorte, mas a diferença é que você terá como se defender.

Em vez de um estudo sobre o sistema prisional no Brasil (o que levaria décadas), você poderia delimitar para "a situação do Complexo Penitenciário da Papuda, no Distrito Federal". (Se você fosse o Ulisses Campbell, poderia escolher Tremembé).

4) Configurar a sua máquina do tempo (A delimitação temporal)

Todo projeto precisa de um tempo demarcado, não apenas para o término da pesquisa, mas o recorte temporal sobre o qual você colocará seu olhar. Você vai analisar um evento que durou uma década? Um ano específico? Um momento de transição?

Escolha o período exato e tranque as portas. O que aconteceu um dia antes ou um dia depois do seu recorte temporal não deve ser mencionado.

Um exemplo: "A censura musical... *durante o governo do presidente Ernesto Geisel (1974-1979)*". Outro exemplo: "A flutuação do preço do tomate... *no primeiro semestre do ano de 2023*".

O BOLO PRONTO (Exemplos das partes se juntando):

Quando você bate esses ingredientes no processador (mas pode ser liquidificador se você não tiver), o milagre da delimitação acontece sem estresse:

Um tema geral, como "*O crime cibernético*", pode ser recortado assim:

- (1) *Perspectiva*: Fraudes bancárias.
- (2) *Universo*: Idosos aposentados.
- (3) *Espaço*: Usuários do Banco X no estado de Minas Gerais.
- (4) *Tempo*: Durante o ano de 2022.
- **Tema Delimitado**: A incidência de fraudes bancárias virtuais (1) contra idosos aposentados (2) clientes do Banco X em Minas Gerais (3) no ano de 2022 (4).

Repito: pode parecer chato. Você quer escrever um projeto disruptivo e isso parece enfadonho. Afinal, você é uma pessoa criativa, pode fazer algo mais inovador e revolucionário. Mas lembre-se de que a sua criatividade pode se manifestar em vários outros momentos, na própria escrita, nas referências que você escolher, no seu estilo...

E, principalmente, em outros textos, menores, artigos, ensaios, que você poderá escrever sem a pressão de um prazo.

Mas a estrutura não precisa ser tão literal, tão engessada. Veja como podemos delimitar um tema geral, como "*O erotismo no cinema*", sem ficar parecendo uma bula de remédio:

- (1) *Perspectiva*: A relação entre sexo e poder no cinema
- (2) *Universo*: Filmes do diretor Dario Argento.
- (3) *Espaço*: O espaço está implícito no item anterior, pois é um diretor italiano.
- (4) *Tempo*: A década de 1970.
- **Tema Delimitado**: A relação entre sexo e poder (1) na Trilogia dos Animais (1970s) (4) de Dario Argento (2 e 3).

Viu só? Uma receita puramente mecânica, estrutural e à prova de falhas! Mas que não precisa ser engessada, desde que você consiga usar os recursos de delimitação necessários.

A escolha do tema

Vamos retomar a aula anterior. Na aula anterior, eu sugeri que você fizesse uma lista não de sete, não de doze, mas sim de dez possíveis temas. Agora, você vai reescrever aqueles que não estão bem delimitados.

Depois, com essa lista, responda às perguntas seguintes:

Por que eu me interesso por esse assunto?

O que eu já sei sobre esse assunto?

O que eu já estudei sobre esse assunto (livros, autores, vídeos...)?

O que eu acharia interessante saber mais sobre esse assunto?

Quais dúvidas eu tenho sobre esse assunto?

Não precisa responder de forma extensa. Pode ser apenas uma frase para cada resposta. Mas é bom que escreva. Vamos. Sem preguiça. Eu sei que você já mandou uma mensagem no wpp maiores do que essas frases.

Ao fazer esse exercício, você perceberá que em alguns temas sentirá maior dificuldade do que em outros.

O nível de dificuldade nem sempre é um critério confiável para você selecionar seu tema: escolher algo mais fácil pode não ser tão interessante e, com isso, você pode se sentir entediado, pois nós gostamos de ser desafiados; escolher algo mais difícil pode exigir muito mais tempo e, com isso, a frustração e o esgotamento vêm aí.

Em ambos os casos, você se conduzirá àquele monstro que todos conhecem tão bem: a procrastinação. No primeiro caso, por se sentir pouco motivado a se dedicar a fazer antecipadamente algo que, talvez, você possa resolver no último dia, pois é muito fácil. No segundo, por se sentir desesperado diante da enorme tarefa que colocou a si mesmo.

Vamos reduzir essa lista. Vamos chamar essa estratégia de Marie Kondo Aplicada ao Trabalho Intelectual. Marie Kondo, caso você não saiba, é uma autora que desenvolveu um método de organização. Um dos critérios que ela estabelece é “se não

sentir felicidade ao abraçar uma coisa: desapegue dela”. Mas aqui nossa felicidade não será medida com abraços, pois não dá para abraçar temas, principalmente se forem muito grandes.

Faça o seguinte exercício: se esses doze tópicos fossem temas de uma redação de 30 linhas para entregar amanhã, em quais deles você acha que teria maior dificuldade? Por quê? Vamos tentar deixar as coisas objetivas. Você precisa saber qual o motivo concreto pelo qual algo parece mais difícil. Você precisaria:

- ler um autor que não entendeu?**
- de um livro ao qual não tem acesso?**
- de um tempo maior para se preparar?**
- ler em algum idioma que não domina?**

Fazer esse exercício é fundamental não só para o autoconhecimento, mas para estarmos confiantes nas nossas escolhas. Escolher é perder sempre, infelizmente, e todo adulto já está ciente disso. Precisamos estar conscientes da perda pela qual optamos para que ela doa menos no futuro e para que não nos sintamos tentados a mudar de decisão o tempo todo, por pura insegurança de que tomamos a melhor. **E isso não é sobre projeto de pesquisas!!!!** (Mentira, é sim, mas não resisti a usar essa frase infame.)

Use esse critério para reduzir sua lista de dez para cinco possíveis temas.

Agora, você irá escrever um parágrafo de cinco linhas sobre cada um deles, sem entrar no google, sem consultar anotações – “consulte apenas seu cérebro”, a frase que todos os professores adoram.

É importante você perceber o que consegue elaborar com mais fluidez sem nenhum recurso externo. Esse é um bom indicativo de que você tem maior afinidade com o tópico, embora talvez não tenha conhecimento suficiente ainda e essa afinidade é o que facilitará seu trabalho futuro.

“Ah, então é só escolher o tema que eu mais gosto?”

Mais ou menos.

A importância desse passo é para que você tenha consciência de qual tema ativa seu desejo de escrever. Você pode gostar de algo e não ter facilidade ou vontade para passar horas, dias, meses, anos pensando sobre. E você também pode perfeitamente detestar algo e ter muita vontade de escrever – aliás, nas redes sociais podemos observar o quanto as pessoas, em geral, parecem ter mais facilidade para escrever sobre algo que detestam. Dependendo do seu temperamento, se você for uma pessoa mais pragmática, talvez seja até melhor escrever sobre algo que não desperta sua paixão, algo que você verá exclusivamente sobre trabalho – porque uma pesquisa é, antes de tudo, **UM TRABALHO**. É bom ter paixão, mas não uma paixão como a do livro/filme *Misery* (dir. Rob Reiner, livro de Stephen King).

Depois de escrever os cinco parágrafos, selecione os três temas nos quais você percebeu que a escrita fluiu com mais facilidade, mais rapidez, mais vontade.

Agora, com esses três temas em mãos, você fará uma pesquisa bibliográfica no site *Scielo* por artigos relacionados a eles. Leia de dois a cinco artigos. Mas faça uma leitura ativa, isto é, dialogando com o texto: lembra que, na época da escola ou até na faculdade mesmo, alguns professores pediam para você formular perguntas sobre um texto? É basicamente isso o que você irá fazer: perguntas sobre os artigos que vai ler,

como se estivesse fazendo uma entrevista com o autor. Veja, por exemplo, este trecho de um artigo do Professor de História da UFMG Douglas Attila Marcelino:

Num plano mais profundo, o texto de Hartog traz em si uma reflexão teórica importante sobre o problema da representação histórica, seja no sentido das estruturas imaginárias que condicionam a percepção de Heródoto, seja no plano das operações e deslocamentos que, atuando na própria escrita como forma narrativa, permitem refletir sobre as imposições de limites que caracterizam a produção textual (Marcelino, 2016, p. 156).

Em uma leitura ativa, eu poderia propor perguntas básicas, para um melhor entendimento do texto como:

“Qual a reflexão que o texto de Hartog traz em si?”

“Quais os sentidos do problema da representação histórica segundo Hartog?”

Poderia propor perguntas que exigiriam de mim um esforço para além do texto:

“Quais são as estruturas imaginárias que condicionam, segundo o Marcelino, a percepção de Heródoto?”

O primeiro tipo de pergunta nos ajuda a compreender o passo a passo, a lógica interna de cada texto – e, até mesmo, encontrar suas lacunas e problemas de argumentação e escrita.

Com isso, somos capazes de fixar melhor suas ideias. Por consequência, seremos capazes de aproveitar melhor o que ele nos oferece do que aproveitaríamos caso fosse feita apenas uma leitura comum. Isso é bem útil para a aquisição de conhecimento e, quanto mais conhecemos algo, melhor escrevemos sobre. No entanto, temos que nos

esforçar, sobretudo, para fazer perguntas que nos levem para além do texto: seja para a nossa capacidade de pensamento, seja para outra pesquisa bibliográfica.

Esse é o tipo de dúvida que pode dar origem à sua pesquisa. Sabe aquela pergunta que você tem vontade de fazer a uma professora depois de uma exposição teórica? Não estou falando de dúvida sobre algum conteúdo, importante frisar, é de outro gênero de pergunta que estamos tratando aqui. É aquela pergunta de desejo de saber mais. Ela pode ser o início de uma excelente pesquisa.

Sempre digo aos meus alunos: sejam egoístas com suas perguntas, não as dividam com qualquer pessoa, não as joguem para que outra pessoa as responda por você. Se a pergunta é sua, é tarefa sua ir atrás de a responder. Tive essa percepção clara quando fiz uma pergunta para um professor, certa vez, depois de uma aula. No fim do semestre, ele publicou um artigo e me disse que foi a partir daquela minha pergunta. Então pensei “putz, eu poderia ter guardado para mim e ter feito eu mesmo um artigo”. Claro que eu não teria as mesmas condições de a responder tão bem quanto o professor, mas era minha pergunta! Desde então, passei a guardar para mim, para investigar por conta própria. Escrevi muitos textos a partir dessas perguntas. Nem todos bons. Mas todos meus, sobre perguntas que surgiram das minhas leituras, às quais respondi depois de mais leituras e muito mais pensamento.

Estudar sobre o tema – e estudar de forma ativa – é um excelente recurso porque, enquanto você estuda, essas questões aparecem. E uma pesquisa nada mais é do que uma dúvida que você tem e que será respondida ao longo de um percurso de estudo. O TCC, a Dissertação de Mestrado, a Tese de Doutorado são registros desse percurso investigativo, quase um relatório do seu caminho em busca de uma resposta.

“Eu estudei livros X e Y e consegui responder à pergunta Z e a resposta é...” Mas, claro,

de uma forma bem mais elaborada, para que qualquer pessoa possa acompanhar seus passos.

Agora que você já dedicou a estudar no mínimo dois artigos sobre cada um dos três temas, você pode eliminar um deles seguindo dois critérios objetivos:

1. Quais deles têm bibliografias mais acessíveis?

2. Quais deles têm algum professor ou professora que possa me orientar?

São critérios que terão impacto no desenvolvimento do projeto.

Agora restaram dois temas.

Vou dizer o que vamos fazer com eles na próxima aula.

A primeira pergunta a que você deve responder antes de começar um trabalho deve ser: *“Sobre o que exatamente eu quero pesquisar e escrever?”* Depois: *“Esse assunto é viável?”* Muitas vezes, quando um aluno chega para mim e diz que já sabe sobre o que vai fazer a pesquisa, o que escuto é um assunto muito amplo e indefinido. O tema é o terreno geral que se deseja desenvolver, mas o que significa especificar ou delimitar este tema geral?

Significa levantar aspectos mais restritos do tema — **tópicos do tema** — e escolher apenas um sobre o qual escrever, tornando a sua pesquisa viável. Um tópico é um aspecto, um ponto de vista sobre o tema, examinado de uma determinada perspectiva, um "lugar" definido e específico.

Agora vamos para os exercícios.

Atividades da Aula 4

1. Identificar tópicos delimitados e viáveis a partir de um tema amplo

Você já tem claro que, ao levantar um tópico, é preciso garantir que ele seja restrito, viável e que haja bibliografia possível. Abaixo você tem três temas amplos. Para cada um, há três propostas de tópicos. Marque com um x os tópicos que representam uma **delimitação viável e específica** (pode assinalar mais de um tópico para cada tema).

a. Tema - Redes Sociais

Tópico 1 - A história da comunicação humana.

Tópico 2 - O impacto do Instagram na autoestima de adolescentes brasileiros.

Tópico 3 - A internet no século XXI.

b. Tema - Meio Ambiente e Sustentabilidade

Tópico 1 - A poluição no mundo.

Tópico 2 - A viabilidade do uso de energia solar em residências de baixa renda no nordeste brasileiro.

Tópico 3 - A reciclagem de garrafas PET como fonte de renda para cooperativas de catadores em São Paulo.

c. Tema - Violência Urbana

Tópico 1 - O roubo de celulares no centro de São Paulo no ano de 2023.

Tópico 2 - O crime na história da humanidade.

Tópico 3 - O homem e o comportamento agressivo.

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

REVISÃO E AVALIAÇÃO

Os tópicos que você deveria ter marcado com x na **questão 1** são:

- O impacto do Instagram na autoestima de adolescentes brasileiros.
- A viabilidade do uso de energia solar em residências de baixa renda no nordeste brasileiro.
- A reciclagem de garrafas PET como fonte de renda para cooperativas de catadores em São Paulo.
- O roubo de celulares no centro de São Paulo no ano de 2023.

Se você marcou "A história da comunicação humana" ou "A poluição no mundo", reveja o exercício. Esses são temas amplos demais, onde a bibliografia seria infinita e a pesquisa, inviável. Um bom tópico delimita espaço, tempo ou um fenômeno específico.

2. transformando uma repetição (obstáculo) em uma ponte (projeto viável)

Descobrir que alguém já escreveu sobre o assunto que você queria não é motivo para chorar ouvindo a *tracklist* triste da sua cantora favorita; é motivo de comemoração. Significa que você tem bibliografia! Agora, seu trabalho é pegar um tema já batido e dar a ele um recorte específico, de acordo com seus referenciais e interesses, aproveitando o que já existe, mas sem repetir a pesquisa.

Abaixo, você tem dois temas genéricos e batidos. Nas linhas em branco, use a sua criatividade para "salvar" essas pesquisas, delimitando-as (adicionando um público específico, uma obra específica ou um espaço de tempo viável). Siga o exemplo.

Exemplo: Tema batido: O impacto da inteligência artificial na sociedade.

Seu tema delimitado: O uso do ChatGPT como ferramenta de pesquisa por alunos do 1º ano de Direito da Universidade X.

1. Tema batido: A representação da mulher na música pop.

Seu tema delimitado: (Escolha uma artista, uma era ou um álbum específico e um conceito viável):

2. Tema batido: Os problemas da saúde mental na universidade.

Seu tema delimitado (Escolha um curso específico e/ou um momento crítico, como a época do TCC):

■■■■■■■■■■ SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO ■■■■■■■■■■

REVISÃO E AVALIAÇÃO

Critério de correção: o seu tema ideal não pode tentar salvar o mundo. No item 1, se você escreveu algo como *"A emancipação financeira feminina analisada através das letras do álbum *Midnights* da Taylor Swift"*, excelente! Você pegou um tema gigante ("mulher na música") e reduziu para algo que você consegue ler e analisar em um semestre. No item 2, se você sugeriu *"A incidência de crises de ansiedade em formandos do curso de Enfermagem durante o estágio obrigatório"*, parabéns. Você achou o caminho do meio. Você vai usar a bibliografia já existente sobre "saúde mental" para olhar apenas para um grupo restrito.

3. Elaborar a delimitação completa do próprio tema

Chegou a hora do *End Game*. Você treinou todos os passos da progressão: separou sujeito e objeto, adicionou adjetivos restritivos e trancou tudo dentro de um espaço e tempo definidos. Agora, você vai aplicar esse "assassinato por mil cortes" na sua própria ideia de pesquisa.

Pegue um assunto geral que você ame e o qual suporte investigar pelos próximos meses, e preencha a "fórmula da aprovação" abaixo.

ASSUNTO GERAL:

1. O meu Sujeito (A realidade/alvo da pesquisa):

2. O meu Objeto (O foco exato sobre o sujeito):

3. **Circunstância Espacial (Onde?):**

4. **Circunstância Temporal (Quando?):**

O TEMA DELIMITADO FINAL (Junte os itens de 1 a 4 em uma frase fluida):

■■■■■ SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO ■■■■■

AVALIAÇÃO FINAL

Olhe para a sua frase final. Ela parece longa? Talvez um pouco rígida? Não se preocupe, temas delimitados em TCCs não são títulos de filmes de Hollywood para serem curtos; eles são declarações de limites metodológicos.

Se a sua frase informa à banca exatamente *quem, o quê, de que tipo, onde e quando*, você alcançou a imortalidade acadêmica. O seu tema é agora um projeto exequível. Com essa base sólida estabelecida, o resto do seu projeto (e o temido "Problema de Pesquisa") será executado com a precisão de um relógio suíço.

Você sobreviveu à etapa da delimitação! Pegue um café (ou a bebida de sua preferência, como diria a Larissa Martins, do canal Coisas de tv) e comemore.

Aula 5: “It's me, hi, I'm the problem, it's me”

Sabe aqueles dois temas que sobraram ou até mesmo o tema que você preencheu nos exercícios da aula passada? O que você vai fazer agora é transformá-los em perguntas, a partir dos artigos que leu.

Por exemplo, se o tema é “A geração Claridade na Literatura de Cabo Verde”, uma pergunta poderia ser “Qual a importância da geração Claridade para a formação da literatura caboverdiana?”.

Feito isso, faça perguntas “menores” relacionadas a essa pergunta maior e que ajudarão a respondê-la. Por exemplo: “Como se formou a literatura caboverdiana?”, “Quais foram as fases do desenvolvimento da Literatura de Cabo Verde?”, “O que foi a geração Claridade?”, “Quais foram seus principais autores?”, “Qual o principal marco de distinção entre os claridosos e os escritores da geração anterior?”, “Qual o principal legado dos claridosos para os escritores das gerações posteriores?”, “Quais foram as críticas que receberam?”.

Ao fazer isso, você visualizará de forma concreta quais os passos necessários para responder a cada um dos dois temas e será capaz de mensurar o nível de dificuldade, o tempo necessário para o desenvolvimento, os recursos que precisará mobilizar para resolver cada uma de suas etapas. Assim, poderá fazer uma escolha mais segura. Além disso – e você perceberá nos capítulos seguintes – isso adiantará boa parte do seu trabalho.

Isso que você fez foi formular um problema. Uma pesquisa precisa de um problema a ser resolvido. Em vez de problemas amorosos, concentre no problema da sua pesquisa que esse, pelo menos, vai trazer coisas positivas.

O problema de pesquisa nada mais é que a indagação em torno da qual você empenhará seus esforços. Um problema é uma questão que ainda precisa ser respondida dentro do campo que você delimitou, uma relação entre autores ainda inédita, como é comum, por exemplo, nas Literaturas Comparadas, ou o destrinchar de um conceito que ainda oferece dificuldades de interpretação, como é comum em trabalhos de Filosofia.

Formular o problema como pergunta contribui para que o próprio autor esteja consciente das informações que precisa mobilizar e quais as partes precisa descartar por não serem pertinentes à pesquisa.

A gente já entendeu que não dá para sintetizar todo o conhecimento do mundo no seu projeto e nem é desejável que você faça isso. ***A gente entendeu, né???***

Ao formular perguntas sobre seu tema de pesquisa, você direciona o próprio olhar. Vamos tomar como exemplo um projeto de pesquisa sobre a escassez de água potável. A escassez da água potável é um problema para o mundo, mas dessa forma não constitui um problema de pesquisa.

Ao fazer perguntas como “quais os fatores levaram à escassez da água potável em determinado período histórico na região X?”, “como a população da região X resolveu a escassez de água potável?”, “qual a relação entre os padrões de consumo atuais da região X e a escassez de água potável?”, “qual o impacto do uso das Inteligências Artificiais generativas em relação à escassez da água potável?”, nós enfrentamos o tema, colocamo-lo em movimento e apontamos problemas que precisam – **E PODEM** – ser respondidos.

As perguntas que nós acabamos de fazer a respeito da escassez da água potável têm duas características em comum: **são claras e precisas**. E é assim que um problema

de pesquisa deve ser. Quanto menos vago e confuso for o seu problema, melhor será o seu projeto, pois assim você responderá a uma necessidade real de pesquisa.

Inúmeros são os trabalhos acadêmicos sobre a água potável, é uma questão que é colocada há muitos anos. Mas ao se tratar de uma região específica, em um tempo específico, esse escopo diminui consideravelmente – e talvez nem exista um trabalho acadêmico sobre o recorte que você fez.

Ao dizer que você estudará a região X e não a região Y o que você está fazendo é uma delimitação, como nós já aprendemos. Ou seja: você está colocando limites precisos dentro dos quais você irá se mover. Isso é importante porque torna possível você reunir as informações de que necessita dentro do tempo hábil para confeccionar seu trabalho.

Ao criar esses limites, você poderá abordar a questão em sua especificidade.

Vamos imaginar que o principal fator que levou à escassez da água na região X foi a construção de uma indústria em cima da nascente que a abastecia. Isso exige um estudo diferente do estudo sobre a região Y, na qual a escassez de água se deve à falta de chuva, simplesmente. Ou seja, ao definir de forma clara e precisa o seu problema, você criou a possibilidade de uma resposta diferente da resposta de um trabalho feito sobre a região Y, sobre a região Z ou de um trabalho que aborda os efeitos globais da escassez de água.

Uma coisa que é importante ter em conta ao formular um problema é: o problema deve ser solucionável. Isso não significa que você tenha que dar uma resposta à crise hídrica da região que estuda, a menos que seja essa sua proposta. **(Por favor, espero que não seja essa a sua proposta!)**

Isso significa que você conseguirá dados suficientes para responder à pergunta que levantou. Se você levantou a pergunta “quais os fatores levaram à escassez da água potável em determinado período histórico na região X?”, mas não há documentos nos quais você possa se basear, então você está diante de um problema que não é solucionável. Ou então existe um único documento, mas ele está em um museu na Alemanha e você não pode viajar até lá para consultá-lo: é um problema que, embora seja passível de ser solução, essa solução está fora do seu alcance. Isso indica que você precisa de um outro problema de pesquisa. Esta é a importância de um problema bem formulado – e de saber que é preciso formular bem um problema: se você não formula bem um problema, só descobrirá que não tem recursos necessários para respondê-lo quando já tiver gastado muito tempo e muitas páginas.

Lakatos e Marconi (2003, pp. 159-160) estabelecem cinco critérios para análise do problema e que, de certa forma, resumem o que foi falado até aqui. Em primeiro lugar, o problema deve ser analisado segundo a sua **viabilidade**.

Ou seja: você tem que se perguntar se a pesquisa que você irá desenvolver e o prazo estabelecido serão o suficiente para respondê-lo. O segundo e o terceiro critério são complementares: **relevância** e **novidade**. Isso significa que seu problema deve acompanhar os últimos estudos feitos e trazer contribuições para o debate. Por exemplo, em uma pesquisa sobre a pré-história, seu problema não deve acompanhar as conclusões das primeiras décadas de estudo, pois muitas foram derrubadas à luz de novas descobertas e de novas tecnologias.

O quarto e quinto critérios estabelecidos pelas autoras são, respectivamente, a **exequibilidade** e a **oportunidade**: isso significa que você precisa ter condições de chegar a conclusões válidas em seu trabalho e que ele seja oportuno para o debate acadêmico.

Você já escolheu o seu Assunto (o universo) e já delimitou o seu Tema (o seu mundinho particular). Mas ter um tema delimitado, como *"O consumo de moda sustentável na Geração Z paulistana"*, ainda não faz o seu trabalho andar. Um tema é apenas uma placa de trânsito; ele aponta a direção, mas não liga o motor do carro.

Para que o seu projeto saia do lugar como no clipe de *"Getaway Car"*, você precisa de uma mola propulsora. Na Metodologia Científica, essa mola se chama **Problema de Pesquisa**.

O problema é, pura e simplesmente, **uma pergunta clara, precisa e objetiva que a sua pesquisa pretende responder**. Toda a sua leitura, as suas entrevistas ou as suas madrugadas na biblioteca servirão exclusivamente para responder a essa única pergunta. Se você errar na hora de formular essa questão, vai passar os próximos meses cantando *"I Knew You Were Trouble"* para o seu próprio projeto.

Para evitar que você afunde antes mesmo de zarpar, vamos mapear o terreno minado. Os estudantes costumam cair em armadilhas clássicas ao tentar formular suas perguntas. Veja se você já cometeu algum desses erros metodológicos:

1. A Síndrome do "I can fix him"

Você propõe: *"O que pode ser feito para aumentar as vendas?"*. A ciência não responde diretamente a problemas assim. A ciência quer saber como as coisas são e qual o motivo pelo qual as coisas são como são, e não como consertá-las.

Na vida amorosa, essa síndrome ataca quando você olha para aquele sujeito caótico, cheio de "red flags", que tem a inteligência emocional de uma porta, e você pensa: *"Eu posso consertá-lo. O amor e a minha paciência vão transformá-lo num*

príncipe". Na Metodologia Científica, a doença é exatamente a mesma. O aluno olha para uma empresa falida, para o trânsito caótico de São Paulo, para a poluição dos oceanos ou para a evasão escolar, e diz para o orientador: *"Eu vou consertar isso com o meu TCC de 50 páginas. Meu projeto vai ensinar o mundo a resolver esse problema"*.

A verdade é que o seu TCC não é um episódio de *Supernanny*, não é um manual de autoajuda e você não é um consultor corporativo cobrando 5000 reais a hora.

O erro fatal de quem sofre da Síndrome do *"I Can Fix Him"* é confundir uma **pergunta científica** com uma **receita de como salvar o mundo**. O estudante formula problemas como: *"O que pode ser feito para aumentar as vendas da empresa X?"* ou *"Como melhorar a educação pública no Brasil?"*.

Um problema científico não é uma pergunta especulativa ou retórica. A ciência não existe para dizer *"como fazer"* as coisas funcionarem melhor ou *"o que é certo e errado"*. O papel do cientista é agir como os investigadores de *CSI*: você chega na cena do crime, isola a área, coleta o sangue, analisa o DNA e diz *o que aconteceu e por que aconteceu*.

Se você tenta "consertar" o problema na sua pergunta de pesquisa, o seu trabalho perde a objetividade. Você deixa de ser um pesquisador analisando fatos e passa a ser um palpiteiro elaborando cartilhas de comportamento.

Um problema expressa perguntas que possam ser verificadas, observadas e medidas no mundo real. Quando você pergunta *"Como aumentar as vendas?"*, onde estão as variáveis que você vai medir? Não existem. Agora, se você abandona o *"I Can Fix Him"* e pergunta: *"Qual é a relação entre o investimento em publicidade no TikTok e o volume de vendas mensais na empresa X?"*, a mágica acontece. Você tem algo

concreto para medir e cruzar. Você não está mais ensinando o dono da empresa a trabalhar; você está fornecendo um documento teórico ou uma análise de dados.

Para se curar da síndrome, você pode seguir três passos:

Passo 1: Abandone o "Como Fazer"

A ciência fundamental quer saber as causas e as relações.

Substitua o "Como fazer os jovens pararem de fumar cigarros eletrônicos (vapes)?" por algo como "Quais fatores de influência social (Variável A) determinam a adesão ao uso de cigarros eletrônicos (Variável B) entre adolescentes do Ensino Médio de Goiânia?"

Passo 2: Verifique a viabilidade empírica

Você consegue medir o que está propondo? Se você pergunta "*Como construir uma armadilha eficiente para matar o Demogorgon?*", você tem um possível post de rede social. Se você pergunta "*Como os portais afetam o campo magnético de Hawkins?*", você tem um problema de pesquisa.

Passo 3: Aceite o seu papel de observador

A Síndrome do "*I Can Fix Him*" é, no fundo, um ato de arrogância acadêmica. O pesquisador sensato é aquele que entende que descobrir *as causas* de um incêndio já é um trabalho monumental o suficiente. Você não precisa, além de investigar as cinzas, inventar um novo modelo de extintor de incêndios e ensinar o corpo de bombeiros a trabalhar. Foque naquilo que você pode resolver.,

Voltemos aos erros metodológicos:

2. O "Burn Book" acadêmico

Você pergunta: "*Qual é a melhor técnica de ensino?*" ou "*A nova lei é boa ou ruim?*". Na sua cabeça, você está prestes a instaurar a paz mundial e resolver os dilemas da sociedade. Na cabeça do seu orientador, você está mais perdido do que ele supunha.

A ciência foge de julgamentos morais. Palavras como bom, mau, certo, errado, melhor ou pior são subjetivas e, portanto, não são científicas e, portanto, devem ser banidas da sua pergunta central.

O que é uma medida "boa" para um zumbi pode ser o absoluto apocalipse para um vampiro (nunca conversei com nenhum deles, eu acho, então gostaria de ressaltar que é só um exemplo). A ciência não é o tribunal moral da série *The Good Place*. Ela foge de julgamentos de valor com a mesma velocidade que a gente foge de spoilers no dia da estreia de uma temporada nova da sua série favorita.

Tentar defender em um projeto de pesquisa que algo é "certo" ou "melhor" é uma batalha perdida. Portanto, abandone a toga de juiz. Se a sua intenção é ditar o que é certo e errado para o mundo, vá criar uma thread indignada no X (antigo Twitter). Se você quer fazer ciência, troque o juízo de valor moral pelos fatos observáveis. Em vez de perguntar "*Qual é a melhor técnica de ensino?*", problematize de forma científica: "*Quais são os índices de aprovação escolar dos alunos submetidos à técnica X em comparação com os da técnica Y?*".

Saem de cena as suas opiniões e as sentenças morais; entram no palco as referências bibliográficas, a pesquisa de campo, os questionários, as entrevistas.

3. O pesquisador Esfinge

Você responde ao seu orientador que sua pergunta é "*Como funciona a mente da sociedade de consumo?*". Pausa dramática. Ninguém sabe, jovem padawan. Qual é o conceito de "mente" que você está utilizando? Como uma sociedade inteira possui uma única "mente"? O que delimita a fronteira de uma "sociedade de consumo"? E o que raio você quer dizer com o verbo "funcionar"?

Problemas que usam linguagem de revista de fofoca, sem definir os termos mobilizados, são impossíveis de serem respondidos. A menos que a gente chame o Leo Dias para orientar a pesquisa.

Seu problema não deve ser formulado com a terminologia ambígua da linguagem cotidiana. Entenda: você não está escrevendo charadas para um almanaque. O trabalho científico não quer mistério; ele exige clareza e precisão cirúrgica.

Em vez de termos genéricos, especulativos ou poéticos, é preciso indicar exatamente os indicadores práticos que possibilitam medir, analisar ou observar o conceito que você usou. Em vez de lançar a charada insolúvel "*Como funciona a mente da sociedade de consumo?*", traduza isso para variáveis observáveis e operacionais: "*Quais fatores psicossociais (Variável A) determinam a frequência de compra de produtos de luxo (Variável B) entre jovens de 18 a 25 anos na cidade X?*".

Fim do mistério. Sai a esfinge, entra o pesquisador.

4. A Missão Impossível:

Você chega todo místico à reunião de orientação e propõe como problema de pesquisa: *"Qual é a cor da aura das pessoas quando elas mentem?"*. A menos que você tenha inventado um "aurômetro", isso não é testável. O problema deve ser empírico, ou seja, suas variáveis precisam ser suscetíveis de observação, medição ou manipulação no mundo real.

Lembre-se: um bom problema de pesquisa precisa ser **passível de solução**.

A ciência trabalha com o concreto. Se o seu problema tenta medir algo invisível, místico ou puramente espiritual, você saiu do departamento de Metodologia Científica e invadiu o set de filmagens de *Supernatural*.

Por isso, a menos que você seja o Tom Cruise em *Missão: Impossível* preste a invadir um bunker para roubar uma tecnologia alienígena, ou tenha acabado de patentear um "aurômetro" revolucionário validado pela comunidade acadêmica, a sua pergunta não é testável. Faltam a ela a exequibilidade e a viabilidade empírica, ou seja, a capacidade de chegar a uma conclusão válida através de dados reais. E se você não consegue coletar dados sobre o problema, a pesquisa simplesmente não existe.

Sua pergunta "missão impossível" pode ser metodologicamente salva se você traduzi-la para variáveis testáveis: *"Quais são as alterações fisiológicas (frequência cardíaca e sudorese) apresentadas por jovens adultos ao emitirem declarações intencionalmente falsas em uma simulação de interrogatório?"*.

Pronto. Sai a bola de cristal e o tabuleiro ouija, entra o *Mindhunter*.

Missão cumprida. O mundo mais uma vez foi salvo graças às Meninas Superpoderosas.

Estudo de caso: Cami Zeta e Dina Saura (o que não fazer)

Para entendermos como o caos se instaura na prática, conheçam duas amigas: **Cami Zeta**, estudante de Design de Moda, e **Dina Saura**, aluna de Arqueologia. As duas delimitaram seus temas, mas cometeram erros, muito comuns, aliás, ao formularem a pergunta de seus projetos.

Cami odeia a moda descartável e as calças de cintura ultrabaixa dos anos 2000 que voltaram a assombrar a humanidade. O tema dela é sobre o consumo de *fast fashion*. Cheia de fúria no coração, ela entrega a seguinte pergunta ao orientador:

"Como convencer os jovens a pararem de ser fúteis e pararem de comprar roupas de fast fashion que destroem o meio ambiente?"

Cami cometeu dois erros metodológicos. Primeiro, ela quer uma cartilha de "como convencer/como fazer", o que não é papel de um projeto de pesquisa. Segundo, ela já faz um julgamento moral sobre os jovens na própria pergunta. A pesquisa já nasce contaminada pela sua raiva.

Dina, por sua vez, quer focar sua pesquisa nas populações pré-históricas do Brasil, especificamente nos povos dos sambaquis (os enormes amontoados de conchas do litoral). O seu problema é o seguinte:

"Quais eram os sentimentos de angústia e solidão dos povos dos sambaquis de Santa Catarina durante as tempestades de inverno há 3 mil anos?"

Dina formulou uma pergunta que poderia ser uma música da Lana Del Rey, mas jamais poderia ser objeto de pesquisa. Sentimentos de "angústia" e "solidão" não fossilizam. Dina não pode entregar um questionário para um esqueleto de 3 mil anos e pedir para ele marcar de 1 a 5 o quanto se sentia solitário. Talvez ela pudesse recorrer à Oda Mae Brown, de *Ghost* (dir. Jerry Zucker, 1990), mas infelizmente o espírito do Sam Wheat subiu para o andar superior no fim do filme e também duvido que um bancário de Nova York pudesse saber alguma coisa sobre os povos dos sambaquis, mesmo depois de desencarnar.

Como ajudar Cami e Dina:

Se você, assim como Cami e Dina, olhou para a sua pergunta e percebeu que ela é um desastre metodológico, não precisa entrar em pânico.

Formular o problema exige treinamento. Vamos consertar os erros das jovens aplicando a teoria da pesquisa científica.

Para salvar o projeto da Cami Zeta, precisamos retirar a "futilidade" e o "como convencer" da jogada. O segredo é identificar algo que possa ser medido, estudado, analisado no mundo real. Em vez de querer consertar os jovens, Cami pode investigar o *que motiva* o comportamento deles.

A Solução para Cami poderia ser uma pergunta como: **"O que afeta mais a opção pelo fast fashion entre jovens universitários de São Paulo: nível de renda, publicidade**

ou hábito de consumo?" *Por que funciona?* Agora é científico. Não há julgamento. Ela pode aplicar questionários, cruzar os dados de renda com os hábitos de consumo, o investimento em publicidade das marcas de fast fashion em comparação com o orçamento de estilistas de pequenos ateliês e entender a situação que a incomoda. Talvez ela até encontre respostas diferentes das que imaginava previamente. (Vamos falar um pouco mais sobre isso quando falarmos de Hipóteses).

Para salvar a Dina Saura, precisamos tirar o foco de algo impossível de medir ("sentimentos") e focar em dados materiais e observáveis, além do conhecimento já produzido na área. Na Arqueologia, não se mede a angústia, mas é possível analisar a cultura material, as ossadas, fazer uma estimativa de como era a situação ambiental no período. Talvez ela pudesse até mesmo realizar novas escavações? A pergunta deve ser algo que os dados encontrados nas escavações possam, de fato, responder.

Um bom problema para Dina seria: **"Como as mudanças climáticas de inverno registradas há 3 mil anos alteraram o padrão de construção das moradias dos povos dos sambaquis de Santa Catarina?"** *Por que funciona?* Dina agora tem um problema com solução viável. A "angústia" sumiu, mas a ciência apareceu.

O projeto está lindo, digno de uma verba da *National Geographic*. Mas o orientador devolve o papel balançando a cabeça. O projeto de Dina falhou violentamente no critério de exequibilidade.

Dina esqueceu de um detalhe: ela é uma universitária falida, que tem apenas quatro meses para entregar o TCC, não possui autorização das autoridades competentes para escavar sítios arqueológicos, não tem orçamento para pagar testes caríssimos de Carbono-14, nem possui a qualificação técnica avançada para liderar sozinha uma equipe de escavação geológica. O problema dela é cientificamente válido, mas ela não

tem a qualificação adequada nem o tempo e outras condições de trabalho necessárias para o seu desenvolvimento. A pesquisa é irrealizável por ela, naquele momento.

Como a Dina poderia resolver isso? Ela não pode mudar de país ou pedir um milhão de dólares à universidade. Ela precisa adequar a sua curiosidade às suas condições. Ela desce até o subsolo da própria faculdade, onde já existem dezenas de caixas com ossadas e conchas de sambaquis que foram escavadas por pesquisadores profissionais. O material já está lá, catalogado.

O Novo Problema da Dina poderia ser: **"Quais são as diferenças significativas nos padrões de desgaste dentário (que indicam o tipo de dieta) entre as ossadas femininas e masculinas da coleção do sambaqui 'X', preservada na Universidade y?"**

Agora sim! Dina não precisa viajar, não precisa de equipamentos que não tenha à mão e pode responder à pergunta em poucas semanas de observação no laboratório. Assim, ela garantiu um problema a respeito do qual ela pode chegar a uma conclusão válida com os meios de que dispõe. E ainda vai ser interessante e divulgar o nome da Universidade. Todos ganham.

Um adendo: pode parecer óbvio, mas muito aluno escreve um parágrafo inteiro afirmando coisas e chama isso de problema. A maneira mais fácil e direta de facilitar a identificação do objetivo da sua pesquisa e formular o problema como pergunta, mesmo se for colocado de forma indireta e sem uso de ponto de interrogação. Caso contrário, os avaliadores podem pensar – se estivermos falando de um projeto para seleção de Mestrado ou Doutorado – que o problema já foi resolvido ou sequer existe.

Antes de iniciar seu projeto, analise seu problema a partir dessas perguntas:

- *A linguagem está precisa?* (Evite adjetivos poéticos ou gírias não conceituadas).

- *Ele pode ser verificado no mundo real?* (Se depender de bola de cristal ou leitura de mentes, jogue fora. Se você lê mentes, recomendo não entrar na carreira acadêmica. O tiktok dá mais dinheiro.).
- *Ele é factível?* (Se para responder à pergunta você precisa entrevistar mil pessoas em Paris até novembro, ele é inviável financeiramente e temporalmente).

Quando você domina a arte de fazer a pergunta exata, o resto do seu trabalho flui como um roteiro bem amarrado. O problema não é uma pedra no seu sapato; ele é o mapa do tesouro. Formule-o com rigor e objetividade e vamos para as próximas etapas!

Atividades da Aula 5

1. Identificar as *red flags*

Como você já sabe, o problema é a mola propulsora da pesquisa. Ele deve ser uma pergunta clara, precisa, empírica e suscetível de solução. A ciência não é autoajuda, não é tribunal moral e não tem bola de cristal.

Abaixo, temos quatro estudantes que entregaram seus problemas de pesquisa e foram sumariamente reprovados. Avalie as perguntas e relacione a segunda coluna de acordo com o **erro metodológico** que cometeram:

(A) Tenta consertar o mundo ou criar cartilhas de "como fazer", em vez de analisar variáveis.

(B) Tenta julgar se algo é bom, mau, certo, errado, melhor ou pior. A ciência não tem moral.

(C) Usa linguagem poética ou de revista de fofoca, sem definir exatamente o que as palavras significam.

(D) Tenta medir sentimentos invisíveis, almas, ou coisas que a tecnologia atual não tem como captar no mundo real.

() 1. *"Como fazer para acabar com a ansiedade dos jovens que usam o TikTok o dia inteiro?"*

() 2. *"Qual a vibração da aura humana quando o indivíduo escuta o álbum 'folklore', da Taylor Swift, em dias de chuva?"*

() 3. *"A cultura do cancelamento no X (antigo Twitter) é uma atitude justa ou errada perante a sociedade?"*

() 4. *"Como funciona a mente sombria da Geração Z em relação aos novos relacionamentos líquidos?"*

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

AVALIAÇÃO E REVISÃO

Vamos ao VAR:

- No item 1 (A), o aluno quis ser o herói e perguntou "como fazer para acabar" com algo. A ciência quer entender o porquê, e não consertar o mundo (deixe isso para os Vingadores).

- No item 2 (**D**), "vibração da aura" não passa num microscópio e nem numa planilha de Excel.
- No item 3 (**B**), perguntar se algo é "justo ou errado" é pedir para a banca dar uma opinião pessoal, o que destrói a objetividade científica.
- No item 4 (**C**), termos como "mente sombria" e "relacionamentos líquidos" sem definição operacional são apenas poesia indie, não são ciência.

Se você acertou, sua intuição metodológica está afiada. Vamos subir o nível.

2. Transformar o caos em ciência

Agora que você sabe identificar uma pergunta desastrosa, é hora de aprender a consertá-la. Um bom problema científico não julga e não dá conselhos, ele analisa dados, teorias, conceitos.

Sua missão aqui é pegar os delírios abaixo e reescrevê-los nas linhas em branco.

Transforme as perguntas em perguntas científicas:

a. "Fazer maratonas de série é um hábito ruim para os universitários?"

- *A sua missão:* Retire o julgamento moral e relacione a algo mensurável.

- **O Problema Científico (Reescrito por você):**

b. "O que os produtores de eventos devem fazer para evitar a ação de cambistas virtuais na venda de ingressos para a *The Eras Tour*?"

- *A sua missão:* Retire o "o que devem fazer" (você não é consultor do Procon). Foque em investigar como o fenômeno funciona.
- **O Problema Científico (Reescrito por você):**

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

AVALIAÇÃO E REVISÃO

- No item 1, se você escreveu algo como "*Qual é o impacto da privação de sono causada por maratonas de séries de streaming no rendimento acadêmico de jovens universitários?*", você foi perfeito. Saiu a fofoca, entraram dados.
- No item 2, se você mandou um "*De que maneira a ação de cambistas virtuais afeta a flutuação de preços no mercado paralelo de ingressos de grandes turnês internacionais?*", parabéns. Você deixou de ser o fiscal do evento e virou um pesquisador que analisa o impacto das ações.

3. elaborando o seu próprio problema

Chegou a hora do chefe final. Você já tem um Tema Delimitado (com sujeito, espaço e tempo bem definidos, que você fez no capítulo anterior). Agora, você fará a problematização dele. O problema precisa ser escrito sob a forma de uma pergunta que não deixe dúvidas à banca do que você fará durante os próximos seis meses.

Responda às questões abaixo para construir a sua pergunta de ouro.

1. Qual é o seu Tema Delimitado? (Escreva-o de forma afirmativa)

2. Transforme seu tema em uma frase interrogativa.

Sugestão: Comece com "Em que medida...", "Quais os fatores...", "De que maneira..." ou "Qual a relação..."

3. O Check-list:

() A minha pergunta tem ponto de interrogação no final?

() Eu não usei palavras como "bom", "mau", "certo" ou "deveria"?

() Eu tenho como medir essas coisas no mundo real sem precisar de magia ou de um milhão de dólares?

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

AVALIAÇÃO FINAL

Olhe para o seu rascunho bruto e para os "X" no seu check-list. Se você marcou todas as três opções, pode respirar aliviado. O seu problema deixou de ser um conceito abstrato flutuando no *Blank Space* e se tornou um farol.

Lembre-se: toda a bibliografia que você for ler a partir de hoje servirá única e exclusivamente para tentar responder a *essa* pergunta que você acabou de criar. Se a leitura não ajudar a responder essa interrogação, descarte-a.

Você tem um projeto nas mãos!

Aula 6: Because these things will change

Bem-vindos à fase em que você precisa vestir o seu melhor terno imaginário e vender a sua ideia. Você já tem um tema delimitado e um problema de pesquisa bem planejado. Mas a banca, a universidade e as agências de fomento não vão financiar ou aprovar o seu projeto apenas por isso, infelizmente. É aqui que entra a **Justificativa**.

Na metodologia científica, a justificativa é o momento de responder ao grande e impiedoso "**POR QUÊ?**". É uma exposição calculista e persuasiva das razões teóricas e práticas que tornam a sua pesquisa digna de existir e de gastar o tempo de leitura de alguém. O seu objetivo não é informar; é convencer.

Se o seu TCC fosse um álbum da Taylor Swift, a Justificativa seria a era *Reputation*: o momento de bater na mesa, olhar nos olhos dos críticos e provar por que você merece estar ali, destacando o ineditismo, a relevância social e a importância acadêmica do que você está prestes a fazer.

Antes de vermos como se faz, precisamos encarar o que destrói um projeto. Os estudantes costumam cometer crimes metodológicos gravíssimos nesta etapa:

1. Dar spoilers

Um grande erro é quando o aluno usa a justificativa para tentar provar que a sua hipótese está correta e já antecipa sua resposta final. Lembre-se: você ainda não fez a pesquisa! A justificativa serve para exaltar a *necessidade* de estudar o tema, e não para antecipar a conclusão do estudo. É como contar o final de um filme de suspense no trailer. Se for uma avaliação de projeto para uma seleção de Mestrado ou Doutorado, a

banca de avaliadores pode pensar que você já disse tudo o que poderia dizer sobre o assunto, ou que o problema é tão simples que você já resolveu na justificativa.

2. A Síndrome de "Folklore"

Uma tendência grande, por mais pitoresco que possa parecer, é justificar a pesquisa com o argumento de que "sempre amou o assunto" ou que "é um sonho de infância estudar isso". Não saberia contar quantas justificativas, digamos, afetivas passaram pelas minhas mãos nos últimos quinze anos. O fator afetivo é importante para você não surtar, mas a ciência não é o seu diário íntimo. Se o estudo não propuser conhecimentos novos à área (relevância teórica) ou benefícios para grupos de pessoas e para a sociedade (relevância prática), ele é descartável.

3. O Baile de Máscaras

Na ânsia de parecer inteligente, o estudante enche a justificativa de citações diretas, copia trechos inteiros de dez autores diferentes. Errado. A justificativa se diferencia totalmente da revisão bibliográfica e, rigorosamente, não deve ser um desfile de citações. A voz que deve imperar aqui é a sua capacidade de argumentação.

4. A Síndrome do Herói da Marvel

O aluno promete sugerir modificações mágicas que vão salvar a humanidade da fome, da guerra ou da crise econômica global com um TCC de 45 páginas, em uma

dissertação de 130 páginas ou em uma tese de 200. A justificativa precisa ser honesta e compatível com as limitações reais do que é possível ser feito em um trabalho dessa natureza. Lembrando que são poucas as pessoas que conseguem se dedicar totalmente à pesquisa, então, além de tudo, o estudante vai ter que dividir seu tempo com trabalho, família, levar o gato no veterinário, consertar o carro, chamar o encanador, passar vinte dias com a energia elétrica oscilando... O tempo dedicado à pesquisa, de fato, é muito pequeno para tentar salvar a humanidade com ela.

ESTUDO DE CASO: O COLAPSO DE MARA TONA E MARI NADA

Para entendermos como esses erros afetam a vida real, vamos analisar os projetos de duas universitárias em desespero: **Mara Tona**, de Educação Física, e **Mari Nada**, de Gastronomia. O problema de pesquisa ruim delas sangrou para dentro de suas justificativas, criando dois desastres acadêmicos completos.

Mara é atleta, tem uma dieta impecável e ama academias tradicionais. O seu foco de estudo é a modalidade de alta intensidade (*CrossFit*).

O Problema que Mara resolveu pesquisar foi: *"Como a prática errada de CrossFit pode comprometer as articulações de praticantes iniciantes?"*

A Justificativa de Mara foi a seguinte:

"Esta pesquisa é de extrema importância porque as pessoas estão acabando com seus joelhos levantando pneus de trator. O estudo vai provar que essa modalidade é perigosa, lesiva, e mostrar que as academias tradicionais são muito

melhores. Justifica-se também pela experiência negativa da autora com a modalidade."

Mara Tona cometeu vários erros. Primeiro, ela já respondeu à hipótese na justificativa, afirmando que vai "provar" que a modalidade é lesiva e perigosa, antes mesmo de coletar os dados. Segundo, ela está usando a pesquisa para fazer um julgamento de valor ("academias tradicionais são melhores"), o que extermina a objetividade científica. Por fim, usou a própria torção de joelho como relevância social. A banca vai mandar Mara dar uma volta na quadra e reprovar o projeto.

Mari Nada, por sua vez, assistiu a todas as temporadas de *MasterChef*, até as versões com crianças, idosos e celebridades, cozinha chorando e acha que todo prato tem uma alma. Seu foco são as receitas regionais antigas. Seu sonho é ter um restaurante afetivo em alguma cidade turística e cobrar 3 mil reais por uma receita ancestral de arroz com feijão acompanhado de bife e tomate.

O Problema que Mari elaborou foi: ***"Qual é a magia inexplicável que a comida das nossas avós traz para a alma humana?"***

Ela justificou da seguinte maneira:

"Este trabalho se justifica porque a comida é um fio invisível que liga corações. O bolo de fubá da minha avó me faz lembrar de tempos mais simples. A pesquisa é vital porque o mundo moderno está muito frio e precisamos voltar a sentir amor através das panelas de barro."

Mari Nada não está fazendo ciência, está escrevendo um roteiro da versão brasileira de *A festa de Babette* (dir. Gabriel Axel, 1987). A justificativa dela sofre da Síndrome de *Folklore*: não há a menor menção ao estágio atual da teoria gastronômica,

não há contribuição acadêmica e não há relevância prática mensurável. A emoção prejudicou totalmente o raciocínio. A banca pode até se comover, mas mesmo comovida, irá reprová-la.

Como podemos tirar Mara e Mari do fundo do poço junto com a Samara e transformar o caos delas em justificativas implacáveis?

1. A Tática do "Right Where You Left Me"

Para salvar Mara Tona, precisamos retirar o ódio e o julgamento prévio. O primeiro passo de uma boa justificativa é mostrar o estágio atual da teoria e identificar o que *ainda não foi solucionado*, o espaço em branco que o seu nome vai preencher. A pesquisa deve trazer contribuições teóricas descobrindo algo que ainda não foi dito.

Uma solução possível para Mara seria: Ela ajusta o problema para: "*Qual é a prevalência de lesões articulares em praticantes amadores de modalidades de alta intensidade na cidade X?*". Na justificativa, Mara argumenta friamente:

"O treinamento de alta intensidade tem apresentado crescimento exponencial (fato social). No entanto, o estágio atual da literatura esportiva foca majoritariamente em atletas de elite. Justifica-se a presente pesquisa pela lacuna teórica existente sobre os impactos biomecânicos em praticantes amadores. Do ponto de vista prático, o estudo pretende oferecer condições de possibilidade para que profissionais da Educação Física elaborem protocolos de prevenção de lesões mais seguros para o público não atleta, o que, em última instância, tem a potencialidade de impactar positivamente a saúde preventiva da comunidade."

Boom. Saiu a garota raivosa do joelho machucado, entrou a cientista que vai ajudar a sociedade (relevância social e oportunidade de pesquisa). Ela provou a **Relevância Teórica** (achou a lacuna e disse algo que ainda não havia sido dito) e a **Relevância Prática/Social** (os resultados ajudarão os professores de academia a não machucarem os alunos). A banca de avaliação não liga para o menisco rompido de Mara, mas com certeza se importará com as articulações de uma comunidade inteira.

O primeiro passo de uma justificativa à prova de balas é mostrar o estágio atual da teoria e identificar a **lacuna** existente. Na metodologia, a originalidade não significa inventar um tema que nunca foi estudado por ninguém no planeta (isso é ilusão); originalidade significa olhar para o que já existe e buscar aquilo que **ainda não foi dito**.

É aqui que entra a tática do *"Right Where You Left Me"*, da Taylor Swift. Na música, a personagem fica congelada no tempo no exato ponto e no exato restaurante em que foi deixada. Na ciência, você vai agir como um investigador da série Law & Order: você vai analisar a bibliografia e descobrir em que exato ponto os pesquisadores que abordaram algo relacionado ao seu tema "congelaram" e pararam de pesquisar.

2. A Tática do "Look What You Made Me Do"

Para salvar Mari Nada, precisamos pegar aquele choro nostálgico e transformá-lo em relevância acadêmica, social e econômica. Um trabalho científico precisa de inovação e deve ter o potencial de sugerir modificações no âmbito da realidade abarcada.

Mari poderia ajustar o problema para: "*De que maneira o resgate de técnicas culinárias regionais influencia a sustentabilidade de pequenos negócios gastronômicos locais?*". Na justificativa, Mari argumentaria algo como:

"A globalização alimentar tem gerado uma padronização massiva de cardápios (**contexto**). A pesquisa justifica-se, do ponto de vista teórico, pela necessidade de documentar e preservar o patrimônio cultural imaterial (**as técnicas regionais**) antes que desapareçam. Do ponto de vista socioeconômico, o estudo é relevante pois pretende investigar como a utilização de insumos locais e receitas tradicionais pode criar um diferencial competitivo e sustentável para microempreendedores gastronômicos. Também pretendemos analisar o impacto a mudança de cardápio para a economia regional."

Ela não abandonou a paixão pela comida afetiva, mas a justificou por meio da preservação cultural e da sustentabilidade de negócios (relevância social e ineditismo).

Quando for redigir a sua justificativa, deixe o modo *fanfic* de lado e use a frieza do método. O seu texto deve, em poucos parágrafos, passar por estes pontos:

- **Qual é o cenário atual do assunto?** (Sem citar trinta livros, apenas indique os mais relevantes ou mais recentes).
- **O que ainda falta entender sobre isso?** (A novidade/ineditismo).
- **De que forma este trabalho específico vai ajudar a teoria da sua área?**
- **Os resultados que você pretende alcançar podem impactar o mundo real? De que forma?** (Relevância social).

Se o seu texto responder a essas perguntas com uma argumentação sólida, você terá convencido a banca e assegurado o seu passe livre para a próxima etapa da pesquisa.

Mas ainda temos que nos atentar para uma necessidade prática: a de vender a nossa ideia. O projeto de pesquisa, em especial a justificativa, é bem mais parecido com uma “carta de vendas” do que com um artigo científico. No artigo, você não precisa provar a relevância do seu tema e do seu recorte. Se alguém o procurar para ler, é porque já está interessado no assunto. Há autores que incluem a justificativa no artigo, mas mesmo assim ela não tem o caráter de mostrar a pertinência do estudo.

Um projeto de trabalho de conclusão de curso não precisa defender o ingresso do estudante, então o que vou dizer a partir de agora não se aplica. O que vou falar é para quem quer ingressar em um programa de pós-graduação que exige um projeto de pesquisa. Nesse caso, a primeira coisa que você precisa conhecer é a instituição para qual está se inscrevendo, as linhas de pesquisa, o corpo docente.

Permita-me contar uma experiência pessoal. Tentei evitar até agora porque eu acho um pouco cansativo ler livros em que o autor só usa exemplos próprios. Acaba parecendo um material autopromocional. Mas nesse caso, talvez seja pertinente para ilustrar o que vou dizer a seguir. Perdoe-me se não for.

Quando me inscrevi para um intercâmbio na Europa, aos 19 anos, peguei dez matérias de cada uma das três universidades que indiquei como prioridades, e escrevi um parágrafo pequeno sobre cada uma delas e como elas se relacionavam com meus interesses intelectuais. Depois, escolhi dois ou três professores de cada universidade, dei uma estudada nas suas produções, e escrevi sobre como cada um deles era interessante para a minha pesquisa, ou se já os tinha usado como bibliografia de algum

trabalho e como seria enriquecedor ter aulas com eles, que já eram minhas referências. Essa foi a parte mais bem avaliada da minha inscrição e fui aceito não apenas nas três nas quais me inscrevi, como ainda outras duas me enviaram carta de aceite (eu escolhi ir para uma dessas duas, aliás. As condições que ela me ofereceu foram mais atrativas).

Uma professora que me avaliou me disse que minha justificativa se destacou precisamente por demonstrar interesse pelas instituições, em vez de falar apenas das minhas ambições pessoais. Eu fiz isso intuitivamente. Mas, desde então, faço de propósito em cada projeto que submeto (se for pertinente, claro) e ensino os alunos a fazerem também. Um pouco de massagem no ego institucional não faz mal, ademais.

A Justificativa é um dos itens mais importantes do seu projeto. Convém dedicar um bom tempo para pensar sobre ela. Mas não convém dedicar muitas páginas para ela, já que projetos costumam ter entre dez e vinte, excepcionalmente trinta páginas. Você pode estruturá-la em quatro parágrafos:

1. A importância que o tema tem para você:

Não é para falar de uma forma muito subjetiva e jamais usar linguagem pessoal, que pode ser muito mal avaliada a depender da banca. O que se espera aqui é que você diga se tem algo na sua trajetória que se relaciona a essa pesquisa que quer desenvolver. Você já pesquisou isso antes? Estudou sobre isso em alguma unidade curricular da graduação? Fez algum curso sobre? Ou tem algo relacionado à sua trajetória profissional prática? Você tem que colocar isso de forma bastante neutra, por exemplo: “O presente projeto é um desdobramento das questões levantadas a partir da disciplina X ministrada pelo Professor FULANO DE TAL na universidade x, no ano z.” Ou: “Este projeto é uma

sequência de uma pesquisa prévia desenvolvida no âmbito do Programa de Iniciação Científica realizado no ano x, sob a orientação do Prof FULANO B.” Tente começar a justificativa mostrando de que forma esta pesquisa se relaciona a você, ao que estudou, ao que viveu, ao seu trabalho.

2. A importância do tema para o projeto do professor:

Todos os professores que abrem vagas para orientação têm um projeto de pesquisa (ou mais de um). Busque qual o projeto do seu orientador pretendido está em vigência. Se não achar no site da Universidade, busque na Plataforma Lattes. Busque, pelo nome do projeto e do professor no google. Se achar – quase sempre é possível localizar –, leia o projeto do professor com especial atenção nos objetivos.

Talvez seu projeto não se relacione com todos, mas você precisa que se relacione pelo menos com um. Se não achar nada que se relacione de forma muito explícita, tente argumentar sobre um deles. Se o projeto do professor tiver entre os objetivos, por exemplo, “investigar a arte contemporânea”, você já pode defender que seu projeto sobre a artista Eva Uviedo é pertinente porque se enquadra nesse objetivo.

3. A importância para a linha de pesquisa e Programa de Pós-graduação:

Os sites dos programas de Pós-Graduação costumam ter o projeto do curso, as linhas de pesquisa e os objetivos de cada uma delas. Busque isso e proceda da mesma forma que fez com o item 2. Depois de fazer isso, busque o repositório de teses e dissertações do programa escolhido e veja o que tem sido defendido dos últimos anos.

Se não houver nenhum trabalho sobre um tema que se relacione ao seu, a sua argumentação será sobre a originalidade. Se houver algo que se relacione ao seu projeto, seu argumento será em que o seu projeto se diferencia, qual lacuna ele preenche, o que ele acrescenta ao debate. Por fim, você pode buscar trabalhos sobre temas relacionados em outras universidades brasileiras, principalmente as mais importantes. Se houver, você defende que o seu trabalho vai inserir a Universidade no debate acadêmico dessa questão; se não houver, você diz o quanto é importante para a Universidade ter um trabalho que iniciará esse debate.

4. Para a sociedade em geral:

O argumento de relevância social é muito importante, principalmente nos tempos em que vivemos. De que forma esse debate poderá impactar a sociedade como um todo? Nos exemplos que dei acima, das alunas hipotéticas Mara e Mari, dá para entender como construir um argumento de relevância social sem parecer forçado.

Dessa forma você terá construído uma justificativa bastante sólida.

Agora, vamos à prática.

Atividades da aula 6

1. O teste do polígrafo: o que entra e o que sai

Abaixo, você encontrará quatro parágrafos que foram entregues no projeto de pesquisa de um estudante sobre *"O impacto da inteligência artificial na rotina de roteiristas de séries de TV"*.

Avalie cada trecho e classifique-o marcando: **(J)** Se for um trecho perfeito de **Justificativa**. **(R)** Se for um trecho de **Revisão de Literatura/Embasamento** (e não deveria estar aqui). **(O)** Se for um trecho de **Objetivo/Problema**. **(S)** Se for um trecho de **Spoiler** (tentando adivinhar a conclusão antes da pesquisa ser feita).

() 1. "O presente trabalho pretende investigar de que maneira o uso do ChatGPT afeta o tempo de produção de um roteiro de drama."

() 2. "Segundo Chomsky (2001) e Eco (1977), a linguagem é uma estrutura viva. Além disso, para Silva (2023, p. 45), a IA não cria, apenas reproduz padrões probabilísticos."

() 3. "A pesquisa se justifica pela necessidade urgente de documentar a transição tecnológica atual no mercado audiovisual, preenchendo uma lacuna na teoria da comunicação contemporânea, além de fornecer dados que poderão auxiliar sindicatos na formulação de novas leis de direitos autorais."

() 4. "Com este estudo, provaremos definitivamente que a inteligência artificial jamais substituirá a alma humana na escrita de séries de televisão e que os roteiristas estão a salvo."

Resposta:

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

AVALIAÇÃO E REVISÃO

A sequência correta é: **1(O), 2(R), 3(J), 4(S)**.

Se você errou, preste atenção à frieza do método: O trecho 1 apenas diz *o que* vai ser feito (Objetivo). O trecho 2 é um amontoado de citações de outros autores; a justificativa deve ser construída com a sua capacidade de argumentação, sem copiar dezenas de teóricos. O trecho 4 é um desastre científico, pois o aluno já respondeu à hipótese antes de coletar os dados (o famoso *spoiler*). O trecho 3 é o único correto (J), pois vende a relevância teórica (preencher uma lacuna) e a relevância prática (ajudar na formulação de leis).

2. Dissecando a relevância (o cérebro vs. a rua)

Uma boa justificativa consegue conciliar dois tipos de importância: a **Relevância Teórica** (o que o seu trabalho acrescenta à ciência e às teorias que já existem) e a **Relevância Prática ou Social** (quem, no mundo real, fora da universidade, vai se beneficiar com a sua pesquisa).

Abaixo, temos as justificativas de duas alunas fictícias.

Uma estuda Administração, Gaby Netti, e a outra, Debby Êntures, estuda Economia. Leia os trechos e identifique qual parte de cada frase representa a **Relevância Teórica** e qual representa a **Relevância Prática/Social**. Escreva (T) ou (P).

Gaby Netti: "O estudo visa preencher a carência de literatura acadêmica brasileira sobre o estresse ocupacional em cozinhas de alta performance (). *Além disso, os resultados permitirão que donos de restaurantes criem escalas de trabalho mais humanas, diminuindo a taxa de demissões e o adoecimento mental da equipe ().*"

Debby Êntures: "Este projeto fornecerá dados estatísticos concretos para que as prefeituras e secretarias de turismo estruturem o transporte público de forma mais eficiente em dias de megaeventos, evitando o colapso urbano (). Paralelamente, o trabalho propõe uma nova categoria de análise para o modelo econômico de 'turismo de urgência', atualizando os velhos conceitos da economia do entretenimento ()."

Resposta:

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

AVALIAÇÃO E REVISÃO

- **Gaby:** "preencher a carência de literatura acadêmica..." é a **Relevância Teórica (T)**. "permitirão que donos de restaurantes criem escalas de trabalho mais humanas..." é a **Relevância Prática/Social (P)**.
- **Debby:** "fornecerá dados estatísticos... para que as prefeituras estruturem o transporte..." é a **Relevância Prática/Social (P)**. "propõe uma nova categoria de análise... atualizando os velhos conceitos..." é a **Relevância Teórica (T)**.

Se você conseguiu identificar quem salva a teoria e quem salva o mundo real, está pronto para o próximo nível. A sua pesquisa precisa atingir esses dois alvos!

3. O diário da Princesa

Todo professor já leu uma justificativa em que o aluno argumenta por que o tema é importante para ele próprio. O fator afetivo existe, mas a justificativa precisa ser

impessoal, convincente e objetiva. Abaixo, você encontrará o rascunho emocional de uma estudante de Sociologia, Lêda Logia. O tema de Lêda é a cultura de idolatria pop. A sua tarefa, como um orientador implacável, é reescrever esse parágrafo para que ele fique mais adequado à linguagem acadêmica:

"Eu escolhi este tema porque eu sou fã da Taylor Swift desde 2012 e ver como os Swifties se organizam na internet é a coisa mais linda e mágica do mundo. Minha pesquisa se justifica porque todo mundo acha que fã de cultura pop é fútil e histérico, e eu quero calar a boca dos críticos mostrando que a gente tem um poder de mobilização política muito forte no Twitter. A sociedade precisa respeitar mais os fãs."

A Sua Versão Científica (Reescrita):

■ ■ ■ ■ ■ SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO ■ ■ ■ ■ ■

AVALIAÇÃO E REVISÃO

Compare a sua reescrita com este modelo: *"O presente estudo justifica-se, do ponto de vista teórico, pela necessidade de investigar as novas formas de organização social no espaço cibernético, tirando o foco dos movimentos sociais tradicionais e*

analisando a estrutura das comunidades de fãs (fandoms). Do ponto de vista social, a pesquisa é relevante pois demonstrará como o engajamento coletivo em torno de figuras da cultura pop é capaz de gerar impactos reais na opinião pública e em debates políticos contemporâneos, rompendo com o estereótipo de alienação frequentemente associado a esses grupos."

Viu a diferença?

4. Construindo a sua armadura

Agora é com você. Resgate o seu próprio Tema Delimitado e o seu Problema de Pesquisa (que você já construiu nas aulas anteriores). Chegou a hora de vender o seu projeto preenchendo as "fórmulas" de argumentação científica.

Responda aos três pontos abaixo em formato de texto contínuo, conectando as frases para formar o primeiro rascunho da sua justificativa:

1. O Estágio Atual (Qual é a lacuna ou o problema que você observou no mundo ou na teoria?):

Hoje em dia, percebe-se que _____

_____. No entanto, os estudos atuais (ou a sociedade)

ainda falham em compreender/resolver _____

2. A Relevância Teórica (O que o seu trabalho traz de novo para a academia?):

Diante disso, esta pesquisa justifica-se por trazer uma nova contribuição à teoria de

_____, ao analisar/explicar/propor _____

_____.

3. A Relevância Prática e Social (Quem se beneficia no mundo real?):

Além disso, do ponto de vista prático e social, os resultados deste trabalho poderão ser utilizados por (empresas / escolas / sociedade / para que possam

_____.

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

AVALIAÇÃO FINAL

Leia o parágrafo que você acabou de montar. Se você preencheu essas lacunas de forma clara, objetiva e na terceira pessoa, parabéns.

Aula 7: "I check the list and I check it twice"

Você já delimitou o seu tema e já tem um Problema de Pesquisa (a sua pergunta de um milhão de dólares). O motor do carro está ligado. Mas, se você acelerar agora sem um GPS, vai acabar batendo no muro e cantando "*I Knew You Were Trouble*".

Na Metodologia Científica, esse GPS atende pelo nome de **Objetivos**. Se a Justificativa responde ao "por quê", os objetivos respondem ao "**para quê**" você está gastando o seu tempo de vida na terra estudando esse tema.

A importância de traçar bons objetivos é a mesma de planejar um assalto em *La Casa de Papel*: você precisa de uma meta principal irreduzível e de passos milimetricamente calculados para chegar ao cofre sem ser pego.

O Objetivo Geral: É a sua visão global. É o "Grammy de Álbum do Ano". É a frase que resume a grande meta final do seu trabalho. Ele está intimamente ligado ao seu Problema de Pesquisa, mas não é uma pergunta, é uma declaração de intenção de topo de montanha.

Os Objetivos Específicos: São a sua *tracklist*. São os passos intermediários, concretos e sequenciais que você obrigatoriamente terá que cumprir para alcançar o Objetivo Geral. Pense neles como o esqueleto dos seus capítulos.

E a regra de ouro que jamais deve ser esquecida: **TODO objetivo deve obrigatoriamente começar com um verbo no infinitivo** (Analisar, Compreender, Verificar, Identificar, Comparar). A ciência exige ação, não poesia (infelizmente).

Antes, veja os buracos nos quais os universitários mais caem:

1. A Síndrome do "Miss Simpatia"

O aluno usa os verbos no infinitivo, mas mira em metas que não cabem à ciência. Ele escreve: "*Conscientizar a população sobre...*" ou "*Acabar com a criminalidade através de...*". A sua pesquisa não é uma ONG. O seu objetivo acadêmico é "*Analisar a criminalidade*", e não a erradicar. Repita comigo: "Eu não sou o Batman!"

2. A síndrome do "Freaky Friday"

O aluno lista como objetivos específicos: "*1. Ler livros sobre o assunto; 2. Distribuir 50 questionários; 3. Fazer gráficos*". O orientador tem vontade de chorar (e de fazer chorar). Ler livros e tabular dados não são os objetivos do seu conhecimento, são as suas obrigações metodológicas (isso vai para o capítulo de Metodologia). A menos que as obrigações metodológicas e seus objetivos tenham ido a uma cartomante e trocado de corpos, como as personagens de Lindsay Lohan e Jamie Lee Curtis no filme de 2003. O objetivo específico é o que você vai *descobrir* com o questionário, não o ato de entregá-lo.

3. O Efeito Boneca Russa Invertida

É quando um objetivo específico acaba sendo gigantesco, infinitamente mais amplo que o Objetivo Geral. É como dizer que o seu objetivo geral é "limpar o seu quarto", mas um dos objetivos específicos é "reconstruir a arquitetura da sua casa inteira". O específico tem que caber dentro do geral, não o contrário.

4. A Amnésia do Problema

O aluno faz uma pergunta brilhante no Problema de Pesquisa sobre "o impacto das redes sociais", mas, na hora de listar os objetivos, propõe "analisar o mercado financeiro". O Objetivo Geral é, literalmente, a resposta espelhada da sua pergunta-problema. Se eles não combinam, o seu projeto tem um grave erro metodológico.

Estudo de caso: Lili Minar e Anne Stesia no tribunal da banca

Para ilustrar o caos, conheçam duas estudantes de áreas completamente diferentes, mas que cometeram atrocidades parecidas ao tentarem definir os objetivos de suas pesquisas. Lili Minar, estudante de Direito, assistiu a todas as temporadas de *How to Get Away with Murder*, usa terninhos impecáveis e acha que o TCC dela vai mudar o Código Penal e colocar todos os vilões de colarinho branco na cadeia. O problema de pesquisa dela era razoável: "*Quais as falhas processuais que levam à impunidade em crimes de lavagem de dinheiro no estado X?*". Mas veja o que ela escreveu nos objetivos:

Objetivo Geral de Lili: Punir os corruptos e mostrar para a sociedade que a justiça funciona, alterando a lei de lavagem de dinheiro. **Objetivos Específicos de Lili:** 1) Conscientizar os juízes; 2) Provar que o político fulano de tal é culpado; 3) Fazer uma nova lei mais severa.

Lili foi consumida pela Síndrome de Annalise Keating. Ela não tem um objetivo acadêmico; ela tem um manifesto político e um plano de vingança pessoal. Ela confundiu o papel de pesquisadora com o de legisladora e ativista. Nada do que ela

propôs é empiricamente testável em uma pesquisa e seus verbos ("punir", "conscientizar", "fazer lei") fogem totalmente do rigor desse tipo de trabalho.

Já Anne é viciada em *Grey's Anatomy* e sonha em ser a nova Christina Yang e ganhar o prêmio Harper Avery. O problema de pesquisa dela era: "*Qual o impacto do uso de música clássica na redução da ansiedade pré-operatória em pacientes idosos?*". Eis os objetivos que ela entregou:

Objetivo Geral de Anne: Curar a ansiedade dos idosos do hospital Y colocando músicas relaxantes para eles ouvirem antes da cirurgia. **Objetivos Específicos de Anne:** 1) Comprar um rádio; 2) Medir a pressão arterial dos velhinhos; 3) Entrevistar os médicos.

Os procedimentos práticos do trabalho de campo de Anne trocaram de corpo com os objetivos científicos. A culpa não é dela pela confusão. "Comprar rádio" e "medir pressão" são passos da coleta de dados, não objetivos de pesquisa. Além disso, a ciência não está ali para "curar" a ansiedade imediatamente como passe de mágica (isso é o tratamento médico), mas sim para *avaliar* se a música afeta a ansiedade.

O que fazer para tirar a paixão de Lili Minar e a lista de compras de Anne Stesia? O primeiro passo é substituir a confusão por verbos cognitivos precisos (como *descrever, comparar, avaliar, identificar. Não, não precisa ir a um dicionário de sinônimos e usar verbos nunca usados antes. O simples funciona*). Vamos consertar isso.

Resolvendo a vida de Lili Minar

Para transformar o surto de Lili em ciência jurídica, precisamos arrancar a toga de vingadora e dar a ela a caneta de pesquisadora. O objetivo geral deve espelhar a pergunta. Os específicos devem fatiar a teoria.

A pergunta dela era: *"Quais as falhas processuais que levam à impunidade em crimes de lavagem de dinheiro no estado X?"*.

A Solução do Objetivo Geral: (Pega-se a pergunta e troca-se por um verbo no infinitivo de investigação).

Novo Objetivo Geral: *Identificar e analisar* as principais falhas processuais que resultam na absolvição de réus em crimes de lavagem de dinheiro no estado X.

A Solução dos Objetivos Específicos: (Quais os capítulos teóricos que ela precisa escrever para chegar nessa conclusão?).

- I. *Descrever* a evolução histórica da lei de lavagem de dinheiro no ordenamento jurídico brasileiro;
- II. *Mapear* a jurisprudência do Tribunal de Justiça do estado X nos últimos cinco anos;
- III. *Comparar* as teses de defesa mais aceitas pelos juízes que resultaram em impunidade.

Pronto! Lili não vai vigiar & punir ninguém, mas vai produzir um documento que explica exatamente os furos do sistema.

Resolvendo a vida de Anne Stesia:

Anne, por sua vez, precisa entender que a pesquisa não é a ação médica em si, mas a compreensão dos resultados dessa ação. Vamos transformá-la numa cientista de dados de saúde.

A pergunta dela era: *"Qual o impacto do uso de música clássica na redução da ansiedade pré-operatória em pacientes idosos?"*.

A Solução do Objetivo Geral: (Trocar o "curar" por algo que demonstre análise de dados empíricos).

Novo Objetivo Geral: *Avaliar* a eficácia da musicoterapia clássica como intervenção não-farmacológica na redução da ansiedade pré-operatória em pacientes geriátricos do Hospital Y.

A Solução dos Objetivos Específicos: (Tirar a "compra de rádio" e colocar o que ela vai fazer intelectualmente com os dados que coletar).

- I. Caracterizar o perfil clínico e sociodemográfico dos idosos submetidos a intervenções cirúrgicas no período de estudo;
- II. Identificar as variações dos sinais vitais (pressão arterial e frequência cardíaca) antes e após a exposição musical;
- III. Contrastar os níveis de ansiedade autorrelatados pelo grupo de controle (sem música) e pelo grupo experimental (com música).

Perfeição cirúrgica! Em vez de listar tarefas de enfermagem, ela estruturou etapas lógicas de raciocínio. Ela vai descrever o cenário (1), levantar os dados técnicos (2) e cruzar as informações para chegar à conclusão (3).

Lembre-se: Seus objetivos são as suas promessas. Quando você escreve "Analisar", a banca vai chegar na conclusão e cobrar: "Cadê a análise?". Portanto, não prometa nada que não possa cumprir, seja frio, use a taxonomia dos verbos acadêmicos a seu favor e deixe o seu lado popstar dramático guardado apenas para a festa de formatura.

Mas ainda faltou um detalhe absolutamente crucial e estratégico na nossa última conversa. Nós definimos o que são os objetivos e consertamos os delírios da Lili e da Anne, mas deixamos de fora a **Mecânica secreta dos verbos** (esse seria um excelente título para um documentário do Discovery) e a **Regra de ouro do esqueleto do Projeto de pesquisa**. Se você não entender a hierarquia cognitiva dos verbos, a banca vai te olhar com a mesma pena que a Regina George de *Meninas Malvadas* olha para alguém usando calça de moletom numa quarta-feira.

A metodologia científica não joga palavras ao vento. A escolha do verbo no infinitivo não é uma questão de "qual soa mais bonito", mas sim de qual é o seu "nível de poder" investigativo. Além disso, existe um truque estrutural que salva a vida de qualquer universitário desesperado. Vamos detalhar isso agora:

1. A Escala de Poder Cognitivo (As Eras da Metodologia)

A literatura metodológica estabelece que os verbos operacionais usados nos objetivos indicam o nível de profundidade do seu saber. É como se a sua pesquisa fosse a discografia da Taylor Swift: você não começa escrevendo as complexidades existenciais de *Folklore* sem antes ter passado pelas letras descritivas de *Fearless*.

A ciência exige que você saiba exatamente em qual "estágio cognitivo" o seu objetivo geral e os seus específicos se encontram:

- **Nível 1: A Era *Fearless***

Aqui você está apenas observando e relatando o que existe. É o nível mais básico da ciência. Você não vai mudar o mundo, vai apenas documentá-lo. **Verbos adequados:** **Apontar, descrever, identificar, relatar, nomear, transcrever.** **Uso:** Ideal para o primeiro ou segundo objetivo específico, quando você precisa apenas mapear o terreno (ex: "Descrever a evolução histórica da lei").

- **Nível 2: A Era *Reputation***

Aqui o jogo fica sério. Você começa a cruzar dados, dissecar teorias e ver como as coisas funcionam na prática, investigando as engrenagens ocultas do fenômeno. **Verbos adequados:** **Analisar, comparar, debater, diferenciar, investigar, testar.** **Uso:** Perfeito para o objetivo geral ou para os objetivos específicos centrais da sua pesquisa de campo.

- **Nível 3: A Era *Folklore/Evermore***

Você já descreveu, já analisou, e agora vai julgar (cientificamente), propor modelos complexos e criar uma síntese totalmente nova. **Verbos adequados:** **Avaliar, argumentar, formular, construir, esquematizar, validar.** **Uso:** Muitas vezes reservado

para o objetivo geral de dissertações de mestrado e teses de doutorado, que exigem um salto intelectual mais profundo.

O erro fatal: Um aluno de graduação propõe como objetivo específico "*Formular uma nova teoria*" (Nível 3, quase impossível para o prazo e recursos que tem), ou um doutorando propõe como objetivo geral "*Apontar as características de um livro*" (Nível 1, raso demais para um doutorado). Adapte o verbo à sua realidade acadêmica!

A Regra de Ouro: Objetivos Específicos = Capítulos

Esta é a informação mais valiosa que muitos orientadores esquecem de contar aos alunos: **os objetivos específicos devem ser buscados na estrutura do trabalho, ou seja, eles são literalmente os seus capítulos.**

Se o seu trabalho fosse a *The Eras Tour*, o Objetivo Geral seria a turnê inteira. Os Objetivos Específicos seriam as *Setlists* de cada Era. Eles são os degraus concretos e sequenciais que você sobe.

Vamos resgatar o exemplo da nossa advogada, Lili Minar, cujo Objetivo Geral consertado foi: "*Identificar e analisar as principais falhas processuais que resultam na absolvição de réus em crimes de lavagem de dinheiro*".

Veja como os três objetivos específicos que criamos para a Lili se transformam, em um passe de mágica, no **Sumário** de seu trabalho de conclusão de curso.

- **Objetivo Específico 1:** *Descrever a evolução histórica da lei de lavagem de dinheiro no ordenamento jurídico.* (Nível Cognitivo 1).
- *Vira o Capítulo 1:* A Evolução Histórica da Lei de Lavagem de Dinheiro no Brasil.

- **Objetivo Específico 2:** *Mapear a jurisprudência do Tribunal de Justiça nos últimos cinco anos.* (Nível Cognitivo 1).
- *Vira o Capítulo 2:* Mapeamento Jurisprudencial Recente do Tribunal de Justiça.
- **Objetivo Específico 3:** *Comparar as teses de defesa mais aceitas pelos juízes.* (Nível Cognitivo 2 - Análise).
- *Vira o Capítulo 3:* Análise Comparativa das Teses de Defesa e Fatores de Impunidade.

Percebeu a genialidade metodológica? Se você definir os seus objetivos específicos usando os verbos operacionais corretos e em uma ordem lógica de aprofundamento (começando pelo básico "descrever" e terminando no complexo "comparar" ou "analisar"), **você nunca mais sofrerá da síndrome da folha em branco.**

A sua pesquisa já está estruturada. O esqueleto do texto nasceu. Você sabe exatamente o que escrever no capítulo 1, no capítulo 2 e no capítulo 3. É como montar a estratégia perfeita para derrotar o Demogorgon em *Stranger Things*: cada membro da equipe tem uma tarefa clara, com um verbo de ação específico, e se todos cumprirem suas missões, o monstro (o seu TCC) cai derrotado sem que ninguém precise morrer.

Se o Problema de Pesquisa era a sua pergunta de um milhão de dólares, o levantamento de hipóteses é o momento exato em que você deixa os *flashbacks* de lado, empurra suas fichas para o centro da mesa e grita as suas apostas ao som de *Jai Ho!*

A hipótese é uma resposta provável, suposta e provisória ao problema que você acabou de formular. É literalmente a sua intuição acadêmica, deduzida a partir da revisão bibliográfica, sobre o que você *acha* que vai encontrar no final da pesquisa. Em termos pop, formular uma hipótese é incorporar a energia do álbum *Speak Now* da Taylor Swift: você vai afirmar algo com toda a convicção do mundo e, ao longo das próximas 50 páginas, vai ter que provar se estava certo ou se estava completamente equivocado. Mas, antes de sairmos atirando afirmações no escuro, precisamos entender onde essa tática é obrigatória e onde as pessoas costumam arruinar tudo.

Um dos maiores surtos coletivos entre universitários é achar que *todo* trabalho no universo precisa de uma hipótese com duas variáveis matemáticas perfeitamente desenhadas. Não é bem assim. A exigência da hipótese depende da sua área de estudo e do tipo de pesquisa.

- **Nas Ciências da Saúde, Exatas e Pesquisas Quantitativas (O Mundo de Anne):**

Em pesquisas quantitativas, experimentais ou *ex-post facto*, o pesquisador *precisa* formular hipóteses claras para colocá-las à prova através de testes estatísticos. Se você quer descobrir a relação de associação ou dependência entre duas variáveis médicas ou numéricas, o enunciado claro da hipótese é um requisito fundamental.

- **Nas Ciências Sociais, Humanas e Direito (O Mundo de Lili):**

Aqui, o terreno é mais fluido. Em estudos qualitativos, exploratórios ou puramente descritivos, a formulação de uma hipótese testável não é estritamente

obrigatória. Muitas vezes, a hipótese fica *implícita* no objetivo do trabalho, ou o pesquisador trabalha com uma única variável de descrição. Contudo, mesmo não sendo obrigatória na forma de cálculo, ter uma hipótese (uma proposição teórica que orienta o texto) salva o seu trabalho de virar um diário adolescente sem foco.

Para que a sua aposta seja considerada "logicamente aceitável", ela precisa escapar de quatro armadilhas clássicas:

1. A Crise de Identidade:

Uma armadilha parecida com a que ocorre com os objetivos. O Problema é uma interrogação; a Hipótese é, obrigatoriamente, uma **afirmação**. É chocante a quantidade de alunos que respondem a uma pergunta com outra pergunta – será que foram alunos de Sócrates na vida passada? A hipótese é a sua resposta categórica e provisória.

2. A Síndrome do Senhor Óbvio.

O erro é propor algo que já é óbvio ou que já foi provado. É preciso não confundir hipótese com pressuposto (evidência prévia). Se você lança como hipótese que "a gravidade faz as maçãs caírem", não há mais nada a demonstrar, o conhecimento não avança e a banca vai bocejar na sua cara.

3. O Julgamento Moral

Quando o aluno usa palavras como *bom, mau, deve, deveria, justo ou injusto*.

Hipóteses que envolvem julgamentos de valor não podem ser testadas empiricamente e devem ser sumariamente banidas. A gente também já falou disso, mas vamos repetir: A ciência não testa a "maldade" de algo, testa o seu "impacto mensurável".

4. A Síndrome do Mágico de Oz

O pesquisador novato quer explicar um fenômeno criando uma teoria mágica de dez variáveis cruzadas. A metodologia exige **parcimônia**. A lei da parcimônia diz que uma hipótese simples é sempre preferível a uma complexa, desde que tenha o mesmo poder explicativo. Não invente conspirações alienígenas se uma variável simples de comportamento explica o fato.

Estudo de caso: o desespero de Lili Minar e Anne Stesia

Vamos chamar nossas velhas amigas de volta à sala do orientador para ver como a área de estudo afeta o levantamento de hipóteses e como consertar os erros.

Anne está em uma área experimental (quantitativa/clínica), o que significa que o delineamento de variáveis independentes e dependentes e a formulação de hipóteses são obrigatórios e rigorosos. Lembremos do problema dela: "*Qual o impacto do uso de música clássica na redução da ansiedade pré-operatória em pacientes idosos?*"

- **O Erro de Anne (Falta de Parcimônia e Limites Empíricos):** Inspirada pelo episódio musical de *Grey's Anatomy*, ela escreve sua hipótese assim: "*A música*

clássica é boa porque acalma o espírito agitado dos idosos e eleva a aura do paciente, devendo ser usada sempre."

- **O Veredito:** Um desastre. Ela usou juízos de valor ("é boa", "deveria"), o que a ciência repudia, e usou variáveis impossíveis de testar no mundo real ("aura", "espírito"). Além disso, feriu a parcimônia.
- **A Solução:** Como a hipótese é um enunciado de relações entre variáveis, Anne precisa isolar a *Causa* (Variável Independente - X) e o *Efeito* (Variável Dependente - Y).

Hipótese Corrigida: "A audição de música clássica no pré-operatório (X) diminui significativamente a frequência cardíaca e a pressão arterial (Y) em pacientes geriátricos." Pronto. Afirmativa, testável, direta ao ponto e sem magia.

Lili está nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Sua pesquisa é documental e qualitativa. Ela não vai medir a pressão de ninguém; logo, sua hipótese não precisa de fórmulas numéricas, mas *precisa* ser uma proposição teórica que guie sua interpretação lógica. O problema dela era: *"Quais as falhas processuais que levam à impunidade em crimes de lavagem de dinheiro no estado X?"*

- **O Erro de Lili (A Síndrome do Pressuposto e Julgamento):** Influenciada pelos discursos de Annalise Keating em *How to Get Away with Murder*, Lili solta a seguinte hipótese: *"Os juízes são injustos e a lei é péssima porque a corrupção é um problema óbvio no Brasil."*
- **O Veredito:** Além de não ser muito prudente acusar os juízes sem base empírica, Lili cometeu o erro do pressuposto e do juízo de valor. Que a corrupção existe é

um pressuposto geral, não uma descoberta de TCC. Que a lei é "péssima" é um julgamento moral, não empírico.

- **A Solução:** Lili precisa estabelecer uma relação de associação ou de dependência entre as falhas da lei e o resultado dos julgamentos, de forma fria e afirmativa.

Hipótese Corrigida: "O elevado índice de absolvições nos crimes de lavagem de dinheiro no estado X (Y - Variável Dependente) decorre majoritariamente da aceitação jurisprudencial da tese de ilicitude na quebra de sigilo bancário (X - Variável Independente) durante a fase de inquérito."

Resumindo:

Ao construir um problema, precisamos construir uma resposta provisória que, depois, validaremos ou não com nossa pesquisa. Essa resposta provisória e que pode ser testada é o que chamamos de hipótese.

Cada problema pode ser respondido de diversas formas. Quando damos uma resposta provisória a ele o que fazemos é eleger uma delas para investigar se é plausível ou não. Ou seja, a hipótese funciona como um ponto de partida para a investigação, pois o resultado final de sua pesquisa será o relatório do processo pelo qual você operou a verificação da sua hipótese. A hipótese também funciona como um ponto final, pois ao delinear a resposta que pretende dar, você estabelece um "fim" para a investigação.

Quanto maior o seu conhecimento prévio do assunto, quanto mais leituras tiverem sido feitas, maiores são as chances de dar uma resposta provisória com mais clareza conceitual, com termos mais adequados e que, por consequência, orientará você com mais firmeza pelo percurso de investigação. Conhecer teorias a respeito do seu problema e conhecer outras pesquisas que tenham tratado de problema semelhante é

importante porque, embora provisória, a resposta hipotética deve estar ancorada em algo além da capacidade de observação e da intuição do pesquisador.

O conhecimento prévio também orienta em relação à forma em que a hipótese deve ser expressa, isto é, com clareza conceitual, com uma dimensão que pode ser alcançada no prazo destinado à pesquisa, que esteja adequada aos recursos que o pesquisador tem à sua disposição, inclusive de técnicas necessárias para tal investigação, e, principalmente, para não se levantar uma hipótese que já foi contestada ou suficientemente comprovada. Afinal, para que fazer um grande esforço para tentar demonstrar uma hipótese que já foi derrubada ou comprovada? (A menos que você queira contestar os resultados que rejeitaram essa hipótese, mas isso é outro caso.)

Levantar hipóteses é olhar para o caos da sua revisão bibliográfica e afirmar, de peito aberto: *"Eu aposto que o fenômeno X causa o fenômeno Y"*. Tire a emoção, corte os adjetivos inúteis, transforme suas suspeitas em variáveis testáveis e deixe que a pesquisa de campo (ou de documentos) decida se você é o gênio da rodada ou se vai precisar reescrever tudo. Afinal, como diria a filósofa Taylor Swift: *"If you fail to plan, you plan to fail"*.

Atividades da aula 7:

1. Consertando um projeto

É muito fácil apontar o erro dos outros.

Agora, você vai ter que consertar um projeto que está indo direto para o abismo. Penelope Featherington (nossa adorável fofoqueira de Bridgerton) decidiu fazer um TCC sobre o impacto das fofocas na reputação das pessoas, mas os rascunhos dela são anticientíficos.

A sua missão é pegar o texto da Penelope e reescrevê-lo nas linhas tracejadas, transformando o "Achismo" em um Objetivo Geral e em uma Hipótese dignos de aprovação.

O projeto de Penelope

Objetivo: Saber se espalhar fofoca em panfletos anônimos é uma atitude cruel que destrói as famílias ricas.

Hipótese: Como as famílias ricas perdem dinheiro quando seus segredos são revelados?

A sua versão acadêmica:

1. Objetivo Geral (Retire o julgamento de "atitude cruel". Use um verbo analítico para relacionar "exposição de segredos" e "impacto financeiro/social"):

2. Hipótese (Transforme a pergunta dela em uma afirmação testável):

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

AVALIAÇÃO E REVISÃO

No item 1, se você escreveu algo como: "Analisar o impacto da exposição de dados sigilosos na desvalorização do patrimônio de famílias de alta renda", você foi cirúrgico. Começou com verbo de ação e retirou a palavra "cruel".

No item 2, se você respondeu afirmando algo como: "A exposição pública de escândalos familiares resulta na queda imediata dos investimentos e negócios geridos pelos indivíduos envolvidos", você acaba de ganhar a sua primeira salva de palmas. Saiu a pergunta boba, entrou a causa e o efeito.

2. Criando objetivos e hipóteses

Na metodologia de pesquisa, o Problema pergunta, o Objetivo mira com o verbo, e a Hipótese responde antecipadamente.

Abaixo, temos um Problema de Pesquisa perfeitamente estruturado, inspirado no caos financeiro causado por grandes eventos da cultura pop. Com base EXCLUSIVAMENTE nesta pergunta, você deverá redigir (criar do zero) o Objetivo Geral e a Hipótese Básica.

O Problema de Pesquisa: *"Em que medida a inflação de preços no mercado secundário (cambistas) durante a venda de ingressos para a The Eras Tour aumentou as taxas de endividamento no cartão de crédito entre jovens universitários da cidade de São Paulo no ano de 2023?"*

A Sua Tarefa:

1. O Objetivo Geral (Qual verbo cognitivo de alto nível você usaria para alcançar a resposta dessa pergunta?):

2. A Hipótese (Faça a sua aposta. Qual é a sua afirmação direta que servirá de resposta provisória para o problema acima? Indique claramente o que causa o quê):

SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO

AVALIAÇÃO FINAL

O seu Objetivo Geral deve ser um espelho da pergunta, mas trocando a interrogação por uma ação de comando. Se você escreveu: "Verificar em que medida a inflação de preços no mercado secundário durante a The Eras Tour aumentou as taxas de endividamento no cartão de crédito de jovens universitários em São Paulo", parabéns. Você entendeu que inventar coisas novas no objetivo que não estavam no problema é crime metodológico.

A sua Hipótese precisa ser afirmativa, sem medo de ser feliz (ou de errar, a ciência testa depois). Se você escreveu algo na linha de: "A ação de cambistas no mercado secundário elevou de forma desproporcional o preço final dos ingressos, causando o esgotamento do limite financeiro e o consequente aumento substancial da taxa de endividamento no cartão de crédito entre os jovens universitários paulistanos", você zerou o jogo.

Agora você sabe alinhar o esqueleto central de qualquer pesquisa acadêmica!

Aula 8: "And I remember it all too well"

Você já escolheu o tema, formulou uma pergunta impecável. Agora, chegou a hora de provar que você não está inventando a roda. Chegou a hora do **Embasamento Teórico**, também conhecido como Revisão de Literatura.

Se a sua pesquisa fosse uma categoria do Grammy, a Revisão de Literatura seria o momento em que você reverencia as lendas que vieram antes de você, antes de subir ao palco para aceitar o seu próprio prêmio.

O embasamento teórico é a fase de situar o seu trabalho dentro da grande área de pesquisa da qual ele faz parte, contextualizando-o e demonstrando familiaridade com a cultura disciplinar. É o famoso mapeamento do "estado da arte": descobrir quem já escreveu sobre o assunto, o que já foi publicado e, principalmente, quais são as lacunas que ainda existem. Além de ser uma questão de ética acadêmica dar crédito à criação intelectual alheia, essa etapa fornece a "lente" teórica (os conceitos e construtos) que você usará mais tarde para analisar os dados que coletar no mundo real.

Antes de entrarmos nas especificidades de cada área, precisamos afastar os fantasmas que assombram as bancas examinadoras. Os universitários costumam cometer crimes textuais gravíssimos nesta etapa:

1. A Síndrome da "Colcha de Retalhos"

É o erro mais letal e clássico. O aluno pega dezenas de citações diretas de vários autores e as empilha no texto, uma após a outra, sem nenhuma conexão lógica entre elas. O resultado não é um texto, é um *mashup* malfeito. A revisão de literatura difere

drasticamente de uma coletânea de resumos ou de uma colcha de retalhos de citações isoladas.

2. O Fã-Clube Acrítico

O estudante age como presidente do fã-clubes do autor que está lendo. Ele apenas repete e concorda com tudo, sem levantar problemas. A revisão exige que você reporte e avalie criticamente o conhecimento prévio, indicando as contradições entre as pesquisas citadas (onde elas se sobrepõem e onde elas contrastam).

3. O Efeito "Star Wars" (Começar de uma galáxia muito distante)

O aluno vai pesquisar o estresse em cozinheiros hoje, mas começa o capítulo falando sobre a descoberta do fogo no período Paleolítico (eu já cometi esse erro, confiem em mim: não é legal). A ciência exige foco. O excesso de informações históricas que não têm ligação direta com o problema central cansa o leitor e tira o foco da pesquisa.

A ciência não é um monólito. A forma como você lê e reporta os autores anteriores muda dependendo da sua área de conhecimento. O que é obrigatório para a Filosofia pode ser inútil para a Matemática. Vamos chamar o nosso *squad* de pesquisadoras para entender isso na prática:

Para Ester Chica, nossa estudante de Filosofia, que estuda o conceito de Estética em Aristóteles, e para Lili Minar, nossa estudante de Direito, que dissecas as falhas processuais na lei de lavagem de dinheiro, **a literatura é o próprio laboratório**. Nas áreas predominantemente teóricas, a revisão bibliográfica não é apenas uma preparação; ela quase se confunde com o próprio desenvolvimento da pesquisa.

Ester não fará experimentos (a menos se ela quiser testar quantas horas um grupo de adolescentes consegue ouvi-la falar sobre a ética em Aristóteles sem pegar o celular); ela fará uma leitura hermenêutica e exaustiva (comparando traduções, comentadores clássicos e críticos modernos). Lili, por sua vez, precisará mapear a evolução da doutrina e da jurisprudência ao longo dos anos para provar seu ponto. A teoria aqui é extensa, densa e o diálogo entre muitos autores quase sempre se impõe.

Polly Gono, nossa diva da geometria espacial, opera em outra frequência. Na Matemática ou na Física Teórica pura, a revisão de literatura tende a ser muito mais enxuta e focada. Polly não vai debater a "opinião" de Pitágoras sobre triângulos. A revisão dela serve apenas para estabelecer os *axiomas*, as fórmulas prévias e os teoremas que já foram provados por outros matemáticos. Uma vez que ela apresenta esse "estado da arte" matemático, ela parte imediatamente para sua própria dedução.

A química Malu Lécula está testando um purificador de água e Anne Stesia está avaliando o impacto da música na ansiedade de idosos em hospitais. Nas Ciências Exatas, Naturais e da Saúde (áreas experimentais), o passado distante importa pouco. Um artigo médico de dez anos atrás pode ser considerado ultrapassado. A revisão de literatura delas é altamente atualizada. Elas precisam buscar nas grandes bases de dados (como SciELO e Medline) o "estado da arte" das últimas semanas e quase nunca devem ultrapassar o período de cinco anos. Além disso, a revisão foca não apenas nas teorias,

mas nos *procedimentos metodológicos* que outros cientistas usaram: o que deu errado no experimento do cientista "X" que o experimento da Malu vai corrigir?

Cami Zeta, da área da moda, pesquisa o impacto financeiro da *Eras Tour* no consumo de roupas, e Geni Alogia investiga dinâmicas de um grupo urbano fechado. Nas Ciências Sociais Aplicadas, a revisão de literatura funciona como um cruzamento de rodovias. Elas precisam trazer a "teoria de médio alcance" ou as "grandes teorias" sociológicas (estruturalismo, materialismo) para explicar tendências do comportamento humano que orientam suas interpretações. Contudo, precisam conectar esses clássicos com dados demográficos e econômicos recentíssimos. É a arte de usar autores clássicos para explicar fenômenos estritamente contemporâneos.

Agora que você sabe o que fazer, como você resolve a temida dificuldade de escrever o texto sem parecer um robô compilador?

Você não precisa ler todos os livros do mundo da primeira à última página. Para evitar perder tempo, aplique a técnica da progressão de leitura, que vai do geral para o cirúrgico:

1. *Leitura Exploratória*: A expedição de reconhecimento. Olhe o índice, o resumo e a introdução para ver se o texto merece sua atenção.
2. *Leitura Seletiva*: Vá direto ao capítulo que importa para o seu problema.
3. *Leitura Analítica e Interpretativa*: Aqui você para e diseca. Extraia as ideias principais, os conceitos, e faça o mais importante: relacione o que o autor diz com o *seu* problema de pesquisa, ultrapassando os dados do texto e conferindo um significado mais amplo. Anote as principais ideias e citações para não esquecer de onde tirou a ideia.

A Tática do *Talk Show* (Evitando a Colcha de Retalhos)

Para não fazer a "colcha de retalhos", você precisa agir como o mediador de um debate. Os autores que você cita devem "dialogar" entre si. Em vez de escrever: *"Segundo o autor A, o céu é azul. Segundo o autor B, o céu é cinza. Segundo o autor C, as nuvens são brancas"*... Você deve usar a **síntese argumentativa e a contraposição**: *"Enquanto o autor A defende que a coloração do céu é estritamente azulada devido à refração, essa visão é duramente contestada pelo autor B, que aponta variáveis climáticas resultando em tons acinzentados. Contudo, ambos ignoram a perspectiva do autor C, que propõe..."*. Percebe a mágica? Você usou a teoria deles, mas a voz que conduz a narrativa, a autoridade intelectual do texto, é a *sua*.

O maior medo de um pesquisador é escrever quarenta páginas de teoria e elas não servirem para nada no final. Para resolver isso, estruture os subcapítulos da sua revisão com base nas **variáveis** do seu problema de pesquisa.

Se a Anne Stesia vai cruzar "Música Clássica" e "Ansiedade Hospitalar", a revisão dela terá obrigatoriamente um segmento sobre as teorias sobre música clássica e outro sobre a neurobiologia da ansiedade.

Quando ela for a campo testar os idosos, cada batimento cardíaco coletado será explicado com base nos conceitos que ela já deixou engatilhados na revisão teórica. O objeto decomposto na análise ganha sentido através da teoria.

A revisão de literatura não é um castigo burocrático. É o momento em que você convida os maiores nomes da sua área para sentar à sua mesa, escuta o que eles têm a dizer e, com um leve sorriso irônico, aponta exatamente o que eles deixaram passar em branco. É a sua fundação de concreto armado antes de levantar o prédio!

Até agora focamos na performance da Revisão de Literatura, como o texto final deve ficar, mas deixamos de fora o que acontece nos ensaios exaustivos antes do show. Deixamos de fora a engrenagem física e ética de **como ler, como guardar a informação e como lidar com fontes inacessíveis**.

Afinal, ler cinquenta artigos científicos sem um método de retenção é o equivalente a tentar memorizar todas as letras da Taylor Swift apenas escutando uma única vez: você vai esquecer, vai misturar as pontes com os refrões e, na hora de escrever, vai encarar a tela em branco em total desespero.

Para explorar esses segredos de bastidores (fichamentos, uso ético de fontes e humildade intelectual), vamos convocar as nossas pesquisadoras veteranas que enfrentaram esses exatos obstáculos.

A Tática do Cofre: O *Fichamento* (O Caso de Ana Konda)

A nossa amiga Ana Konda mudou de área (lembra que ela tinha uma fome insaciável de conhecimento? Pois agora ela cursa Biologia). Ela está fazendo uma pesquisa *ex-post-facto* difícilíssima sobre a mortandade de répteis após um vazamento químico que ocorreu há cinco anos. Ela foi para a biblioteca, leu trinta teses sobre toxicologia ambiental, achou tudo interessante, fechou os livros e foi para casa. Meses depois, na hora de escrever, ela sabia que um autor tinha uma citação perfeita sobre "bioacumulação em escamas", mas... qual autor? Em qual livro? Em que página?

A leitura sem anotação estruturada é um desastre tático. Mais uma dica de desempoderamento: você não é *o Funes, o memorioso*, do Jorge Luís Borges, você não

conseguirá reter todas as informações, por mais otimista que você seja. A solução, para a Ana e que pode ser para você também, é a confecção de **Fichas de Leitura**.

O fichamento nada mais é que a organização calculista e sistemática do conhecimento. Ana precisa separar suas leituras em categorias:

- **Ficha de Citação:** Aqui, Ana vai transcrever *exatamente* o que o autor escreveu, colocando obrigatoriamente entre aspas (" ") e anotando o número da página. Se ela esquecer as aspas nas suas anotações, meses depois ela vai achar que aquela ideia genial foi dela mesma, vai colocar no texto sem dar os créditos e cometerá plágio acidental. A banca não perdoa.
- **Ficha de Resumo:** Aqui ela não usa aspas. Ela sintetiza o capítulo lido com as suas próprias palavras. Isso prova que ela não apenas leu, mas decodificou a informação (o que exige muito mais atividade cerebral).

Sempre importante registrar a referência bibliográfica completa no topo da ficha (Autor, título, editora, ano). Quando a Ana for redigir o capítulo final, ela não precisará mais abrir os trinta livros; ela vai montar o projeto jogando as suas fichas na mesa como um estrategista. Hoje em dia temos muitos recursos tecnológicos que podem tornar isso menos exaustivo. Programas de transcrição simultânea texto-para-voz, em que você narra e o texto vai sendo digitado (tem uns errinhos, mas nada muito contraproducente de se consertar). É possível gravar áudios no celular e depois usar uma IA para fazer a transcrição... Enfim, as possibilidades são muitas que podem substituir as antigas fichas compradas em papelaria. (Alguém ainda faz isso, será? Dúvida sincera.)

O Protocolo *Gossip Girl*: Fontes de Segunda Mão e o *Apud* (O Caso de Dina Saura)

A nossa arqueóloga Dina Saura está debruçada sobre o seu Estudo de Caso, analisando o desgaste dentário de ossadas de um sambaqui. Durante suas leituras, ela encontra um livro novinho (de 2020) no qual o autor cita as anotações de um diário de um explorador alemão do século XIX, que seria perfeito para o trabalho dela.

Dina, querendo parecer extremamente culta, decide colocar no seu texto a citação do alemão como se ela mesma tivesse lido o diário original empoeirado de 1850.

Um clássico erro de vaidade intelectual. A metodologia e a ética acadêmica exigem que você nunca finja ter lido o que não leu. Se a banca perguntar como ela teve acesso a um diário raro que foi destruído em uma guerra, a credibilidade dela desmorona. Eu mesmo já fiz isso em uma avaliação: me deparei com uma fonte rara sendo citada, escrita em alemão medieval e sem tradução integral para outra língua. Então, perguntei para o aluno como ele fez para acessar a fonte e se ele lia alemão medieval. Ele respondeu que achou na internet e que traduziu com IA.

Pedi, então, o link. Ele não tinha. Pedi o arquivo, afinal, ele deveria ter baixado. Ele disse que perdeu. Para o azar do aluno, eu conhecia o texto do qual ele havia tirado a citação e disse: “Acho que seria mais bonito você reconhecer o trabalho do Fulano de Tal, que foi para a Alemanha no Doutorado e conseguiu a fonte lá.” Veja, não é demérito usar uma fonte de segunda mão desde que ela seja rara e inacessível, mas é extremamente feio, para não dizer coisa pior, fingir que você teve acesso a ela.

A solução elegante e honesta é usar a expressão latina **apud** (que significa "citado por"). Funciona como a dinâmica de *Gossip Girl*: você avisa quem disse a frase original, mas deixa claro quem foi o fofoqueiro que te contou. A Dina escreveria no texto, se usasse as normas da ABNT: “As populações costeiras tinham uma dieta estritamente abrasiva” (MÜLLER, 1850 *apud* SILVA, 2020, p. 45). Pronto. Ela informou a ideia do

explorador antigo (Müller), mas foi fria e correta ao dizer que só teve acesso a isso através do livro recente do Silva.

Além de tudo, é um reconhecimento do trabalho intelectual de outro pesquisador. Você não pode querer ser respeitado se não respeita o trabalho dos outros. E as pessoas da sua área provavelmente têm noção de qual fonte é inacessível.

A regra do inimigo íntimo

Lili Minar, nossa estudante de Direito, está montando a revisão de literatura sobre as falhas que causam impunidade na lei de lavagem de dinheiro. Lili selecionou para a sua bibliografia apenas juristas que concordam plenamente com seu argumento. Se um livro diz que os juízes estão certos, ela descarta o livro e finge que ele não existe.

Uma pesquisa não é um fã-clube fechado. Quando você elabora o "estado da arte", não pode ignorar propositalmente as correntes teóricas que contrariam a sua visão. Se Lili ocultar os juristas que defendem o outro lado, a banca examinadora vai apontar que a pesquisa dela é enviesada, tendenciosa e frágil. A atitude mais adequada seria trazer o "inimigo" para dentro do texto, expor os argumentos dele e, com sua base conceitual ou empírica, refutá-los um a um. Ao fazer isso, Lili não apenas demonstra que domina a bibliografia da área, como torna a sua própria argumentação mais sólida.

Com essas ferramentas de bastidores integradas ao seu repertório, você deixa de ser um mero leitor passivo. Criar fichamentos rigorosos, assumir a honestidade do *apud* e abraçar a humildade de ler seus opositores são os detalhes técnicos que transformam um texto razoável em uma pesquisa digna de ser publicada.

Aula 9: "What if I told you none of it was accidental?"

Seja bem-vindo ao *The Tortured Researchers Department*: chegamos à Metodologia. Se a Introdução é o momento de encantar o leitor e o Referencial Teórico você mostra que tem bagagem, a Metodologia é o momento de provar que você sabe exatamente o que está fazendo.

Na origem da palavra, que vem do grego, *meta* significa "ao largo", *odos* é "caminho" e *logos* é "estudo" ou "discurso". Ou seja, a metodologia é o estudo do caminho. É o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos que você vai adotar para atingir o conhecimento.

Se o seu projeto fosse um grande assalto em *Ocean's Eleven* ou em *La Casa de Papel*, a metodologia seria a planta baixa do cassino, a lista de equipamentos, o cronograma dos guardas e a rota de fuga. A ciência não aceita achismos; ela exige que você responda de forma fria e calculista a perguntas práticas: *como? com quê? onde? quanto?* Sem isso, a sua pesquisa perde a objetividade e a precisão.

Antes de desenhar o mapa perfeito, precisamos entender por que tantos universitários caem nas armadilhas metodológicas e entregam projetos que fazem a banca torcer o nariz. Os maiores tropeços incluem:

1. A Gafe da Coleta Genérica

O aluno diz que vai "fazer uma pesquisa", mas não especifica a população (o universo de indivíduos com a mesma característica) nem a amostra (o subconjunto que

será realmente analisado). É como tentar catalogar todos os fãs da Taylor Swift no mundo inteiro em um mês. Impossível.

2. O Frankenstein Metodológico

É quando o estudante escolhe um objetivo que pede uma pesquisa qualitativa focada em significados, mas aplica um questionário fechado de múltipla escolha que só gera números frios, quebrando totalmente a coerência e o encadeamento lógico de evidências.

3. Confundir Rotina com Método:

Dizer que o seu método de procedimento será "ler livros", "fazer gráficos" ou "ir à biblioteca". Ler livros é uma exigência prévia e fazer gráficos é tabulação de dados; o método científico real é a linha de raciocínio intelectual que você adota (dedutivo, indutivo, histórico, etc.).

Para entender como o caminho muda drasticamente dependendo do que você quer investigar, vamos analisar as sagas de cinco universitárias de áreas completamente diferentes. Cada uma delas cometeu um equívoco inicial, mas nós vamos ajuda-las.

Ester Chica é estudante de Filosofia. Ester quer estudar "*O conceito de anima em Aristóteles*". Para isso, ela planejou elaborar um formulário online e enviar no WhatsApp para 200 pessoas perguntando o que elas acham do belo. **A Solução:** Ester está

misturando as coisas. A Filosofia não precisa da opinião dos usuários do WhatsApp para entender Aristóteles. A pesquisa deve ser uma **Pesquisa Bibliográfica**, desenvolvida a partir de material já elaborado, como livros e artigos científicos.

Na metodologia, Ester precisa classificar sua pesquisa, quanto à natureza, como **Básica** (gera conhecimentos novos sem aplicação prática imediata). Quanto aos procedimentos, ela usará o método **Dedutivo**, partindo de teorias gerais para conclusões particulares. A "população" de Ester não são pessoas, são as fontes primárias (os textos originais de Aristóteles) e a literatura crítica (o que os autores modernos dizem sobre ele). Sua técnica de coleta de dados não é o formulário, mas sim a **leitura analítica**, que ordena e sumariza as informações das fontes, seguida pela técnica de elaboração de **fichamentos** (fichas de resumo, citações e comentários). É um trabalho hermético, como decifrar os *easter eggs* literários de *Folklore*.

Malu Lécula, estudante de Química, por sua vez, quer provar que uma nova substância purifica a água mais rápido. Ela misturou tudo em um béquer, viu que a água ficou limpa e escreveu na metodologia: "Fui ao laboratório e misturei as substâncias e cheguei a esse resultado". **A Solução:** A banca vai reprovar Malu por falta de rigor. A área dela exige a realeza dos métodos exatos: a **Pesquisa Experimental**. Esse tipo de pesquisa consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis capazes de influenciá-lo e definir as formas de *controle* e *observação*.

Malu precisa descrever no texto que sua pesquisa é **Quantitativa e Explicativa**. O erro fatal dela foi esquecer do grupo de controle. Na pesquisa experimental, o pesquisador precisa introduzir controles na situação (fazer uma amostra com a substância nova e outra amostra idêntica sem a substância, para comparar). A metodologia de Malu deve detalhar milimetricamente o ambiente do laboratório, a

temperatura, as medidas exatas e os aparelhos de precisão utilizados, para que qualquer outro cientista possa replicar o experimento e chegar ao mesmo resultado.

Geni Alogia, estudante de Antropologia, quer entender a dinâmica social de um grupo urbano muito fechado. Para isso, ela envia um questionário de múltipla escolha com perguntas engessadas e quantitativas. **A Solução:** Geni está agindo como a Cady Heron, de *Meninas Malvadas* (dir. Mark Waters, 2004), tentando entender as *Plastics* através de estatísticas do IBGE. Não funciona. Para investigar significados, costumes e estruturas sociais internas, Geni precisa de uma **Pesquisa Participante** ou de um **Estudo de Campo**. Esse formato exige uma abordagem **Qualitativa**, uma abordagem na qual o ambiente natural é a fonte direta de coleta de dados.

Na metodologia, Geni deve explicar que não usará amostragem estatística rígida, mas sim uma amostra intencional baseada nas características do grupo. Suas técnicas de coleta não serão formulários frios, mas a **observação participante** (onde ela se insere no cotidiano do grupo) e **entrevistas não estruturadas** ou conversas informais. Em vez de gráficos numéricos, a análise dos dados será feita pela interpretação dos discursos e do universo vivido pela população.

Polly Gono, estudante de Matemática, está formulando uma nova equação sobre geometria espacial. Ela acha que precisa preencher os tópicos de "Técnicas de Coleta de Dados" e "Amostra" no projeto, então inventa que vai analisar as formas geométricas da arquitetura de sua cidade. **A Solução:** Polly, como o detetive Monk, imersa em pura lógica, não precisa de uma amostra física. A área de Matemática pode lidar com um grau de abstração mais elevado. A pesquisa dela é puramente teórica e dedutiva.

O método de abordagem deveria ser, então, o **Método Dedutivo**, que parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis (axiomas e leis) e possibilita

chegar a conclusões de maneira puramente formal e lógica, sem precisar ir para a rua fazer observações empíricas. A metodologia dela deve focar em como ela estruturou o raciocínio matemático, descrevendo que o trabalho tem fins demonstrativos e não experimentais. Ela usará as fontes bibliográficas apenas como ponto de partida e o resto é a construção da demonstração lógica formal, sem a necessidade de definir "populações" humanas, por exemplo.

Chloe Rofila, é uma intercambista da Irlanda que estuda Ciências Ambientais. Chloe está intrigada pela quantidade de pastos e plantações de soja que observa no Brasil. Por isso, ela quer pesquisar os efeitos da poluição derivada do plantio de soja nas águas de um rio gigantesco de 500 km de extensão. Na metodologia, ela escreve que vai "analisar a água do rio". Apenas isso. **A Solução:** Chloe está subestimando a escala do problema. Como ela não tem poderes mágicos nem o orçamento do Tony Stark, ela não pode analisar a água do rio inteiro. Aqui entra a regra de ouro do **Levantamento** e das pesquisas de campo extensas: a **Amostragem**.

Chloe precisa classificar sua pesquisa como **Descritiva** ou **Ex-post-facto** (já que o experimento acontece *depois* dos fatos, ou seja, o rio já foi poluído e ela não controla a poluição). O grande trunfo da metodologia dela será descrever como ela fará a *Seleção da Amostra*. Como o universo (o rio todo) é muito grande, ela precisa usar um procedimento de **amostragem estratificada** ou **por conglomerados** (escolhendo partes específicas e delimitadas do rio que representem o todo). Além disso, deve especificar que a técnica de coleta de dados envolverá a retirada de amostras físicas e a análise documental (dados geográficos, demográficos e estatísticos da região).

A metodologia não é um obstáculo burocrático; ela é o seu álibi científico. Quando você descreve com precisão cirúrgica a sua classificação (natureza, objetivo,

procedimento), delimita a sua população e escolhe as técnicas exatas de coleta (sejam entrevistas, tubos de ensaio ou a leitura densa de um livro), você blinda o seu trabalho contra as críticas.

Nós já conseguimos entender a diferença entre as diversas metodologias possíveis. Mas, como todo fã de filmes de assalto sabe, não basta dizer que você vai invadir um cassino ou um banco; você precisa mostrar a planta baixa, os equipamentos que vai usar para arrombar o cofre e como vai dividir o dinheiro depois.

Ainda precisamos conversar sobre três engrenagens vitais da Metodologia que derrubam muitos universitários: o **Método de Abordagem** (a forma como o seu cérebro vai raciocinar), os **Instrumentos de Coleta** (as ferramentas para arrancar a verdade do mundo) e o **Tratamento dos Dados** (o que você faz com a informação depois que a consegue).

Vamos chamar as nossas cinco protagonistas para preencher essas lacunas

A literatura metodológica exige que você defina a lógica de raciocínio do seu trabalho. Você não pode simplesmente "pensar sobre o assunto"; a ciência tem regras de pensamento.

Ester Chica e Polly Gono não vão para a rua entrevistar pessoas (filósofos e matemáticos têm muito em comum). O laboratório delas é a própria mente. O erro comum aqui é se elas resolverem pular o método de abordagem. A solução para elas é declarar o uso do **Método Dedutivo**. Na dedução, partimos de premissas gerais e universais para chegar a uma conclusão particular. É a pura lógica. Se a premissa maior diz que "Todos os homens são mortais" e a menor diz que "João é homem", a conclusão inquestionável é que "João é mortal". A dedução, se as premissas forem verdadeiras, garante uma conclusão verdadeira, pois a informação já estava implícita nas premissas.

Se Polly e Ester usam a dedução, as nossas pesquisadoras de campo (Geni, Chloe e Malu) usam frequentemente o **Método Indutivo**. Nele, você age como os investigadores de *Criminal Minds*: você observa vários casos particulares para tentar criar uma lei geral, como os investigadores investigam os suspeitos para elaborarem o perfil deles. A ciência alerta: a indução chega a conclusões que são apenas prováveis, pois a conclusão encerra uma informação que não estava nas premissas. Para entender isso melhor, o fato de você nunca ter visto uma borboleta dourada não garante que todos as borboletas do mundo sejam não-douradas.

Você já sabe que tipo de pesquisa vai fazer, mas *como* vai extrair os dados das pessoas? A metodologia oferece um arsenal, mas usar a arma errada destrói o projeto. Chloe Rofila, por exemplo, poderia, em vez de usar a amostragem do rio, coletar dados de moradores ribeirinhos sobre o impacto da poluição do rio.

Para populações muito grandes (Levantamentos), a literatura aponta dois caminhos infalíveis: o **Questionário** ou o **Formulário**. Qual a diferença? O *Questionário* é uma série ordenada de perguntas que o próprio informante lê e responde por escrito. É ótimo e barato, mas se a população ribeirinha tiver baixa escolaridade, eles podem não entender as perguntas.

A saída para Chloe é o *Formulário*: uma lista de perguntas pré-codificadas na qual a **própria pesquisadora** lê a pergunta para a pessoa e anota a resposta. Isso evita distorções. Mas atenção: as perguntas não podem induzir a resposta nem usar palavras estereotipadas que provoquem reações emocionais indesejáveis. Você não pergunta: "Você é contra a poluição?", você pergunta: "Como você avalia a qualidade da água?".

Geni Alogia está morando com um grupo fechado. Ela não deve chegar com uma prancheta e um questionário de múltipla escolha fechado. A pesquisa qualitativa de

Geni exige a **Observação Participante** e a **Entrevista**. Mas não uma entrevista rígida. Ela usará entrevistas não-estruturadas ou narrativas (como histórias de vida). E sobre a observação, é importante o alerta: não confie na sua memória. Geni precisa de um planejamento prévio do que observar e fazer o registro (diário de campo) o mais rápido possível para não perder os detalhes. Ainda bem que temos tecnologias à nossa disposição para isso.

Você conseguiu os dados. A sua mesa está cheia de tubos de ensaio, questionários respondidos e áudios gravados. O que você faz agora? Se você pular essa explicação na Metodologia, a banca não perdoa.

Malu Lécula testou sua substância purificadora de água no laboratório. Mas, ao escrever a metodologia, fez da seguinte forma: "Depois do experimento, vou olhar os resultados e interpretar se a água ficou limpa usando o meu bom senso".

A Solução: Em pesquisas experimentais e quantitativas, os dados recolhidos em estado bruto. Malu precisa garantir na metodologia a confiabilidade dos dados. Ela vai indicar medidas de posição (média, mediana), medidas de dispersão (desvio-padrão) e, o mais importante, o *nível de significância* (geralmente estipulado em percentuais, como a margem de erro de pesquisas eleitorais) e os testes de hipóteses aplicáveis. Ela precisa provar que o purificador funcionou por causa da química, e não por mera obra do acaso.

E se os dados não forem números, mas textos? Suponha que Chloe Rofila recolheu 100 recortes de jornais locais sobre o rio, ou que Geni transcreveu horas de discursos do grupo que pesquisa. Para não ficar no achismo, a metodologia invoca a técnica da **Análise de Conteúdo**, que deve passar por três fases:

1. *Pré-análise*: Organizar o material e formular os primeiros palpites.

2. *Exploração do material: Categorização.* É aqui que você age como a Taylor Swift organizando suas *Eras*. Você vai pegar as dezenas de entrevistas e criar categorias (ex: falas sobre "medo da doença", falas sobre "falta de peixe").
3. *Tratamento, inferência e interpretação:* Cruzar essas categorias com a teoria base para entender o problema escondido nas palavras dos entrevistados.

Com esses três elementos finais integrados ao seu projeto, a sua Metodologia deixa de ser um mero rascunho de intenções e se torna um protocolo profissional. Você definiu a sua lógica (*Abordagem*), escolheu as suas armas (*Coleta*) e planejou como vai fatiar as informações (*Análise*). Agora sim, seu esquema de segurança contra avaliadores minuciosos está reforçado.

Mas, se a Metodologia é o seu esquema de segurança, vamos acionar agora as táticas mais avançadas de investigação.

Temos delineamentos metodológicos específicos e técnicas de bastidores que se encaixam perfeitamente nos dramas das nossas velhas conhecidas Lili Minar, Ana Konda, Dina Saura e Cami Zeta, e que nós ainda não exploramos.

Nossa aspirante a advogada implacável, Lili Minar, está investigando as falhas processuais em crimes de colarinho branco. O erro fatal que ela poderia cometer na metodologia seria classificar sua pesquisa apenas como "Bibliográfica".

Precisamos traçar uma fronteira muito rígida aqui. A pesquisa bibliográfica baseia-se em materiais que já receberam tratamento analítico por outros autores, como livros e artigos científicos. Mas a Lili não vai resolver o seu problema lendo apenas o que

outros juristas acham. Ela precisa ir direto à fonte primária, fuçar os arquivos do tribunal, ler as sentenças originais, os inquéritos policiais, as notas taquigráficas, etc.

Isso exige que ela classifique e detalhe sua metodologia como uma **Pesquisa Documental**. A diferença fundamental reside na natureza das fontes: a pesquisa documental utiliza materiais que ainda não receberam tratamento analítico aprofundado. Podem ser documentos de primeira mão (ofícios, cartas, fotografias, diários, fitas de vídeo) ou dados estatísticos brutos.

Ana Konda, por sua vez, está investigando a mortandade de uma espécie específica de répteis após o vazamento de um produto químico em um rio há cinco anos. Na hora de escrever a metodologia, ela cogita classificar o estudo como "Experimental". O orientador quase tem uma síncope.

Em uma pesquisa experimental, o cientista manipula ativamente as variáveis (ele aplica o produto químico) para ver o que acontece. Ana não pode despejar veneno num rio só para ver as cobras morrerem e anotar no caderno. Além de ser um crime ambiental, o evento já ocorreu no passado e não precisa ser replicado. (A menos que se faça uma mostra controlada em um tanque dentro de um laboratório, como o Dr. Jack Hodgins, personagem da série *Bones* (2005–2017), certamente faria.)

A saída metodológica genial para a Ana é o delineamento **Ex-post-facto** (que significa "a partir do fato passado"). Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador tenta compreender as relações de causa e efeito quando a variável independente já ocorreu naturalmente ou socialmente, sem que ele pudesse controlá-la ou manipulá-la ativamente. Ana vai observar o cenário devastado de hoje e rastrear os dados metodicamente para provar a relação com o vazamento do passado. Ela é uma

verdadeira detetive do tempo, poderia até pleitear uma vaga na equipe da Doutora Temperance Brennan.

Por falar no campo da arqueologia, nossa arqueóloga Dina Saura reduziu seu gigantesco problema inicial e decidiu focar na análise das ossadas de um único sambaqui (sítio arqueológico) preservado no laboratório da universidade. Metodologicamente, ela está conduzindo um **Estudo de Caso**, que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, permitindo um conhecimento amplo e detalhado sobre ele.

O perigo do Estudo de Caso é a banca examinadora acusar a pesquisa de ser enviesada ou de basear-se em apenas uma evidência frágil. Como Dina blinda o seu trabalho? Usando a tática da **Triangulação**.

A confiabilidade de um Estudo de Caso é garantida pela utilização de várias fontes de evidências, e a significância dos achados terá mais qualidade ainda se as técnicas de coleta forem distintas. Na prática, Dina não vai apenas olhar o desgaste dos dentes das ossadas; ela vai cruzar esse dado (técnica 1) com a análise química do solo do sambaqui (técnica 2) e com a datação por carbono-14 dos artefatos encontrados junto aos corpos (técnica 3). A convergência de resultados provenientes dessas fontes distintas oferece um excelente grau de confiabilidade. É como cruzar as letras de três músicas diferentes da Taylor Swift para confirmar sobre qual ex ela está cantando. Os dados não mentem.

Lembra da nossa amiga Cami Zeta? Ela resolveu pesquisar como a urgência de montar "looks" para a *The Eras Tour* alterou os padrões de consumo de *fast fashion* dos jovens. Ela precisa ir a campo e aplicar questionários. Mas como ela vai escolher quem responderá? Ela não pode simplesmente entrevistar os seus cinco melhores amigos (a

ciência despreza a preguiça) e também não tem orçamento para entrevistar as 40 mil pessoas do estádio.

Na metodologia de um levantamento de campo, Cami precisa definir a sua **Amostra**, um subconjunto do universo total. E, para que os dados sejam fidedignos, ela não pode usar uma amostra aleatória simples (como sortear nomes num chapéu). O público do show é muito diversificado financeiramente, e a renda afeta o consumo.

A solução metodológica é a **Amostragem Estratificada**. Esse tipo de amostragem caracteriza-se pela seleção de uma amostra de cada subgrupo (estrato) da população considerada. Cami vai dividir o público em estratos: os fãs da Pista Premium VIP (alta renda) e os da Pista Comum (menor renda). Em seguida, ela calcula a proporção matemática e entrevista uma porcentagem exata de pessoas dentro de cada um desses estratos geográficos e financeiros do estádio. Assim, ela garante que nenhuma classe social foi ignorada e que o seu resultado final é um espelho perfeito da realidade.

Percebe como nenhuma das nossas personagens precisou reinventar a roda, mas apenas escolher a ferramenta cirúrgica correta do arsenal da metodologia? Com a pesquisa documental da Lili, o *ex-post-facto* da Ana, a triangulação da Dina e a amostragem estratificada da Cami, todas elas estão prontas para entregar projetos inatacáveis. O palco está montado, as luzes estão acesas. Agora, é só fazer história.

FAQ: o guia de sobrevivência da metodologia

1. O que é, afinal, a Metodologia Científica?

Etimologicamente, vem do grego *meta* (ao largo), *odos* (caminho) e *logos* (estudo). Na prática, é a planta baixa do seu assalto em *Ocean's Eleven* ou *La Casa de Papel*: é o

conjunto de métodos, procedimentos intelectuais e técnicas rigorosas que você escolhe para chegar a um conhecimento válido. Sem ela, a ciência vira puro achismo.

2. Qual é a diferença entre pesquisa Básica e pesquisa Aplicada? (Natureza)

A pesquisa **Básica** gera conhecimentos novos apenas pelo avanço da ciência, sem a preocupação de resolver um problema prático imediato — é a arte pela arte, como o álbum *Folklore*. Já a pesquisa **Aplicada** produz conhecimentos direcionados à solução de problemas específicos e concretos da sociedade — como calcular a aerodinâmica exata da armadura do Homem de Ferro para que ele não caia do céu.

3. Qual a diferença entre os métodos Dedutivo e Indutivo? (Abordagem)

O método **Dedutivo** vai do geral para o particular. Você usa uma lei universal já comprovada para explicar um caso específico (é a lógica pura de Sherlock Holmes). O método **Indutivo** faz o caminho inverso: vai do particular para o geral. Você observa vários casos isolados (como os agentes de *Mindhunter* entrevistando serial killers um por um) para, no final, tentar criar uma regra ou perfil geral.

4. Exploratória, Descritiva ou Explicativa: qual escolher? (Objetivos)

- **Exploratória:** É o episódio piloto. Serve para você se familiarizar com um tema pouco estudado, levantar informações iniciais e criar hipóteses.

- **Descritiva:** É um documentário detalhista. Você apenas observa, registra, classifica e descreve as características de um fenômeno ou população, sem interferir nele.
- **Explicativa:** É a revelação do *Season Finale*. É a mais complexa, pois busca identificar os fatores exatos que causam ou determinam um fenômeno (o porquê das coisas).
-

5. Qual a diferença entre pesquisa Bibliográfica e Documental? (Procedimentos)

A pesquisa **Bibliográfica** é feita com materiais que já foram analisados e publicamente digeridos por outros autores, como livros e artigos científicos. A pesquisa **Documental** vai direto na fonte bruta, em materiais que ainda não receberam tratamento analítico. Podem ser fotografias, cartas antigas, boletins de ocorrência ou dados estatísticos puros — pense neles como as *Vault Tracks* (músicas do cofre) da Taylor Swift: originais e esperando pela sua interpretação.

6. Como escolho entre Questionário, Formulário e Entrevista? (Técnicas de Coleta)

Questionário: Uma série de perguntas impressas ou online que o próprio pesquisado lê e responde sozinho. É rápido, barato e garante o anonimato, mas ele pode não entender a pergunta.

Formulário: Uma lista de perguntas que o próprio pesquisador (você) preenche enquanto faz a pergunta para a pessoa. Evita erros de interpretação por parte do entrevistado.

Entrevista: Uma conversa estruturada frente a frente. Dá mais trabalho, mas permite que você perceba reações, aprofunde as perguntas e extraia dados muito mais ricos.

7. Qual a diferença entre abordagem Qualitativa e Quantitativa?

A pesquisa **Quantitativa** traduz tudo em números. Ela usa a frieza das estatísticas, médias, gráficos e porcentagens para provar algo. A pesquisa **Qualitativa** foca na intensidade e na compreensão profunda dos significados. O ambiente natural é a fonte de dados, e o pesquisador analisa as entrelinhas e os discursos.

8. O que é um Estudo de Caso?

É o estudo exaustivo, minucioso e profundo de um único objeto (ou uns poucos objetos) inserido em seu contexto da vida real. Você não quer usar os dados para criar uma regra válida para o mundo inteiro, mas sim para entender aquela pessoa, empresa ou evento de forma perfeita. Exige o uso de várias fontes de evidências diferentes (a tática da triangulação) para garantir que a sua visão não está tendenciosa.

Atividades da Aula 09

1. Ordenando o Caos

É fácil rir do projeto alheio; o desafio é consertar o caos. Abaixo, você tem o rascunho de metodologia de uma estudante que está investigando o comportamento de "cancelamento" no X (antigo Twitter). O texto está informal, vago e não atende aos critérios de cientificidade (clareza, precisão e linguagem rigorosa).

O Rascunho: *"Vou fazer minha pesquisa entrando no Twitter todo dia de noite pra ver o que a galera está falando sobre os famosos. Depois, vou mandar umas perguntas no grupo do WhatsApp da minha sala da faculdade para ver se eles já cancelaram alguém, porque é mais fácil falar com meus amigos. No fim, vou juntar tudo e dar minha opinião."*

A Sua Missão: Reescreva esse parágrafo nas linhas abaixo. Transforme esse texto em uma descrição de **Pesquisa de Levantamento** ou **Estudo de Campo**, definindo corretamente a coleta de dados (questionário/observação) e a amostra, utilizando a terceira pessoa do singular (impessoalidade).

A Sua Versão Científica:

2. Defina o método

Chegou a hora de jogar sem rede de proteção. Você é o pesquisador e precisa definir o "esqueleto" metodológico exato do seu projeto. Considere o cenário abaixo e preencha as lacunas criando as diretrizes da sua própria pesquisa:

- **O seu Tema:** A influência da estética dos anos 80 da série *Stranger Things* no aumento do consumo de moda *vintage* (brechós).
- **O seu Problema:** De que maneira a caracterização de personagens de streaming altera o comportamento de compra de vestuário entre jovens universitários da cidade X?

Defina a sua Metodologia (Seja direto e use termos técnicos):

1. **Abordagem (Qualitativa ou Quantitativa? Por quê?):**
2. **Procedimento Técnico (Será Bibliográfica, Documental, Estudo de Caso ou Levantamento de Campo? Justifique):**
3. **Técnica de Coleta e Amostra (Como e de quem você vai arrancar esses dados no mundo real?):**

[] [] **SÓ ULTRAPASSE APÓS TER FINALIZADO** [] []

AVALIAÇÃO E REVISÃO

Como você se saiu nessa jornada? Verifique suas respostas com a frieza de um acadêmico examinando provas sob a lente de um microscópio:

Na primeira questão: Se você reescreveu o texto caótico cortando o "vou fazer" e "minha opinião", você está no caminho certo. Uma versão aceitável seria algo como: *"A pesquisa caracterizar-se-á como um levantamento de campo, com abordagem mista. A coleta de dados ocorrerá mediante a aplicação de questionários estruturados a uma amostra por conveniência composta por 50 estudantes universitários. Adicionalmente, será realizada a observação sistemática e documentação de interações em redes sociais durante o período de 30 dias. A análise dos dados excluirá juízos de valor pessoais, focando na categorização das respostas obtidas"*. Saiu o amadorismo, entrou a linguagem científica.

Na segunda questão: A sua planta baixa precisa fazer sentido lógico.

- Para a **Abordagem**, você poderia escolher *Quantitativa* (se for focar apenas em porcentagens de quem compra e quanto gasta) ou *Qualitativa* (se for focar nos significados emocionais de vestir roupas dos anos 80).

- Para o **Procedimento**, como envolve pessoas reais consumindo hoje, o ideal é um *Levantamento* (survey) ou um *Estudo de Campo*. (Atenção: não pode ser Estudo de Caso a menos que você vá analisar apenas *um* brechó específico).
- Para a **Coleta e Amostra**, você deveria ter sugerido algo como "aplicação de formulários com jovens de 18 a 25 anos frequentadores de brechós na cidade X".

Se as suas respostas se alinham a essa lógica, guarde a caneta. O seu plano de ação está traçado e blindado contra qualquer crítica da banca!

Aula 10: “August slipped away into a moment in time”

Bem-vindos à era *Midnights* da sua pesquisa acadêmica, o momento em que você percebe que o tempo é um monstro assustador e que as madrugadas serão suas melhores amigas. Você já tem o problema, a justificativa e os objetivos. O carro está montado. Mas se você não souber *quando* vai ligar o motor e *quando* precisa chegar ao destino final, seu TCC, dissertação ou tese vai virar um episódio interminável de *Lost*: você vai correr em círculos, ter alucinações e o final vai decepcionar todo mundo.

Na Metodologia Científica, o mapa temporal do seu projeto atende pelo nome de **Cronograma**. Ele é a resposta nua e crua para a pergunta "*Quando?*". A pesquisa deve ser dividida em partes, e você precisa prever o tempo necessário para saltar de uma fase para a outra. É a famosa representação gráfica, muitas vezes chamada de gráfico de Gantt, onde linhas indicam as fases e colunas indicam os meses ou semanas.

A regra de ouro (e que salva a saúde mental do universitário) é entender que **algumas fases podem ser executadas simultânea e independentemente, mas outras são estritamente dependentes das anteriores**. Você não pode, por exemplo, analisar dados (fase D) se ainda não aplicou os questionários (fase C). E, claro, a literatura avisa: seja realista e deixe uma margem de segurança para imprevistos, porque a Lei de Murphy é apaixonada por pessoas desesperadas para entregarem um trabalho na data.

Para entender como a metodologia dita o relógio, vamos chamar de volta as nossas duas *amigas*, Lili Minar (Direito) e Anne Stesia (Saúde), e montar os cronogramas delas para um semestre ideal de 6 meses. Como as áreas são diferentes, os relógios delas batem em ritmos completamente distintos.

3. O CRONOGRAMA DE LILI MINAR (A Era *Reputation* no Tribunal)

Lili, nossa aspirante a Alicia Florrick, está fazendo uma pesquisa documental e qualitativa sobre "falhas processuais que geram impunidade em crimes de lavagem de dinheiro". Ela não vai a campo entrevistar pessoas; o campo dela são os arquivos dos tribunais e os livros de Direito.

O cronograma de Lili é pesado na leitura e na coleta de documentos. Ela não depende da boa vontade de pessoas responderem formulários, mas depende de conseguir acesso a processos (que podem ser sigilosos) e de muito tempo de leitura analítica.

A Estrutura de 6 Meses da Lili:

- **Mês 1: A Preparação e a Teoria de Base.** Lili passa o mês trancada na biblioteca lendo doutrinas e a legislação histórica (Revisão de Literatura).
- **Mês 2 e 3: A Coleta de Dados Documentais.** Aqui começa o trabalho de campo da advogada. Ela vai mergulhar na jurisprudência do Tribunal de Justiça. Esse trabalho leva tempo porque ela precisa triar centenas de decisões até achar as que se encaixam no seu problema. (Nota: A revisão de literatura continua simultaneamente).
- **Mês 4: O Julgamento Final (Análise dos Dados).** Com as decisões em mãos, ela começa a comparar as teses de defesa que deram certo com as falhas dos processos.

- **Mês 5: A Redação.** Escrever os capítulos, amarrando a teoria com a análise jurisprudencial.
 - **Mês 6: O Polimento.** Formatação nas rigorosas normas da ABNT, revisão de português e entrega final.
-

4. O CRONOGRAMA DE ANNE STESIA (A Era *Lover* na UTI)

Anne, a nossa fã de *Grey's Anatomy*, tem um problema muito mais burocrático e complexo. A pesquisa dela é quantitativa, experimental e envolve a saúde de seres humanos.

Diferentemente de Lili, Anne **não pode simplesmente começar a coletar dados**. Como ela vai mexer com pacientes reais (medir pressão e frequência cardíaca), o cronograma dela tem um "chefão" obrigatório no meio do caminho: o **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)**. Ela precisa enviar um protocolo detalhado para o CEP aprovar antes que ela chegue perto de um paciente. Se ela esquecer isso no cronograma, a pesquisa é cancelada por crime ético.

A Estrutura de 6 Meses da Anne:

- **Mês 1: O Roteiro Cirúrgico e o CEP.** Revisão de literatura inicial e elaboração urgente do Protocolo de Pesquisa para envio ao Comitê de Ética.
- **Mês 2: A Espera e o Pré-teste.** Enquanto aguarda a aprovação do CEP, Anne continua lendo. Assim que aprovado, ela faz o **Pré-teste** ou *Pesquisa-piloto*. Ela aplica a música em um ou dois pacientes idosos só para ver se a altura do som

está boa, se os fones não machucam e se o medidor de pressão está funcionando. É a hora de arrumar os erros da engrenagem.

- **Mês 3 e 4: O "Código Azul" (Coleta de Dados).** Anne vai para o hospital. A aplicação musical e a medição de pressão dos idosos duram dois meses seguidos. É a fase mais crítica, e ela não pode fazer mais nada enquanto não terminar isso.
 - **Mês 5: A Matemática Fria (Tabulação e Análise Estatística).** Com os dados aferidos, ela joga tudo em tabelas e gráficos para calcular se a redução da pressão foi estatisticamente significativa. Diferente da Lili, a análise da Anne é feita de números frios cruzados com a teoria.
 - **Mês 6: O Relatório Médico (Redação e Entrega).** Escrever as conclusões, formatar nas normas, imprimir e entregar. *Out of the woods*, finalmente!
-

Ao construir o cronograma, você precisa agir como o diretor de um filme traçando o plano de filmagens. Coloque no papel (ou numa planilha) os meses nas colunas e as tarefas nas linhas, e vá pintando os quadradinhos de acordo com a previsão. Lembre-se da cartilha metodológica: atividades puramente intelectuais (como ler e revisar literatura) são elásticas e permeiam quase todos os meses. Já as atividades práticas (como enviar questionário, fazer tabulação estatística ou esperar a boa vontade de um Comitê de Ética) são blocos rígidos. Se um bloco desses atrasar, toda a sua turnê corre o risco de ser cancelada. Planeje com antecedência, deixe uma margem para o caos, e você sobreviverá à banca!

Ainda precisamos falar sobre a **hierarquia de dependência das tarefas**.

Como qualquer atividade humana, a pesquisa implica tempo e, sem a elaboração de um cronograma, o pesquisador corre o risco de perder totalmente o controle do projeto. Você pode ter a mente brilhante do Walter White, mas se não souber gerenciar o tempo, o seu projeto não sobrevive.

Não seja tão otimista. (Este não é um livro de autoajuda, então eu posso falar para você duvidar um pouco das suas capacidades, porque acho importante manter os pés no chão). O cronograma é apenas uma estimativa de tempo e, por uma série de fatores imprevistos, se você não o segurar com mãos de ferro, os prazos podem (e vão) deixar de ser observados.

O grande segredo é a **regra da hierarquia metodológica**. Enquanto algumas partes podem ser executadas simultaneamente (como ler teoria e escrever a introdução), existem outras que são rigorosamente dependentes das anteriores. Você não pode ter um surto de produtividade e decidir analisar dados se você ainda não levantou os dados, por exemplo. Você não pode deixar a ordem das faixas no aleatório; a pesquisa não é o botão *shuffle* do Spotify.

Para que você não seja pego pelo relógio do Vecna, aqui está o guia prático para montar a sua matriz de sobrevivência:

Passo 1: A Setlist

Você não escreve "Fazer TCC" no cronograma, assim como a Taylor Swift não sobe no palco e diz "Cantar Músicas".

A pesquisa é dividida em partes. Liste cada microtarefa.

Uma lista realista para seis meses inclui: 1. Revisão de literatura (que permeia vários meses); 2. Elaboração de instrumentos; 3. Coleta de dados; 4. Análise e interpretação; 5. Redação final; 6. Revisão e formatação ABNT.

Passo 2: O Paradoxo Temporal

Agora, olhe para a sua lista com frieza calculista. O que pode ser feito ao mesmo tempo e o que bloqueia o próximo passo?

- *O Simultâneo:* A revisão de literatura (ler livros) pode e deve ser feita simultaneamente a quase todas as etapas. Mas é bom colocar um limite ou você descobrir um artigo incrível quando já estiver na conclusão e precisar mudar muita coisa para o incorporar.
- *O Sequencial:* A elaboração do questionário precisa vir antes do pré-teste do instrumento; a coleta vem antes da análise.
- Se a tarefa B depende da tarefa A, você nunca as insere no mesmo mês sem prever que a A precisa terminar na primeira quinzena para a B começar na segunda. Analise se é factível.

Passo 3: Desenhando o Mapa

Esqueça planilhas caóticas. O cronograma científico é uma representação visual clara que indica as fases/tarefas da pesquisa e o tempo previsto, geralmente em meses. Essa é a forma mais simples de se fazer isso.

- Na primeira coluna vertical, você lista as tarefas do Passo 1.
- Nas colunas horizontais seguintes, você coloca os meses (Ex: Agosto, Setembro, Outubro...).
- Vá marcando um "X" nos quadradinhos correspondentes a quando a tarefa vai ser executada. A revisão bibliográfica, por exemplo, vai ter um "X" espalhado por quase todos os meses.

Passo 4: A Margem para o *Upside Down*

Você deve ser realista porque imprevistos sempre ocorrem. Desculpe não estar muito condescendente hoje. Mas, nunca agende o término da análise de dados para o dia 29 se a redação final precisa ser entregue no dia 30.

A impressora vai quebrar. A ENEL vai resolver mudar a fiação do seu bairro. A internet vai ser cortada. O teclado do notebook vai desconfigurar. O orientador vai demorar três semanas para ler o seu rascunho porque ele também tem vida própria. Deixe sempre o último mês reservado **exclusivamente** para ajustes, revisão linguística e formatação nas normas da ABNT.

Algumas dicas extras que podem ajudar:

1. **O fator "Semana de Provas":**

Quando for preencher as colunas de tempo, lembre-se do calendário da faculdade. Não coloque "coleta de dados massiva" bem no mês das provas finais ou de um evento acadêmico no qual você vai apresentar um trabalho. Você vai ter um colapso digno do Carmy Berzatto gerenciando a cozinha em *The Bear*.

2. A "Síndrome da ABNT":

Estudantes acham que formatar o trabalho leva uma tarde. Mentira. Ajustar margens, paginação, referências alfabéticas e checar citações pode levar dias, mesmo se você tiver experiência. Não confie nas suas habilidades de formatação. Sempre que possível, pague alguém experiente para fazer isso por você. Coloque a "Formatação" como uma tarefa autônoma no seu cronograma e dê a ela o respeito que merece.

3. Seja flexível, mas não seja frouxo:

O planejamento da pesquisa, na maioria dos casos, tende a ser flexível para se adaptar às dificuldades. Se um mês atrasar, ajuste a tabela, mas corte de outra área (que não seja sua vida social ou você vai ter um burnout). O que não pode acontecer é você não saber que está atrasado!

Pronto! Pode dar *play* no cronômetro!

Atividades da aula 10:

O cronograma é a resposta fria e numérica para a pergunta "*Quando?*". Lembre-se de duas regras vitais de sobrevivência: **1)** algumas tarefas são elásticas e podem ser feitas simultaneamente a outras; **2)** outras tarefas possuem **dependência metodológica** (você não pode pular a música).

Abaixo, você encontrará o esboço de cronograma de um universitário desesperado, que tem 6 meses para entregar a pesquisa. O planejamento dele é um desastre absoluto e, se ele seguir isso, o projeto vai colapsar antes do Mês 3.

Sua missão é assumir o papel de orientador, diagnosticar os erros na linha do tempo e consertar a estrutura:

O Cronograma Original:

- **Mês 1:** Escolha do Tema e Formulação do Problema.
- **Mês 2:** Análise e Interpretação dos Dados.
- **Mês 3:** Coleta de Dados (Aplicação de questionários na rua).
- **Mês 4:** Codificação e Tabulação estatística.
- **Mês 5:** Início e Fim da Revisão de Literatura (Ler todos os livros).
- **Mês 6:** Redação Final e Formatação nas Normas ABNT.

A Sua Missão:

A) O Paradoxo Temporal: Existe um erro gravíssimo de dependência estrita nos Meses 2, 3 e 4. O aluno tentou fazer viagens no tempo que nem o *Doctor Who* aprovaria. Explique, metodologicamente, por que a ordem dessas três tarefas específicas é fisicamente e cientificamente impossível:

B) A Síndrome da Leitura Atrasada: Olhe para o Mês 5. Qual é o erro brutal em relação ao posicionamento temporal da "Revisão de Literatura" num cronograma real? Como ela deveria ser distribuída ao longo dos meses?

C) A Sua *Taylor's Version* do cronograma: Reescreva a ordem lógica e cronológica estrita **apenas** para as atividades de campo (Coleta, Tabulação e Análise), distribuindo-as nos meses corretos para que a pesquisa faça sentido.

- **Mês 2:**

- **Mês 3:**

- **Mês 4:**

AVALIAÇÃO E REVISÃO

Pegue sua caneta vermelha. É hora de ver se você salvou o semestre do aluno ou se o TCC dele foi parar no Mundo Invertido. Avalie suas respostas:

- **Sobre a Questão A (O Paradoxo Temporal):** Você deve ter percebido que o aluno agendou a "Análise e Interpretação" para o Mês 2, sendo que a "Coleta de Dados" só aconteceria no Mês 3 e a "Tabulação" no Mês 4. Se você respondeu algo como: *"É impossível analisar dados que ainda não foram tabulados, e é impossível tabular dados que ainda não foram coletados. Existe uma dependência metodológica inflexível: primeiro se coleta (vai a campo), depois se tabula (organiza os números/fichas) e só então se analisa e interpreta"*, você foi cirúrgico! Lembre-se também de que, ao entregar o projeto, a escolha do Tema e a formulação do problema já foram realizados. Então, ou o aluno tem uma máquina do tempo e pode voltar para antes de o projeto ser escrito ou isso não pode estar no cronograma do projeto. Entende?
- **Sobre a Questão B:** Se você escreveu que *"A Revisão de Literatura não é um bloco isolado que se faz no penúltimo mês. Ela é uma tarefa simultânea e elástica, que deve permear praticamente todo o cronograma, iniciando no Mês 1 e se estendendo até a redação final"*, parabéns! A teoria metodológica avisa que a leitura embasa todas as outras fases. Deixar para ler a teoria depois de ter "analisado" os dados (no delírio original do aluno) é um crime acadêmico.

- **Sobre a Questão C:** Para consertar a linha do tempo e fazer a transição perfeita de Eras, a sequência inflexível que você deveria ter anotado é:
 - **Mês 2:** Coleta de Dados (O trabalho suor e lágrimas na rua/laboratório).
 - **Mês 3:** Codificação e Tabulação estatística (A hora de jogar tudo nas planilhas).
 - **Mês 4:** Análise e Interpretação dos Dados (A hora de olhar para as planilhas e escrever a sua grande descoberta).

Se o seu diagnóstico bateu com essa correção, respire fundo: você domina tem o controle administrativo absoluto sobre o seu tempo.

“Dear Reader”

Chegamos à nossa *series finale*. Mas o show ainda não acabou.

Antes de entregar a sua pesquisa ao mundo, existe uma barreira implacável chamada **Revisão e Formatação**.

Você pode ter a mente brilhante do Sherlock Holmes e ter feito descobertas dignas de um Prêmio Nobel, mas se você entregar o seu trabalho formatado como um rascunho de grupo de WhatsApp, a banca examinadora será letal.

A redação de um trabalho científico requer cuidados fundamentais no que diz respeito à expressividade, devendo o texto ser apresentado de forma coerente e coesa. A forma como você veste a sua pesquisa importa tanto quanto o conteúdo dela.

Sempre falo para os meus alunos que se entregarem trabalhos sem justificar o texto, sem espaçamento entre linhas 1,5 e sem delimitar o espaçamento entre parágrafos para 0, em vez de 10, eles poderão, no máximo, tirar 8. A fonte também não pode ser muito estranha. A organização espacial do texto é o primeiro critério avaliativo, silencioso, ao qual seu projeto vai ser submetido. Imagine como uma banca avaliaria um texto mal formatado. Ela pensaria: “se um projeto de poucas páginas o aluno não conseguiu formatar, imagina a pesquisa inteira!” Parece bobo, mas não é.

Então vale a pena gastar um tempinho com isso, sim.

Se estiver inseguro, contrate um profissional para fazer isso por você.

Na hora de colocar o seu texto nas normas, você geralmente esbarra em duas grandes “casas de alta-costura” acadêmica. Vamos focar nas diferenças práticas entre a

ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e a **APA 7** (American Psychological Association):

- **O Estilo e a Vibe:** A ABNT é detalhista, rigorosa e manda no Brasil. Ela exige que você divida o trabalho metodicamente em elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. A APA 7, queridinha das publicações internacionais, é mais minimalista, limpa e direta ao ponto.
- **A Lista de Referências (O Grande Choque):**
 - *A Cidade Perdida:* Na ABNT, você é obrigado a colocar a cidade de publicação do livro. Na APA 7, a cidade foi banida; você coloca apenas a editora. Menos uma dor de cabeça.
 - *Os Autores:* Na ABNT, o sobrenome do autor vem gritando em CAIXA ALTA nas referências (o que eu, particularmente, acho horrível). Na APA 7, apenas a primeira letra é maiúscula, seguida pelas iniciais do nome.
 - *O Casal de Autores:* Para ligar dois autores, a ABNT manda você usar "e" ou ";" (dependendo de onde a citação está). A APA 7 é pragmática e adota o "e comercial" (&) antes do último autor.
 - *O Título do Livro:* Na ABNT, o título fica em negrito ou itálico, e você respeita as maiúsculas e minúsculas. Na APA 7, o título fica em itálico, mas você usa o *sentence case* (apenas a primeira letra da primeira palavra e nomes próprios ficam em maiúsculas, o resto é rebaixado).

Geralmente, a instituição de ensino deixa claro no Edital se exige a ABNT. Se não houver a exigência, você pode escolher a APA 7, mas talvez seja melhor jogar no safe e

ir direto para a ABNT. Tem instituições, revistas e editoras que adotam as próprias normas. Isso também está no edital. É só obedecer. O edital é seu guia.

Para garantir que nenhuma ponta metodológica ficou para trás, aqui está o *checklist* definitivo de todos os passos que construímos juntos. Revise cada um deles:

1. Escolha e Delimitação do Tema:

Você não salva o mundo inteiro de uma vez; você escolhe uma cidade. O tema é a especificação do assunto sobre o qual versará o estudo. A escolha deve considerar a sua afinidade pessoal, a relevância do assunto e a existência de bibliografia suficiente. É sair da ideia vaga "Quero estudar *Stranger Things*" para "A estética dos anos 80 no figurino de *Stranger Things* e o consumo jovem".

2. Formulação do Problema:

É a "mola propulsora" do trabalho. Trata-se de uma interrogação clara, precisa e objetiva que a sua pesquisa pretende responder. A ciência não é feita de certezas, é feita de dúvidas. O problema deve ser empiricamente testável e ter uma solução viável dentro das suas condições de mortal.

3. Justificativa:

O momento de vender o seu peixe. Este item responde ao "porquê" da pesquisa, destacando os motivos de ordem prática e teórica que tornam importante a realização

do estudo. O objetivo é convencer o leitor (e o financiador) de que a sua pesquisa é a melhor coisa que aconteceu desde o álbum *1989*.

4. Definição dos Objetivos:

Indicam "para quê" se estuda o fenômeno. Os objetivos devem ser sempre expressos com verbos no infinitivo (analisar, classificar, avaliar). O Objetivo Geral é a visão global do que se pretende alcançar, enquanto os Específicos são os degraus exatos que você vai subir para chegar até lá.

5. Construção de Hipóteses:

É a sua aposta na roleta acadêmica. Hipótese é a suposição provisória que fazemos na tentativa de explicar o que desconhecemos. Deve ser uma afirmação clara que relaciona variáveis, livre de julgamentos morais, e que você passará o resto do TCC tentando comprovar (ou refutar elegantemente).

6. Revisão de Literatura (Embasamento Teórico):

A fase de situar o trabalho dentro do "estado da arte", reconhecendo a criação intelectual de outros autores. Fuja do erro fatal da "colcha de retalhos" ou de apenas empilhar resumos. Você deve promover um diálogo crítico entre as pesquisas, atuando como o mediador do debate.

7. Metodologia (Delineamento da Pesquisa):

É a sua planta baixa. Descreve "como" a pesquisa será feita, classificando-a quanto à natureza (básica/aplicada), aos objetivos (exploratória/descritiva/explicativa) e aos procedimentos (bibliográfica, experimental, estudo de caso). Aqui você tira a máscara e confessa os bastidores: define a população, a amostra e as armas de coleta (entrevistas, questionários).

8. Coleta e Análise de Dados:

A hora do suor e das lágrimas. Envolve a obtenção das informações reais e sua posterior organização. A análise pode ser **quantitativa**, usando a frieza dos métodos estatísticos, ou **qualitativa**, focando na atribuição de significados, análise de discurso ou interpretação profunda dos fenômenos.

9. Cronograma:

O domínio do tempo. O cronograma responde à pergunta "quando?". É a etapa que divide a pesquisa em partes, prevendo o tempo de execução e respeitando o fato inegável de que algumas tarefas são estritamente dependentes de que outras terminem primeiro.

10. Redação e Formatação:

O polimento final do diamante. O texto científico deve ser impessoal (geralmente em 3ª pessoa), pautar-se pela clareza, objetividade e correção gramatical. Estruturalmente, um trabalho acadêmico (TCC, dissertação ou tese) obedece à sagrada trindade: elementos pré-textuais (capa, folha de rosto, resumos), textuais (introdução, desenvolvimento, conclusão) e pós-textuais (referências, apêndices).

Olhe para trás e veja a estrutura monumental que você construiu. Fazer ciência não é para os fracos de coração. Exige abrir mão de fins de semana, lidar com a síndrome do impostor, encarar de frente a tela em branco e ter a coragem de submeter as suas ideias mais preciosas ao crivo impiedoso de uma banca.

O fato de você ter chegado até aqui, esmiuçando cada detalhe metodológico, prova que você não está apenas em busca de um pedaço de papel com um carimbo da universidade; você está preocupado em fazer seu melhor e apresentar um projeto de pesquisa memorável.

Foi muito bom acompanhar você nesse processo.

Respire fundo, imprima a versão final e vá brilhar. O palco é todo seu!

Referências Bibliográficas

Botomé, S. P., & Gonçalves, H. M. (1994). Redação passo a passo. Editora Vozes; Editora da Universidade Caxias do Sul.

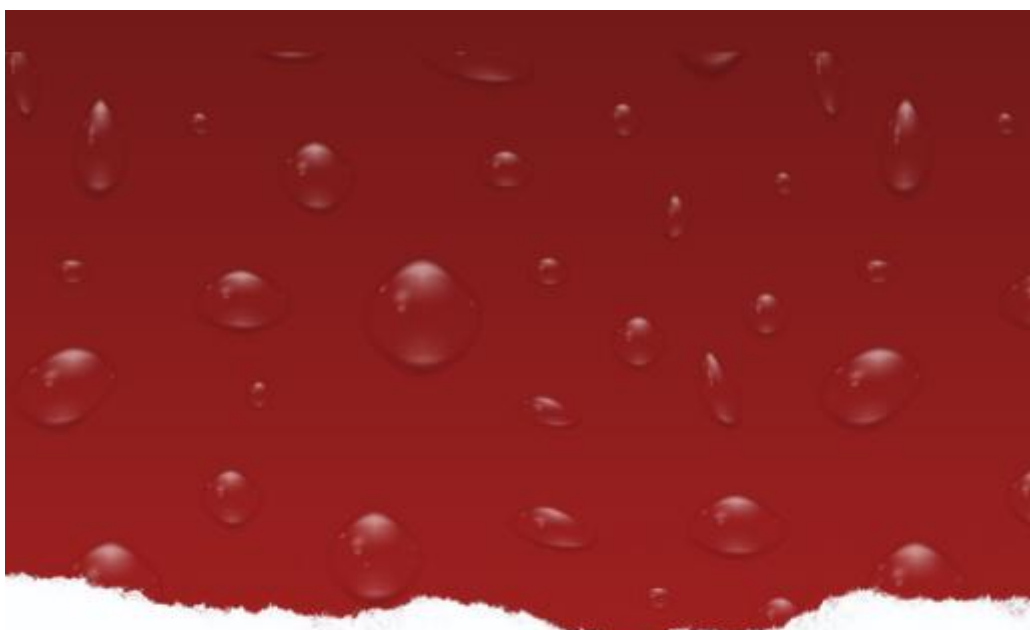
Eco, U. (2019.). Como se faz uma tese (27a ed). Editora Perspectiva.

Gil, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa (4a ed.). Editora Atlas.

Hernández Díaz, F. (1996.). Metodología del estudio. McGraw-Hill Interamericana.

Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (1992). Metodologia do trabalho científico (3a ed.). Editora Atlas

Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de. (2013). Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico (2a ed.). Universidade Feevale.



Um livro que é um curso, um curso que é leve, irônico e permeado de referências pop. Ainda vai ajudar você a retirar, passo a passo, seu Projeto de Pesquisa do mundo das ideias. E de graça.

